

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

ÁLVARO JOSÉ MARIA FILHO

DISCURSO E MANIPULAÇÃO: OS MECANISMOS PERSUASIVOS  
PRESENTES NOS DISCURSOS DE JIM JONES

Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 28/05/2015.

VITÓRIA  
2015

ÁLVARO JOSÉ MARIA FILHO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 28/05/2015.

DISCURSO E MANIPULAÇÃO: OS MECANISMOS PERSUASIVOS  
PRESENTES NOS DISCURSOS DE JIM JONES

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória – FUV – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro

VITÓRIA  
2015

José Maria Filho, Álvaro

Discurso e manipulação / Os mecanismos persuasivos presentes nos discursos de Jim Jones / Álvaro José Maria Filho. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015.

ix, 107 f. ; 31 cm.

Orientador: Osvaldo Luiz Ribeiro

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015.

Referências bibliográficas: f. 101-107

1. Ciências das religiões. 2. Discurso religioso. 3. Manipulação. 4. Lavagem cerebral. - Tese. I. Álvaro José Maria Filho. II. Faculdade Unida de Vitória, 2015. III. Título.

ALVARO JOSÉ MARIA FILHO

DISCURSO E MANIPULAÇÃO: OS MECANISMOS MANIPULATIVOS PRESENTES  
NOS DISCURSOS DE JIM JONES

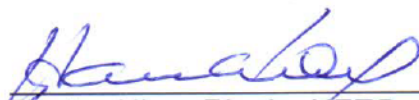
Dissertação para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões no  
Programa de Mestrado Profissional em  
Ciências das Religiões da Faculdade Unida  
de Vitória.



Doutor Osvaldo Luiz Ribeiro – UNIDA (presidente)



Drnd. Francisco de Assis Souza dos Santos – UNIDA



Doutor Hiran Pinel – UFES



## DEDICATÓRIA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 28/05/2015.



Dedico esta conquista à minha família.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, a Deus.

Aos meus pais.

À minha esposa, pela paciência e incentivo.

Ao meu irmão Jacson José Maria.

Ao meu orientador Professor Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro.

A todos os professores do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões.

A todos os colaboradores da Faculdade Unida de Vitória.

Aos colegas de trabalho do IFES de Nova Venécia pela colaboração.

Aos amigos e colegas de curso.



## RESUMO

O objetivo primordial deste trabalho foi buscar nos discursos manipulativos do líder religioso Jim Jones os elementos que lhe deram a capacidade para, em 1978, induzir um grande número de seus seguidores a cometer o que ele chamou de “suicídio revolucionário”. Para atingir o seu fim, a pesquisa se concentrou inicialmente no estudo do discurso em geral e, posteriormente, em um de seus tipos, o discurso religioso, em virtude de ser ele uma ponte de comunicação entre o mundo espiritual e os homens. Não foram ignorados outros fatores que também contribuíram para a tragédia, tais como o papel da mente na manipulação, pois se acredita que muitas das atitudes tomadas por membros de grupos religiosos são resultado de lavagens cerebrais exercidas sobre eles por seus líderes. Como os membros da seita se encontravam nas selvas da então Guiana Inglesa, distantes do mundo civilizado, o isolamento do grupo foi também um fator levado em consideração, uma vez que, ao se substituir os laços afetivos que mantêm as pessoas unidas aos seus familiares por outros que consolidam suas relações dentro de um grupo religioso, elas se tornam vulneráveis às investidas realizadas por aqueles que pretendem manipulá-las. Os resultados alcançados apontam que o discurso, se em poder de pessoas mal-intencionadas, pode se tornar uma arma potencialmente nociva, trazendo como consequência danos sociais irreparáveis, daí a importância de seu estudo.

Palavras-chave: Discurso religioso, Manipulação, Lavagem cerebral, Isolamento.

## ABSTRACT

The main objective of this work was to find in Jim Jones' manipulative discourses the elements that gave him, in 1978, the ability to induce a large number of his followers to commit what he called "a revolutionary suicide". To reach its aim, the research initially concentrated its efforts on the discourse as a whole and, after that, it focused on the religious discourse, due to the fact that it works as a communicative bridge between the spiritual world and the human beings. Some other facts that also contributed to the tragedy were not ignored, such as, the role of the mind in the manipulation process, since it is believed that many of the attitudes taken by the members of a religious group are the results of brainwashing processes carried out by their leaders. Due to fact that the members of the sect were in the forests of Guiana, far away from the civilized world, the isolation of the group was also a factor that was taken into consideration, because, when the affectionate bonds that keep the persons tied to their families are substituted by the ones that keep them tied to the members of a religious group, they become more vulnerable to the attacks carried out by the people who want to manipulate them. The outcomes obtained from the research show that the discourse, if possessed by malicious people, can become a potentially harmful tool, causing irreversible social damages, what explains the importance of its study.

Keywords: Religious discourse, Manipulation, Brainwashing, Isolation.



PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 OS ASPECTOS DO DISCURSO MANIPULATIVO QUE O CAPACITAM À COERÇÃO.....</b>	<b>15</b>
1.1 As modalidades discursivas.....	15
1.1.1 O discurso lúdico e o discurso polêmico.....	16
1.1.1.1 O discurso e a produção discursiva.....	16
1.1.1.2 O discurso lúdico.....	18
1.1.1.3 O discurso polêmico.....	20
1.1.2 O discurso autoritário.....	23
1.2 Identificando a persuasão e a manipulação em Jim Jones.....	27
1.2.1 O que é persuadir e o que é manipular?.....	28
1.2.2 O manipulador e a liderança carismática.....	41
<b>2 A ILUSÃO DA REVERSIBILIDADE E AS ESTRATÉGIAS RETÓRICAS NOS DISCURSOS RELIGIOSOS DE JIM JONES.....</b>	<b>47</b>
2.1 A reversibilidade como troca de papéis na interação discursiva.....	47
2.2 Discurso e performatividade: a manifestação divina através da pessoa autorizada.....	50
2.3 A identidade do discurso religioso: suas marcas e propriedades.....	54
2.4 As estratégias argumentativas do discurso religioso: o papel que a imagem, a emoção e a lógica têm na persuasão.....	59
2.4.1 O <i>ethos</i> .....	60
2.4.2 O <i>pathos</i> .....	64
2.4.3 O <i>logos</i> .....	67
<b>3 AS TÉCNICAS MANIPULATIVAS DE LAVAGEM CEREBRAL</b>	<b>69</b>

<b>EM JONESTOWN.....</b>	
3.1 O papel da mente na manipulação: a obediência através da manipulação mental.....	69
3.2 Memória e manipulação: manipulando os registros sociais e cognitivos da mente para persuadir.....	75
3.3 Manipulação e suicídio: uma análise sociológica da tragédia em Jonestown.....	82
3.4 O <i>solus</i> na manipulação: o isolamento como estratégia persuasiva em Jonestown.....	89
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXO</b>	
ANEXO A – Membros e ambiente da seita Peoples Temple.....	109

## INTRODUÇÃO

A relação entre o discurso e o seu poder manipulativo é o que levou o autor deste trabalho<sup>1</sup> a ter esse ato verbal comunicativo como seu objeto de estudo, devido a sua crença de que o discurso, através de seus mecanismos persuasivos, possibilita a quem dele se utiliza a capacidade de manipular e induzir as pessoas a praticarem atos que, muitas vezes, têm surpreendido a humanidade.

Se se procurar nos arquivos da história relatos que confirmem a manipulação através da linguagem, vários casos poderão ser lembrados.

No meio político, por exemplo, pode-se citar o discurso proferido por Tony Blair em 2003, na época Primeiro Ministro britânico, para justificar o envio de tropas inglesas ao Iraque, tendo em vista a ameaça que aquele país apresentava ao Ocidente por, supostamente, possuir em seu arsenal armas de destruição em massa.<sup>2</sup>

Não diferentemente da política, a prática da manipulação através do discurso se faz presente também no meio religioso, e os seus resultados têm se mostrado, em alguns casos, catastróficos.

Nos anos 1960, houve um crescimento de novos grupos religiosos resultantes das mudanças sociais, culturais e religiosas que aconteceram no período seguinte à segunda guerra mundial.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Professor de língua inglesa e língua portuguesa do IFES- Instituto Federal do Espírito Santo. Campus Nova Venécia-ES; Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória-ES; Graduado em letras pela Faculdade Castelo Branco de Colatina, ES; Especialista em Didática do Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior de Nova Venécia, ES. E-mail: lecoprof@hotmail.com

<sup>2</sup> Cf. DIJK, T.A.v. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 259.

<sup>3</sup> Rodrigues, Donizete. *Novos movimentos religiosos: Realidade e perspectiva sociológica*. Disponível em <  
<http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/viewFile/87/84> >  
 Acesso em: 25/04/2015



Um desses grupos teve seu início na década anterior, mais precisamente em 1954, quando Jim Jones, um americano de Indiana, com o intuito de acolher os oprimidos e marginalizados nos EUA, funda a sua igreja que, após várias denominações, recebe em 1959 o nome definitivo de “Peoples Temple Christian Church Full Gospel (Igreja Cristã do Templo dos Povos do Evangelho Pleno)” ou, simplesmente, “Peoples Temple (Templo dos Povos)”.<sup>4</sup>

Tim Reiterman, um jornalista americano, ao descrever aquele movimento religioso, afirma que ele

foi mais do que a criação da visão de um homem. O Templo dos Povos foi um produto de seu tempo e a busca por religiões alternativas e relevância social dos direitos das eras pós-guerra civil e pós-guerra do Vietnã. A sua história também nos diz a respeito da eterna busca do espírito humano por um sentido de pertença, para sermos partes de algo maior do que nós mesmos.<sup>5</sup>

Os adeptos da seita sentiam-se felizes em Jonestown, conforme o depoimento de um de seus membros, Tim Carter, o qual em uma certa ocasião declarou:

Nunca estive tão contente ou realizado na minha vida. Não consigo descrever. Podíamos sentar aqui e conversar durante todo o dia e nenhuma palavra descreveria a paz, a beleza, o sentimento de realização, de responsabilidade e de camaradagem que há aqui. É fantástico. Sem dúvida! Não dá para descrever.<sup>6</sup>

Apesar das boas intenções que Jim Jones tinha ao fundar a “Peoples Temple”, o seu movimento religioso teve um final trágico. Em 1974, fugindo de várias acusações, dentre elas a de desagregação familiar e exploração sexual de seus seguidores, Jim Jones se mudou com o seu grupo para Jonestown, nas selvas da Guiana, estabelecendo naquele local uma colônia religiosa. Anos

<sup>4</sup> Cf. REITERMAN, T.; JACOBS, J. *Raven: The Untold Story of the Rev. Jim Jones and His People*. Penguin books Ltd. New York: Dutton, 2008. Posição 1295 de 15624. ( o livro digital em referência usa o termo “posição” para indicar o número da página )

<sup>5</sup> REITERMAN, T.; JACOBS, J. 2008, posição 100 de 15624. *The Temple was a product of its time and the search for alternative religions and social relevance in the post-civil rights and post-Vietnam eras. Its story also speaks to the timeless yearnings of the human spirit for a sense of belonging, to be part of something larger than ourselves.*(tradução nossa)

<sup>6</sup> JANSSENS, Kahil. *God Dammit!* Mobius Publications. Ghent: Bélgica, 2012. p. 342. *I have never been so totally happy or fulfilled in my life. I can't begin to describe it. You could sit here and talk all day long and no words could describe the peace, the beauty, the sense of accomplishment and responsibility and camaraderie that's here. It's overwhelming, it really is. You can't describe it.* (tradução nossa)



mais tarde, mais precisamente, em 18 de novembro de 1978, um congressista americano, Leo Ryan, é enviado ao local para investigar a veracidade das acusações. Após descobrir o que ali se passava, o deputado federal tentou sair do local levando consigo alguns desertores do movimento, mas o grupo foi impedido por membros da seita, os quais, agindo em obediência às ordens de Jim Jones, assassinaram todos. Conseqüentemente, sentindo-se acuado e temendo punições severas por parte do governo de seu país, Jim Jones convocou todos os seus seguidores e se dirigiu a eles em seu último discurso, induzindo a grande maioria a tirar a própria vida e a de seus filhos.

O fato abalou a sociedade daquela época de tal forma que, desde então, vários especialistas têm se dedicado a estudar o ocorrido para entender o que levou os membros daquele grupo religioso a cometerem aquele ato de autoaniquilamento.

Com o objetivo de encontrar explicações para essa tragédia, este trabalho teve como ponto de partida para suas argumentações a seguinte pergunta: que mecanismos persuasivos presentes nos discursos religiosos de Jim Jones deram a ele poder para manipular e induzir os seguidores de sua seita ao suicídio?

Tendo em vista a riqueza de material disponível, tanto em língua portuguesa como em língua Inglesa para a realização deste trabalho, as argumentações aqui apresentadas para responder a essa questão se fundamentaram no método científico e em técnicas de pesquisas aplicadas sobre materiais bibliográficos e de áudio, os quais se encontram disponíveis nos vários meios de pesquisa existentes.

Inicialmente, buscar-se-á na Análise do Discurso (AD) a fundamentação para as argumentações aqui apresentadas.

Um das preocupações da AD é a reflexão sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. Segundo a AD, a materialidade da ideologia é o discurso e o discurso, por sua

vez, se materializa na língua. Esse processo não se dá sem a presença do sujeito, uma vez que, segundo M. Pecheux, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.”<sup>7</sup>

É devido a essa consideração que a AD tem em relação ao par sujeito/ideologia, que este trabalho nela se apoiou para explicar os fenômenos resultantes das relações entre sujeitos, nas quais o instrumento de interação são os discursos ideologicamente carregados.

Em complemento, é interessante salientar que AD considera que a linguagem não é transparente e, por esse motivo, de acordo com Orlandi, “ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa?”<sup>8</sup>

Com base nessa ciência, o primeiro capítulo desta pesquisa se apoiará nas obras dos linguistas Eni Orlandi e Adilson Citelli para apresentar as modalidades discursivas em seus recursos manipulativos tanto como os recursos extralinguísticos presentes em Jim Jones.

No capítulo seguinte, apoiando-se, principalmente, nas obras de Orlandi, serão também apresentadas as marcas e propriedades do discurso religioso, bem como as estratégias retóricas que deram a Jim Jones o poder para persuadir através de seus enunciados.

No terceiro capítulo, serão abordadas as formas de manipulação mental obtidas através de estímulos conduzidos por um líder. Para isso, as fundamentações teóricas apresentadas encontrarão suporte nos experimentos do fisiólogo russo Ivan Pavlov, o qual conduziu um estudo sobre o comportamento de cães quando submetidos a elementos estressores com o intuito de levá-los a condicionamentos dirigidos.

---

<sup>7</sup> PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes, 1990. p. 68.

<sup>8</sup> ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999. p. 17.

Nesse mesmo capítulo, buscar-se-á compreender, com base na Análise Crítica do Discurso (ACD), a relação entre memória, discurso e manipulação através do controle mental. Nesse sentido, a pesquisa se apoiou na obra “Discurso e Poder”, do linguista holandês Teun van Dijk, para se obter os conhecimentos necessários que possam levar a entender as vinculações existentes entre os três elementos citados.

Concluindo o capítulo em questão, com base em estudos sociológicos, serão abordados os aspectos sociais que tiveram uma relação direta com o suicídio coletivo. Sobre esse aspecto, buscar-se-á na obra “Suicídio”, do sociólogo francês Emile Durkheim, as relações existentes entre os atos suicidas e as interações humanas dentro de um determinado contexto.

Como instrumentos auxiliares para esta pesquisa, serão utilizadas a Bíblia na versão revisada da tradução de João Ferreira de Almeida e as transcrições de alguns sermões de Jim Jones registrados em fitas cassetes (identificadas pela letra “Q” seguida pelo número de registro), disponibilizadas na internet pelo “The Jonestown Institute”, através do site “<http://jonestown.sdsu.edu/>”.

O discurso é poder, e ele pode ser um instrumento muito eficaz no que diz respeito à persuasão e à manipulação. O estudo do discurso religioso com enfoque em seus elementos articulatórios pode abrir novos horizontes nas pesquisas sobre o poder que a palavra tem de influenciar as pessoas em favor do enunciador e, concomitantemente, apontar os perigos que o discurso manipulador apresenta para a sociedade.

# 1 OS ASPECTOS DO DISCURSO MANIPULATIVO QUE O CAPACITAM À COERÇÃO

O homem é um ser social que vive em constante interação com os membros de seu grupo. Dentre as ferramentas usadas para esse fim está a linguagem verbal, a qual se manifesta através do discurso, em forma de mensagens orais ou escritas. Em suas relações interpessoais, o ser humano tem usado esse recurso para, dentre outras finalidades, exercer poder e domínio sobre seus semelhantes através da manipulação discursiva.

Esse é um fato que tem levado muitos especialistas a dedicarem o seu tempo em pesquisas para explicá-lo. É com essa mesma intenção que este trabalho procurará expor em seus capítulos as argumentações necessárias para a compreensão desse fenômeno social.

Por se acreditar que os elementos que caracterizam os diferentes tipos de discursos têm uma relação direta com o seu poder manipulativo, este capítulo se dedicará a apresentar as três formas de manifestações discursivas e os traços peculiares que possibilitam a cada uma alcançar o seu objetivo.

## 1.1 As modalidades discursivas

Além de suas condições de produção, ou seja, do contexto sócio-histórico e ideológico aos quais estão relacionados, os discursos variam de acordo com a intencionalidade do locutor. Enquanto umas formas de discursos têm um caráter de entretenimento, outras buscam argumentar para persuadir, e existem ainda aquelas formas cujo objetivo é fazer agir pela imposição. Como identificar cada tipo? Para responder a essa pergunta, as próximas linhas se aterão a apresentar os elementos que distinguem cada discurso e definem os seus tipos, denominados modalidades discursivas.



### 1.1.1 O discurso lúdico e o discurso polêmico

No dia a dia, muitas relações interpessoais se dão através do discurso. Alguns impressionam pela forma lúdica com que brincam com as palavras para prenderem a atenção das pessoas. Outros, ao serem proferidos, tornam-se uma arma poderosa na defesa de uma posição. Onde reside o poder dessas formas discursivas? É com o intuito de responder a esse questionamento que esta seção, após um esclarecimento linguístico do que vem a ser o discurso, apresentará as formas discursivas utilizadas para o entretenimento e para o debate.

#### 1.1.1.1 O discurso e a produção discursiva

O ser humano, ao interagir com os seus semelhantes, atua na organização de uma sociedade na qual está inserido. Para que essa interação ocorra, ele se utiliza de sua capacidade linguística para construir uma das principais ferramentas que o torna capaz de se relacionar com os membros de sua comunidade: o discurso, o qual, nas palavras de Marchiori, é o “recurso que permite constituir a própria comunicação como um processo social de significação e construção de sentido”.<sup>9</sup>

Para Eni Orlandi, o discurso pode ser definido como “o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”.<sup>10</sup> Portanto, ao analisarmos um discurso, além dos aspectos gramaticais, sintáticos, lexicais e da intenção do enunciador, devemos considerar a ideologia que atua na sua formação.

Entende-se por ideologia um conjunto de representações que, segundo Fiorin, “servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do

---

<sup>9</sup> MARCHIORI, Marlene *et al.* *Comunicação e Discurso: Construtos que se relacionam e se distinguem*. 2010. Disponível em: <[http://www.abrapcorp.org.br/anais2010/GT2/GT2\\_Marchiori\\_et al.pdf](http://www.abrapcorp.org.br/anais2010/GT2/GT2_Marchiori_et al.pdf)>. Acesso em: 24/04/2015.

<sup>10</sup> ORLANDI, Eni Pucinelli. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1999. pp. 16-17.

homem e as relações que ele mantém com os outros homens. É, assim, na visão marxista uma ‘falsa consciência’”.<sup>11</sup>

Em uma formação social há diversas classes, cada uma com a sua forma peculiar de ver e explicar a ordem social na qual está inserida. Isso equivale a dizer que em um determinado grupo social há várias ideologias e que cada uma dessas ideologias tem a sua própria formação discursiva. Os sujeitos em cada classe identificam-se com uma determinada posição e se comprometem com as formações discursivas dessa classe e, simultaneamente, se colocam em oposição àquelas dos sujeitos pertencentes a outras formações discursivas (ideológicas) naquela sociedade.<sup>12</sup>

Dessa forma, o aspecto social é um elemento importante a se considerar na produção discursiva, uma vez que ele é parte de suas condições de produção e, nas palavras de Mussalim, o que garante a especificidade da Análise do Discurso

é a relação que os analistas do discurso procuram estabelecer entre um discurso e suas condições de produção, ou seja, entre um discurso e as condições sociais e históricas que permitiram que ele fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentido e não outros.<sup>13</sup>

Para que o discurso atinja as suas expectativas, ele deve ser articulado conforme os propósitos do enunciador. Percebe-se isto ao analisarmos as diferentes modalidades discursivas existentes. Neste sentido, Eni Orlandi afirma que

existem, fundamentalmente, três tipos de discursos: o lúdico, o polêmico e o autoritário. O critério para a distinção está na relação

<sup>11</sup> FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 28.

<sup>12</sup> Cf. INDURSKY, Freda. *A prática discursiva da leitura*. In: ORLANDI, Eni O. Puccinelli (org.). *A leitura e os leitores*. Campinas/SP: Pontes, 1998. pp. 191-192.

<sup>13</sup> MUSSALIM, Fernanda. *Análise do discurso* In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003, cap. 1. pp. 13-52.

entre os interlocutores e o referente, isto é, nas suas condições de produção.<sup>14</sup>

É importante ressaltar que não existem discursos autônomos, ou seja, puramente lúdicos, polêmicos ou autoritários, uma vez que Citelli, referenciando-se a Eni Orlandi, afirma que ela

apresenta três grandes modos organizacionais do discurso: o polêmico, o lúdico e o autoritário. Antes de passar à verificação de cada tipo, convém lembrar que não estamos diante de categorias autônomas, mas de dominância. Ou seja, não são formas puras e sim híbridas, existindo, porém, sempre, a preponderância de uma sobre a outra. Assim sendo, o polêmico pode conter o lúdico, ou o autoritário o polêmico etc. Ocorre que uma das formas estará sempre em situação de dominância, sendo mais visível, portanto, caracterizadora.<sup>15</sup>

Os conhecimentos expostos serão mais bem entendidos ao se analisar adiante cada tipo discursivo com mais especificidade.

#### 1.1.1.2 O discurso lúdico

De todos os discursos, o discurso lúdico, foco desta seção, é o que possui o menor grau de persuasão, pois, de acordo com Adilson Citelli, ele é

um tipo discursivo marcado pelo jogo de interlocuções. Vale dizer, o movimento dialógico eu-tu-eu se dinamiza e passa a conviver com signos mais abertos: há menos verdade de um, logo, menos desejo de convencer. Nesse caso, o signo ganha uma dimensão múltipla, plural, de forte polissemia: os sentidos se estilham, expondo as riquezas de novos sentidos. Os signos se abrem e revelam a poesia da descoberta; a aventura dos significados passa a ter o sabor do encontro de outros significados. O discurso lúdico compreenderia boa parte da produção artística, por exemplo, a música, a literatura.<sup>16</sup>

Assim, nesse discurso, a interpretação não é estanque, uma vez que ele rompe com os parâmetros interpretativos de se pensar. Esse é o discurso usado

<sup>14</sup> ORLANDI, Eni P. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2011. p. 29.

<sup>15</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. *apud* CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 15. ed. São Paulo: Ática, 2002. p. 37.

<sup>16</sup> CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Ática, 2002. p. 39.

muitas vezes como forma de entretenimento, em que a linguagem é usada pelo prazer e em que ocorre em abundância a polissemia.

É comum nesse tipo de discurso a ocorrência de figuras de linguagem ou translações que, por terem uma propriedade de abertura a diferentes interpretações do léxico, têm a função de redefinir um determinado campo de informação, quebrando a significação própria da palavra, para criar novos efeitos com o intuito de atrair a atenção do interlocutor.<sup>17</sup>

Com esse propósito, as translações ou figuras de linguagem mais usadas na maioria dos textos são a metáfora e metonímia.

Em relação à metáfora, figura de linguagem que é utilizada para denominar representações para as quais não se encontra um designativo mais adequado, Citelli cita dois processos: a transferência ou transposição e a associação.<sup>18</sup>

Citelli explica que a transferência ou transposição é uma operação que se caracteriza pela passagem do plano de base, o que corresponde ao significado próprio da palavra, para o plano simbólico, figurativo ou conotativo.

A associação é um processo que se dá no momento da transposição, quando o interlocutor faz uma associação subjetiva da significação própria da palavra com o seu sentido figurativo. Desta forma, no poema Vila Rica, de Olavo Bilac, na frase “o último ouro do sol morre na cerração”, o processo se dá conforme esta figura:<sup>19</sup>

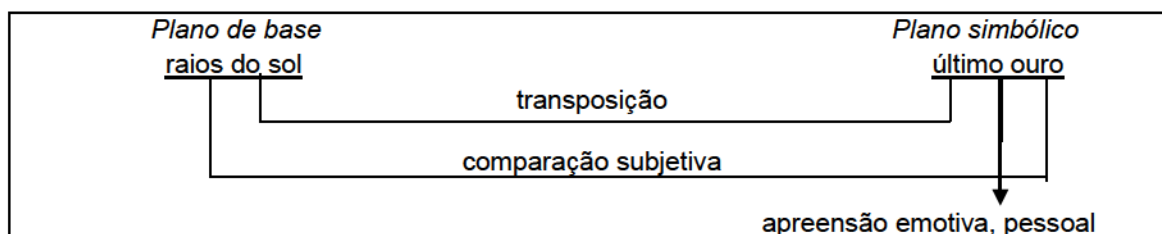


Figura 1: o processo metafórico da linguagem  
Fonte: Citelli, 2002.

<sup>17</sup> Cf. CITELLI, 2002, p. 20.

<sup>18</sup> Cf. CITELLI, 2002, p. 20.

<sup>19</sup> Cf. BILAC, Olavo. *Obra Reunida*. Org. e introd. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 269.



Assim, usando desse recurso linguístico, o Salmista, na Bíblia, afirmou: “*Lâmpada* [sem grifo no original] para os meus pés é tua palavra, e *luz* [sem grifo no original] para o meu caminho” (Sl 119,105).

A outra figura de linguagem já mencionada, a metonímia, de acordo com Citelli,

Indica a utilização de um termo em lugar de outro, desde que entre eles haja uma relação de contiguidade. A metonímia nasce, ao contrário da metáfora, de uma relação objetiva entre o plano de base e o plano simbólico do termo.<sup>20</sup>

Referenciando-se à Bíblia, pode-se encontrar nela um exemplo de metonímia, em que o todo é trocado por uma parte, em que se lê “Guarda o teu pé [sem grifo no original] quando entrares na casa de Deus...” (Ec 5,1).

Pelas características expostas, o discurso lúdico seria aquele que teria pouco efeito se fosse utilizado com o propósito de manipular o enunciatário.

### 1.1.1.3 O discurso polêmico

Enquanto o discurso lúdico procura mais o jogo com as palavras, com o objetivo de entreter o leitor e tornar a leitura mais agradável, atraente e persuasiva, no discurso polêmico há um novo centramento na relação dos locutores, no qual se faz presente a tensão entre a polissemia e paráfrase, conforme afirma Eni Orlandi, ao dizer:

O discurso polêmico é o que apresenta um equilíbrio tenso entre polissemia e paráfrase [...], em que o objeto do discurso não está obscurecido pelo dizer, mas é direcionado pela disputa [...] entre os interlocutores, havendo assim a possibilidade de mais de um sentido: a polissemia é controlada.<sup>21</sup>

O que caracteriza esse tipo de discurso é o seu convencimento pela argumentação, competência, eficácia e conhecimento. Esse discurso não se trata única e exclusivamente de um bate-boca, embora haja o envolvimento de partes antagônicas. Nele a relação dialógica entre os interlocutores é reduzida

<sup>20</sup> CITELLI, 2002, p. 21.

<sup>21</sup> ORLANDI, 1999, p. 24.

e a polissemia é limitada pela sua condição de produção. De acordo com Adilson Citelli:

O discurso polêmico possui um certo grau de instigação, visto apresentar argumentos que podem ser contestados. Digamos que o enunciador opera a uma abertura sob controle. Um traço importante que se pode observar é que os participantes não se expõem, mas ao contrário procuram dominar o seu referente, dando-lhe uma direção, indicando perspectivas particularizantes.<sup>22</sup>

A argumentação apresentada em um discurso polêmico não pode ser embasada somente em pressuposições, sem embasamentos teóricos e materialidades que comprovem o argumento do enunciador e, em adição, ela deve apelar para o racional daqueles a quem a mensagem é dirigida, pois argumentar, nas palavras de Garcia, é “convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente”.<sup>23</sup>

O objetivo de quem se utiliza do discurso polêmico não é outro senão o de convencer o seu locutário de que seu argumento é verdadeiro e obter a sua adesão, conforme afirmam Perelman & Olbrechts-Tyteca, ao dizerem que “toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual”.<sup>24</sup> Para isto, é necessário que o orador tenha em mente que em sua argumentação ele deve conhecer e adequar-se ao seu receptor a quem se dirige, pois, segundo Perelman, “um erro sobre este ponto pode ser fatal para o efeito que ele quer produzir.”<sup>25</sup>

Essa questão da adaptação ao nível dos destinatários não é uma tarefa fácil, pois, quando se trata de um discurso escrito, segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca, “na maioria dos casos, os leitores não podem ser determinados com exatidão.”<sup>26</sup>

<sup>22</sup> CITELLI, 2002, p. 38.

<sup>23</sup> GARCIA, Othon M. *Argumentação. In: Comunicação em prosa moderna*. 18. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 380.

<sup>24</sup> PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTEECA, L. *Tratado da argumentação – A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 16.

<sup>25</sup> PERELMAN, Chaïm. *Argumentação. In: Enciclopédia Einaudi*, v. 11, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987. p. 237.

<sup>26</sup> PERELMAN, 1987. p. 22.

Como exemplificação de um discurso polêmico, podem-se citar aqueles que envolvem uma questão nacional, como a redução da maioria penal, tema que tem sido razão de embates no Congresso Nacional, impulsionado por projetos de lei que preveem maior rigor na punição de jovens infratores.

Outro exemplo de discurso polêmico é o que pertence ao gênero textual opinião, uma vez que ele se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa por meio da opinião de seu autor, o qual não precisa ser necessariamente uma autoridade no assunto abordado. Segundo Brackling, no artigo de opinião, o locutor busca convencer o destinatário a fim de transformar seus valores sobre uma determinada ideia e refutando ideias que se opõem à sua tese, através do uso da argumentação, apresentando dados consistentes em uma operação de constante sustentação de afirmações, valendo-se das evidências dos fatos que corroboram com a validade do que diz.<sup>27</sup>

Por ser um discurso polêmico, no artigo de opinião é necessário que haja um problema a ser discutido que leve ao debate na busca por uma solução ou um julgamento, através de uma reflexão sobre o tema. Para tal, este tipo de artigo deve ser estruturado da seguinte forma:<sup>28</sup>

a) Situação-problema: o autor, através de contextualização, apresenta o problema a ser resolvido sobre o qual o leitor se baseará como guia durante todo o percurso do texto. É nessa fase que se evidenciam a importância e o objetivo da argumentação.

b) Discussão: é o espaço em que o enunciador constrói por meio de argumentações sua opinião a respeito da questão levantada, apresentando evidências que corroboram com o seu posicionamento e refutam as opiniões adversas.

---

<sup>27</sup> Cf. BRÄKLING, Kátia Lomba. *Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re) significação da palavra do outro*. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN*. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000. pp. 226-227.

<sup>28</sup> Cf. HOEY, Michael. *Patterns of lexis in text*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

c) Solução-avaliação: é o momento em que o autor conclui sua opinião, evidenciando a resposta ao problema levantado, ratificando sua posição assumida em relação à problemática apresentada.

Na “Peoples Temple”, apesar da predominância dos discursos autoritários de Jim Jones, havia momentos em que ele abria oportunidade para um diálogo entre ele e seus fiéis, como aconteceu em seu último discurso, no qual houve um debate entre ele e uma das adeptas de sua seita, Chrisitine Miller, sobre que decisão deveria ser tomada em relação à situação em que se encontravam.<sup>29</sup>

É importante reiterar que no discurso polêmico o enunciador deve buscar o convencimento de seus locutários através de argumentos lógicos sem a utilização de qualquer ameaça, pois a intimidação é um dos traços que caracterizam outra modalidade discursiva, o discurso autoritário<sup>30</sup>, tema da próxima seção.

Em resumo, o discurso polêmico, se bem articulado, é um potente instrumento em poder de quem o utiliza, uma vez que essa modalidade discursiva, ao atuar no cognitivo de seu destinatário, pode levá-lo a aceitar a argumentação apresentada e agir em conformidade com as intenções de quem o enuncia.

### 1.1.2 O discurso autoritário

Até este momento, foi visto que o discurso pode mudar a sua textura conforme a intenção de quem o profere e que se pode usá-lo como um instrumento lúdico, quando se tem a liberdade de se expressar com o objetivo simples de se entreter, ou quando essa liberdade é mais contida, controlada, no caso do discurso polêmico, quando uma pessoa tenta convencer alguém de suas posições, através de elementos persuasivos, mas, por outro lado, dando

<sup>29</sup> Cf. REITERMAN, T.; JACOBS, J., 2008, posição 13355 de 15614.

<sup>30</sup> Cf. GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Tradução de diversos autores. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.



àqueles que os ouvem a oportunidade de refutar ou aceitar um enunciado proposto.

Reiterando, em nenhum dos dois discursos apresentados, o enunciatário se vê obrigado a aceitar a mensagem a ele direcionada. Existindo a obrigação de aceitação do enunciado, o emissor estará fazendo uso de um discurso muito poderoso e até, se mal intencionado, pernicioso: o discurso autoritário. É para que se entenda essa modalidade discursiva que esta seção se prestará.

O discurso autoritário é aquele no qual o “tu” é um mero receptor, sendo vedada a ele qualquer interferência na fala do emissor com a intenção de ponderar ou mediar. É o discurso dominado pela paráfrase, uma vez que o signo perde o seu poder conotativo, polissêmico. O dito não pode ser interpretado de outras formas. É o discurso do monólogo. É o discurso persuasivo por excelência.<sup>31</sup>

Além disto, outros aspectos que devemos considerar são os quatro elementos presentes em sua textura: a distância, a modalização, a tensão e a transparência. Traçando um esquema a partir desses elementos, apresentamos como eles ocorrem no discurso autoritário.<sup>32</sup>

1. *Distância: é o afastamento do enunciador de seu enunciado, em que quem fala, por se mostrar mais importante e exclusivo, se sobrepõe ao referente.*

2. *Modalização: é a forma como o enunciador imprime no enunciado uma característica autoritária e persuasiva através de imperativos verbais, paráfrases, dentre outros.*

3. *Tensão: esse elemento tem a ver com a relação entre o emissor e o receptor em um discurso. Muito comum nos discursos autoritários, o emissor possui o domínio da fala, é impositivo, não dando oportunidades ao receptor de questionar ou contrariar suas ordens.*

---

<sup>31</sup> Cf. CITELLI, 2002, p. 38.

<sup>32</sup> Cf. CITELLI, 2002, p. 40.

4. *Transparência*: é a clareza e a transparência da mensagem, na qual a polissemia é extremamente reduzida. Não há margens para que o receptor dê outro significado aos signos emitidos.

Eni Orlandi, ao tratar do discurso autoritário, afirma que o referente, ou seja, o objeto do discurso está “ausente”, oculto pelo dizer, uma vez que é o desejo do “eu” dominá-lo; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida.”<sup>33</sup>

De acordo com a autora referenciada, são vários os casos nos quais o discurso autoritário pode ser encontrado, por exemplo, no discurso pedagógico ou em outros lugares, tais como no ambiente familiar, nos quartéis e nos ambientes religiosos, como na “Peoples Temple”.

Através de uma análise dos discursos religiosos proferidos pelo pastor Jim Jones aos seus seguidores, pode-se notar em sua estrutura a presença das características citadas, o que os identifica como discursos autoritários.

Por exemplo, em seus sermões, o distanciamento pode ser notado quando Jim Jones, com o desejo de se colocar em uma posição superior ao referente, Deus, chega ao ponto de lançar a Bíblia ao chão e gritar aos seus seguidores: “Muitas pessoas estão olhando para isto em vez de olhar para mim”.<sup>34</sup>

Um dos recursos que o líder da “Peoples Temple” usou para que sua voz se sobrepusesse ao referente foi a produção de um livreto denominado “The Letter Killeth (A Letra Mata)”, o qual ele usava para apontar os erros e contradições contidos na Bíblia. Em seus insultos ao livro sagrado, ele dizia: “A letra mata, a Bíblia mata, este texto subclassificado mata, mas o espírito da revolução socialista, derrubando a subclassificação do racismo, da escravidão, do sexismo e da pobreza, promete dar a vida”.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p. 15.

<sup>34</sup> MOORE, R.; B. PINN, A.; R. SAWYER, M. *Peoples Temple and Black Religion in America*. Bloomington, Indiana. EUA: Indiana University Press, 2004. p. 147. *Too many people are looking at this instead of looking at me!* (tradução nossa)

<sup>35</sup> CHIDESTER, D. *Salvation and Suicide: Jim Jones, the Peoples Temple, and Jonestown*. Bloomington, Indiana. EUA: Indiana University Press, 2003. p. 64.

Para modalizar o seu discurso, dando a ele uma característica autoritária, Jim Jones denominou o seu grupo “The Rainbow Family (A Família Arco-íris)”. Sendo o grupo uma família, ele se sentiu no direito de obrigar que todos o chamassem de “pai”. Devido a essa sua posição patriarcal dentro do grupo, não havia margem para que suas ordens dadas em seus discursos fossem questionadas ou contrariadas. Caso o fossem, ele teria o direito de infligir punições àqueles que lhe desobedecessem.<sup>36</sup>

Um das formas de punições que Jim Jones aplicava àqueles que desrespeitassem a sua autoridade era o confinamento em um asfíxiante cubículo subterrâneo na forma de um esquite, denominado “The Box (A Caixa)”<sup>37</sup>, ou, em outros casos, a punição consistia em colocar o desobediente de pé diante de toda a congregação para que ali fosse humilhado verbalmente. Em seguida, Jim Jones se aproximava da pessoa e colocava as mãos ao redor de seus ombros e dizia: “Percebo que você foi longe demais, mas foi pela causa. O ‘Papai’ ama você e você é uma pessoa mais forte agora. Por ter aceitado a disciplina, eu posso acreditar mais em você agora”.<sup>38</sup>

Uma ex-adepta da seita, Jeanne Mills, escreveu: “Havia uma lei na igreja, não escrita, mas perfeitamente compreendida, que era muito importante: ninguém podia criticar o “Pai”, sua esposa ou seus filhos”.<sup>39</sup>

Deborah Blakey, uma mulher que foi membro da seita por muitos anos, testemunhou dizendo: “Qualquer desacordo com o que Jim Jones estabelecesse era tido como traição. Embora me sentisse mal com tudo o que acontecia, eu tinha medo de dizer qualquer coisa porque eu sabia que qualquer um com opinião diferente era alvo da ira de Jim Jones e dos outros membros”.<sup>40</sup>

<sup>36</sup> Cf. WESSINGER, C. 1978 – Jonestown. Disponível em: [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=16601](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=16601) >. Acesso em: 26/04/2015.

<sup>37</sup> Cf. WUNROW, Rose. *The psychological massacre: Jim Jones and Peoples Temple: An Investigation*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=29478](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=29478) >. Acesso em: 26/04/2015.

<sup>38</sup> MARSHALL; TRACY, P. *Inside Peoples Temple*. New York: New West, 1977. pp. 30-38. 01/08/1977.

<sup>39</sup> OSHEROW, Neal. *Making Sense of the Nonsensical: An Analysis of Jonestown*. Disponível em: < <http://www.guyana.org/features/jonestown.html> >. Acesso em: 21/04/2015.

<sup>40</sup> SINA, A. *Understanding Muhammad*. Verlag, USA: Felibri.com, 2008. p. 203.

Em resumo, com base no exposto, pode-se afirmar que o discurso autoritário possui características peculiares, a saber:

- a) uso de imperativos verbais;
- b) dominação expressa pelo uso da palavra;
- c) submissão do destinatário;
- e) não aceitação de ponderações;
- f) tendência à monossemia, uma vez que a polissemia é anulada, não podendo o receptor intervir no discurso a fim de modificá-lo;
- g) sanções punitivas em caso de desobediência às prescrições determinadas pelo enunciador.

Diante do exposto, espera-se que os conceitos e teorias apresentados até o momento sobre as três modalidades discursivas abram, neste trabalho, perspectivas que venham a tornar possível a análise do poder de coerção e manipulação que um discurso possui.

## 1.2 Identificando a persuasão e a manipulação em Jim Jones

Não é difícil deparar com situações em que as pessoas foram induzidas a adquirir um produto com base em suas características e vantagens apresentadas em seus anúncios comerciais. Não é raro também deparar com situações em que uma audiência, ao dar ouvidos aos discursos falaciosos de oradores inescrupulosos, é levada por eles a agir de tal forma que suas atitudes, embora possam causar-lhes algum dano, favoreçam aos interesses egoísticos de quem os manipula.

É devido a esses diferentes comportamentos resultantes do discurso que esta seção se dedicará a discutir as diferenças existentes entre o seu bom e o seu mau uso.



### 1.2.1 O que é persuadir e o que é manipular?

Na sociedade hodierna, na qual o consumo é a palavra de ordem, é muito provável que em seu dia a dia as pessoas se deparem com discursos propagados pela mídia que procuram levá-las a agir conforme a intenção de seus enunciadores.

Tomem-se como exemplo os anúncios comerciais que usam argumentos tão convincentes que podem levar os seus receptores a adquirir um produto divulgado nos meios de comunicação, através de técnicas argumentativas, uma vez que, nas palavras de Citelli:

O texto publicitário nasce na conjunção de vários fatores, quer psicossociais-econômicos, quer do uso daquele enorme conjunto de efeitos retóricos aos quais não faltam as figuras de linguagem, as técnicas argumentativas, os raciocínios.<sup>41</sup>

Embora algumas pessoas aceitem os argumentos apresentados, elas podem não agir em conformidade com os mesmos, enquanto outras concordam com as argumentações apresentadas pelo anunciante e agem de acordo com as mesmas. Ao agirem assim, os enunciatários são convencidos, persuadidos ou manipulados?

A resposta a essa questão pode ser obtida após um exame detalhado dos elementos constitutivos de um texto que dá a ele a sua identidade, tais como os esquemas de persuasão utilizados pelo locutor, a sua intenção, o seu perfil e o resultado que seus argumentos têm sobre seu receptor.

Em primeiro lugar, é importante que seja estabelecida a diferença entre convencer, persuadir e manipular, pois são esses conceitos que definem a natureza de um discurso e o seu poder de ação conforme a intencionalidade de seu enunciador.

---

<sup>41</sup> CITELLI, 1994, p. 42.

Para se convencer alguém da veracidade de um posicionamento, é necessário que se use de argumentos lógicos que demonstrem que uma linha de raciocínio esteja correta e fundamente a ideia apresentada. Desta forma, é possível, por exemplo, através de uma apresentação de causa e efeito, convencer que o aquecimento global é o resultado da ação do homem contra a natureza ou, ao contrário, argumentar que toda mudança climática não passa de um fenômeno natural e que o aquecimento global, de fato, não existe. Ainda que toda a argumentação seja bem construída, não há garantias de que todas as pessoas que concordarem com os argumentos apresentados venham a mudar de atitude em relação ao fato, pois elas podem ter sido somente convencidas e não persuadidas.<sup>42</sup>

Pode-se dizer que o convencimento é o primeiro passo para que ocorra a persuasão, a qual depende da retórica, definida por Aristóteles como

[...] a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar persuasão. Nenhuma outra arte possui esta função, porque as demais artes têm, sobre o objeto que lhes é próprio, a possibilidade de instruir e de persuadir; [...].<sup>43</sup>

Faculdade Unida de Vitória

Em complemento ao conceito de Aristóteles, podem ser acrescentadas as palavras do filósofo polonês Chaim Perelman, o qual afirma que a retórica “é o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses apresentadas ao seu assentimento”.<sup>44</sup>

É com base no bom ou mau uso da retórica que se pode definir se um discurso é persuasivo ou manipulativo. É correto afirmar que o bom uso da retórica prima pela discussão racional dos argumentos, deixa o auditório livre para decidir quanto à sua adesão, respeita princípios éticos de diálogo, pois reconhece que somente através de uma discussão imparcial é possível chegar

<sup>42</sup> Cf. ABREU, Antonio Suarez. *A Arte de Argumentar*. 5 ed. São Paulo: Ateliê, 2002. p. 25.

<sup>43</sup> ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1988. *apud* CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 15. ed. São Paulo: Ática, 2002. p. 10.

<sup>44</sup> PERELMAN, Chaïm. *Lógica jurídica*. Tradução Vergínia K. Pupi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 141.

à solução de problemas como forma de definir a verdade. São esses os princípios sobre os quais se fundamenta o discurso persuasivo.<sup>45</sup>

Assim, ao discursar de forma persuasiva, o enunciador não impõe nada. Ele dá liberdade aos ouvintes para refletir e se decidir se agirão ou não em conformidade com suas proposições.

Em sua obra “*Técnicas de Persuasão*”, o psicólogo escocês James Alexander Campbell Brown apresenta cinco esquemas básicos de persuasão. O primeiro deles é o uso dos estereótipos, os quais se referem a um modelo de imagem positivo a ser seguido e que é transmitido pelo enunciador através de sua conduta, aspecto físico, dentre outras qualidades. Desta forma, quem fala procura convencer os ouvintes pela sua aparência.<sup>46</sup>

Nas palavras de Brown, a fim de se obter uma influência negativa ou positiva sobre determinadas situações, o orador usa substituições de nomes, empregando figuras de linguagem, como eufemismos, para atingir determinados efeitos. Esse é o segundo esquema básico da persuasão, que se faz presente em um discurso em que o orador, por exemplo, em vez de falar que o capitalismo vai mal, ele diz que é preciso reaquecer a livre iniciativa.<sup>47</sup>

Outro recurso citado por Brown, no terceiro esquema básico, é a criação de inimigos. O discurso persuasivo costuma criar inimigos mais ou menos imagináveis.<sup>48</sup>

O quarto esquema básico citado pelo autor é o apelo à autoridade. É o chamamento a alguém que valide o que está sendo afirmado. Em um anúncio que procura vender um creme dental, por exemplo, busca-se a opinião positiva de profissionais da área odontológica para confirmar as qualidades

---

<sup>45</sup> Cf. ALVES, Fátima; ARÊDES, José; CARVALHO, José; CORREIA, Carlos João. *Pensar Azul*. 10º ano. Lisboa: Texto Editores, 2012. p. 129.

<sup>46</sup> Cf. BROWN, J.A.C. *Técnicas de Persuasão*; Rio de Janeiro, Zahar, 1976 *apud* CITELLI, 2002, p. 46.

<sup>47</sup> Cf. BROWN, 1976 *apud* CITELLI, 2002, p. 47.

<sup>48</sup> Cf. BROWN, 1976 *apud* CITELLI, 2002, p. 47.

apresentadas do produto. Em um discurso religioso, busca-se nas escrituras sagradas o lastro para que um enunciado tenha validade e aceitação.<sup>49</sup>

Por final, Brown cita o quinto e último esquema: a afirmação e repetição. No primeiro caso, o enunciador não pode deixar qualquer sombra de dúvidas quanto à veracidade da mensagem que transmite, enquanto que, no segundo caso, ele procura levar o ouvinte à aceitação de uma mensagem pelo repetir constante de construções verbais.

Incorporando os recursos apresentados ao seu discurso, o orador tentará levar o seu público a agir em seu favor, mas de forma racional e voluntária, o que não acontece em relação à manipulação.

A manipulação é o mau uso da retórica, sendo seu discurso centrado nos resultados, ou seja, na eficácia persuasiva, e seus argumentos apelam às emoções despertadas nos ouvintes (pathos), criando sedução e levando o auditório à sua adesão, às vezes imposta e, de certo modo, involuntária, alinhada às posições do orador, visando a seus interesses ou aos da pessoa, ou aos do grupo que ele representa.<sup>50</sup>

O filósofo Alfonso López Quintás explica que

manipula aquele que quer vencer-nos sem convencer-nos, seduzir-nos para que aceitemos o que nos oferece sem dar-nos razões. O manipulador não fala à nossa inteligência, não respeita nossa liberdade; atua astutamente sobre nossos centros de decisão a fim de arrastar-nos a tomar as decisões que favorecem seus propósitos.<sup>51</sup>

Em termos lexicais, o verbo “manipular” é registrado como “preparar com as mãos”<sup>52</sup>. Somente os objetos são passíveis de serem manejados para se atingir uma meta. Com base nessa definição, o objeto é visto pelo manipulador somente como um meio para se atingir um fim. Nesse sentido, manipular é

<sup>49</sup> Cf. BROWN, 1976 *apud* CITELLI, 2002, p. 47.

<sup>50</sup> Cf. ALVES, F.; ARÊDES, J.; CARVALHO, J.; CORREIA, C. J., 2012. p. 129.

<sup>51</sup> QUINTÁS, Alfonso López. *A Manipulação do Homem através da Linguagem*. Disponível em: < <http://www.hottopos.com/mp2/alfonso.htm> >. Acesso em: 24/04/2015.

<sup>52</sup> FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário do Aurélio*. Disponível em: < <http://dicionariodoaurelio.com/manipular> >. Acesso em: 25/05/2015.



tratar uma pessoa ou grupo de pessoas como se fossem objetos, a fim de dominá-los facilmente, rebaixando-os, humilhando-os, o que vai ao encontro das palavras de Festinger, o qual afirma que na manipulação o manipulador ultrapassa o campo da consciência do manipulado, transformando-o num objeto.<sup>53</sup>

Desta forma, pode-se dizer que a manipulação é uma prática comunicativa interacional na qual o manipulador exerce, através do abuso de poder, controle sobre outras pessoas, normalmente contra a sua vontade e seus interesses. No uso cotidiano, a manipulação tem um conceito negativo, porque tal prática viola as normas sociais.<sup>54</sup>

Às vezes, é possível notar as características de uma pessoa manipuladora já na sua infância, como se pode perceber em Jim Jones em seus tempos de criança. Desde cedo, ele havia aprendido como manipular as pessoas. Quando era visitado por seus amigos em sua casa, ele conseguia convencê-los a fazer as tarefas domésticas, como dar banho nos cachorros vadios que adotava. Ele tinha a habilidade de prender a atenção de seu pequeno número de seguidores por horas e se colocava sempre como um líder. Agindo como um pastor mirim, ele pregava e admoestava, chegando até a realizar rituais fúnebres para os animais domésticos quando morriam, além de alegar ter poderes especiais e autoridade, a qual não permitia que ninguém desafiasse. Foi nessa época que Jim Jones começou a criar ambientes em que ele podia ter tudo e todos sob controle e realizar suas fantasias de onipotência e violência, como alguém que tivesse o poder sobre a vida e a morte. Esse mesmo ambiente ele reproduziria futuramente na “Peoples Temple”.<sup>55</sup>

Fazendo referência a esse traço da personalidade de Jim Jones, Tim Reiterman, um jornalista e escritor americano, relata que

---

<sup>53</sup> Cf. FESTINGER, Leon. *A Theory of Cognitive Dissonance*. Evanston, White Plains: Row, Peterson and Co., 1957. p. 179.

<sup>54</sup> Cf. DIJK, 2010, p. 234.

<sup>55</sup> Cf. MADDOX, Cynthia. *Early Life of Jim Jones*. Disponível em: < <http://dangerouskindofmadness.blogspot.com.br/2008/07/early-life-of-jim-jones.html> >. Acesso em: 24/04/2015.

na escola, ele era recluso ao parque de diversões e, às vezes, um menino travesso e estudioso. Na garagem de casa e nas ruas, era um terror e em seu pequeno círculo de amigos de seu bairro, era um líder nato esperto. Era longe dos ambientes institucionais, onde havia a ausência da figura de uma autoridade, que Jim Jones fazia suas próprias regras e se sentia confiante e poderoso. Fora da escola, ele podia controlar os mesmos colegas que lá o intimidavam. Ele estruturava o ambiente para ser adaptado a ele, usando um certo jeito que, quando já adulto formado, podia ser imediatamente chamado de gênio. Ele aprendeu desde cedo como atrair seus colegas, mantê-los entretidos e sob controle. Para isso, ele mudava de atitudes, alternando entre uma pessoa amiga e companheira a uma personalidade dominadora, impondo sua autoridade e, às vezes, recuando.<sup>56</sup>

Se, por um lado, o papel do orador é importante para se entender como se dá manipulação, por outro, não se pode ignorar o papel que os receptores têm no processo. Segundo a linguista austríaca Ruth Wodac, eles desempenham um papel mais passível do que na persuasão. Eles são vítimas da manipulação e isso acontece porque são incapazes de compreender as reais intenções ou ver as consequências das crenças e ações advogadas pelo manipulador.<sup>57</sup>

Apesar da habilidade argumentativa que alguns oradores possuem, existe a possibilidade de que determinados receptores não sejam manipulados por sua mensagem.

No caso da *Peoples Temple*, durante o último discurso de Jim Jones, ele trava uma batalha argumentativa com Chrisitne Miller, uma adepta da seita que não concorda com seus planos.

Inicialmente, o plano de Jim Jones era, se necessário um dia, se mudar com todo o grupo para a Rússia. Entretanto, após o assassinato das pessoas no

<sup>56</sup> REITERMAN, T.; JACOBS, J., 1982, posição 479 de 15624. *At school, he was a playground recluse and a sometimes mischievous high achiever and bookworm. At the garage, and on the streets, he was a holy terror. And in his small circle of neighborhood friends, he was a roguish little natural leader. It was outside the institutional framework, in a vacuum of authority where Jim could make his own rules, that he first felt confidence and some power. Outside school, he could control the same playmates who intimidated him a school. He structured the environment to suit himself, using a certain knack that, when full-blown in adulthood, could rightly be called genius. He learned at a very early age how to attract playmates, keep them entertained and maintain a hold on them. To accomplish it, he shifted modes, from playmate and companion to dominator, pushing his authority then backing off.* (tradução nossa)

<sup>57</sup> Cf. WODAK, R. *And Where Is the Lebanon? A Socio-Psycholinguistic Investigation of Comprehension and Intelligibility of News*, Text 7(4): 1987. pp. 377–410.

campo de pouso em Kaituma, ele muda de ideia e procura convencer todos de que a melhor saída seria o ceifamento de suas próprias vidas.

Na tentativa de manipular Christine, Jim Jones se dirige a ela apelando para o seu senso de comprometimento com o grupo, dizendo: “Eu não posso me separar da dor de meu povo. Nem você, Christine, se pensar bem. Você não pode se separar. Já caminhamos por um longo tempo juntos.”<sup>58</sup>

Apesar de todas as argumentações de Jim Jones, Christine se mostrou irreduzível até o final, colocando-se a favor da fuga do grupo para a Rússia para, assim, preservar a vida de todos os membros, especialmente das crianças.

Embora ela houvesse tentado de todas as formas convencer os fiéis presentes naquele momento de que o suicídio não seria a solução, eles preferiram dar ouvidos aos planos de Jim Jones, tirando suas vidas e as de seus próprios filhos.

Com base nessas explanações, pode-se afirmar que a principal distinção entre persuadir e manipular está na intenção do orador que, na persuasão, tem como objetivo apenas provocar a adesão dos seus ouvintes, apelando a fatores racionais, enquanto na manipulação, por ser um discurso que apela ao emocional, há uma intenção deliberada por parte do orador de seduzir as pessoas da audiência para atingir seus objetivos, ainda que isso possa trazer consequências danosas a elas mesmas.

Para dar prosseguimento a esse tópico, é necessário que se recorra à semiótica discursiva, que é um dos ramos de estudos linguísticos que se preocupa com as abordagens semânticas, de sentidos, que ultrapassam os limites das frases e atingem o texto produzido em uma comunidade linguística.

---

<sup>58</sup> MAAGA, Mary McCormick. *Suicide Tape Transcript*. Disponível em: < [http://employees.oneonta.edu/downinll/mass\\_suicide.htm](http://employees.oneonta.edu/downinll/mass_suicide.htm) >. Acesso em 25/05/2015. *I cannot separate myself from the pain of my people. You can't either, Christine, if you stop to think about it. You can't separate yourself. We've walked too long together.* (tradução nossa)



Neste campo, encontram-se as teorias semióticas concebidas pelo linguista lituano Algirdas Julius Greimas, as quais são úteis para se entender como se dá a manipulação discursiva.

De acordo com essa linha teórica, para se construir o sentido de um texto, é preciso conceber seu plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo, ou, resumidamente falando, deve-se considerar os elementos contextuais que o compõem, procurando “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”.<sup>59</sup>

Conforme a teoria do percurso gerativo, o texto é composto por três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo.<sup>60</sup>

O nível fundamental, o primeiro nível da análise, é o ponto de partida na constituição de um texto. É nele que se buscam as categorias semânticas que estão na base da construção textual. É aqui que se identificam as categorias semânticas que mantêm entre si uma relação de contrariedade, de uma oposição semântica principal, como em luz x trevas, alegria x dor, sobre a qual se fundamenta todo o discurso. Após identificar essa oposição, busca-se entender a relação existente entre esses termos conforme a valoração que o próprio texto lhes dá. Essas valorações são atribuídas pelo texto, as quais podem variar, ou seja, aquilo que em um texto tem um valor negativo (disfórico), em outro pode ser positivo (eufórico).<sup>61</sup>

No segundo nível, denominado nível narrativo, é onde os valores fundamentais são desenvolvidos do ponto de vista de um sujeito, seus estados, seus contratos, suas ações e suas transformações no percurso textual. Esse nível

---

<sup>59</sup> BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. 4. ed. São Paulo: Parma LTDA., 2005. p. 11.

<sup>60</sup> Cf. GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J., 1989. pp. 305-307.

<sup>61</sup> Cf. FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 21, 22.



comporta quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção.<sup>62</sup>

A primeira fase, a manipulação, mostra como tudo se inicia e aonde o enunciador quer chegar. Ela evidencia a forma de ação que o destinatário, o manipulador, exerce sobre o seu destinatário para que ele cumpra um programa estabelecido por meio de um contrato proposto.

É o destinatário quem estabelece quais valores serão estabelecidos na narrativa, quais serão os valores eufóricos e disfóricos e a missão a ser cumprida. Assim, o papel do destinatário é o “fazer-fazer” ou o “fazer-creer”.

No discurso da “Death Tape”, a morte tem valor eufórico, uma vez que ela é posta por Jim Jones como a solução para o sofrimento e a perseguição que seu povo vinha sofrendo. Em apoio ao ponto de vista de Jim Jones em seu último discurso, a Sra. McElvane, uma ex-terapeuta e ex-adepta da seita, procura levar todos a ter um olhar positivo sobre o que ocorre após a morte, dizendo que “se nós temos um corpo mutilado, de repente você passa a ter o tipo de corpo que você sempre quis ter.”<sup>63</sup>

Pelo modo que a vida é abordada nesse discurso, ela tem valor disfórico, pois Jim Jones sempre a apresenta de forma negativa em comparação com a morte. Em suas palavras, “é muito, muito mais difícil caminhar todos os dias e morrer lentamente. Desde a época em que você é uma criança até o momento em que você se torna grisalho, você está morrendo.”<sup>64</sup>

De acordo com a semiótica greimasiana, para levar o destinatário a fazer a sua vontade e crer no que ele diz, o destinatário se utiliza de quatro estratégias manipulativas: a tentação, a intimidação, a sedução e a provocação.<sup>65</sup>

<sup>62</sup> Cf. BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Estudos do Discurso*. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à Linguística* (Vol. 2): Princípios de Análise. São Paulo: Contexto, 2003. pp. 187-219.

<sup>63</sup> SCHEERES, Julia. *A Thousand Lives: The Untold Story of Hope, Deception, and Survival at Jonestown*. New York: Free Press, 2011. p. 230.

<sup>64</sup> MAAGA, Mary McCormick. , disponível em: <  
[http://employees.oneonta.edu/downinll/mass\\_suicide.htm](http://employees.oneonta.edu/downinll/mass_suicide.htm)>. Acesso em: 24/04/2015.

<sup>65</sup> Cf. GREIMAS; COURTÉS, 1979, pp. 305-307.

Na tentação, conforme a semiótica citada, o enunciário busca convencer os seus destinatários, ao lhes oferecer recompensas que serão alcançadas, caso ajam conforme a proposta enunciada. Entretanto, para que essa ação seja bem-sucedida, é necessário que a oferta seja algo de interesse do destinatário.<sup>66</sup>

Essa é uma estratégia que pode ser notada no discurso de Jim Jones gravados na fita cassete “Death Tape (Fita da Morte)”, uma vez que ele procurava incutir na mente de seus seguidores que o ato suicida que cometeriam seria recompensado na vida no além. Com esse propósito, em um momento de seu discurso, ele afirma: “É preferível dez milhões de vezes a morte do que dez dias a mais nesta vida. Se você soubesse o que há adiante de você, se você soubesse o que há adiante de você, você se sentiria feliz por dar um passo adiante esta noite.”<sup>67</sup>

Nas palavras de Jim Jones, a morte era somente uma passagem para um mundo onde a alma pudesse descansar. Para um povo que já se sentia cansado, essas palavras tornavam o apelo de Jim Jones tentador.

Na segunda estratégia de manipulação, na intimidação, o enunciador age de forma ameaçadora, conscientizando o seu destinatário das punições que poderão advir de sua desobediência, por exemplo, a condenação ao castigo eterno nas chamas do inferno, caso não aja de acordo com um contrato.<sup>68</sup>

No caso da *Peoples Temple*, Jim Jones não procurou intimidar seu povo com a ameaça de uma vida eterna no além, atormentada em um inferno de fogo, caso não ouvissem sua voz. A punição seria aqui na própria terra para aqueles que recusassem matar os seus filhos e a si mesmos. Jim Jones queria fazer com que todos acreditassem que o governo americano, em consequência pela morte do congressista Leo Ryan, enviaria tropas para o local e puniria todos. Isso era o que ele pretendia dizer, quando afirmou:

<sup>66</sup> Cf. GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 270.

<sup>67</sup> MAAGA, disponível em: < [http://employees.oneonta.edu/downinll/mass\\_suicide.htm](http://employees.oneonta.edu/downinll/mass_suicide.htm) >. Acesso em: 24/04/2015.

<sup>68</sup> Cf. GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 270.

O que aquelas pessoas irão fazer quando chegarem aqui tornará a nossa vida pior do que num inferno. É melhor que não deixemos nenhum de nossos filhos para trás quando tudo estiver acabado, porque eles vão descer de paraquedas aqui sobre nós. Não há como, não há como sobrevivermos.<sup>69</sup>

Na sedução, as estratégias usadas não são as promessas nem as ameaças, mas as exaltações, às vezes com certos exageros, que o manipulador faz da imagem do manipulado, tentando levá-lo a agir conforme os elogios feitos.<sup>70</sup>

Quanto a esse aspecto, Jim Jones, com a pretensão de fazer os seus seguidores se sentirem especiais, massageava seu ego referindo-se a eles como “pessoas além do seu tempo”, como se a humanidade não os compreendesse e não os merecesse.

Na provocação, um aspecto que não está presente na “Death Tape”, ao contrário da sedução, o enunciador trabalha com aspectos negativos de seu público-alvo, levando-o a agir de forma a contrariar a imagem negativa criada pelo manipulador.<sup>71</sup>

Em resumo, as quatro formas de manipulação, divididas em duas categorias, são:

Tipo 1 - Ofertas de valores:

Tentação (Valores eufóricos).

Intimidação (Valores disfóricos).

Tipo 2 – Construções Identitárias:

Sedução (Imagem positiva).

Provocação (Imagem negativa).

Na manipulação, não se pode ignorar um aspecto importante relacionado ao receptor, pois a eficiência do discurso se dará em conformidade com a maneira que ele interpretará os argumentos do enunciador, ou seja, o seu “fazer

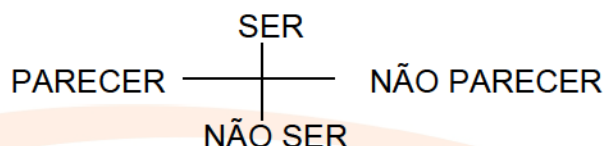
<sup>69</sup> MAAGA, Mary. Q042 *Transcript*. Disponível em: <  
[http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=29083](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=29083) > Acesso em: 24/04/2015.

<sup>70</sup> Cf. GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 270.

<sup>71</sup> Cf. GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 270.

interpretativo”, que é a avaliação que o receptor faz dos argumentos apresentados pelo locutor antes de tomar a sua decisão.

Para analisar o “fazer interpretativo”, a semiótica criou categorias, as quais ela denominou “modalidades veridictórias”<sup>72</sup>. Ao ser exposto ao enunciado, o locutário, primeiramente, se depara com o que está manifesto e decide se o enunciador parece ou não confiável. Em seguida, julga o que lhe é imanente, decidindo se ele realmente é ou não é confiável. A decisão que o destinatário tomará com base no enunciado dependerá da combinação do “ser” com o “parecer”, concluindo, daí, se o enunciador é verdadeiro, mentiroso, falso ou secreto. Isso pode ser representado graficamente por dois eixos, da seguinte forma:



Desta forma, segundo a gramática greimasiana, o eixo vertical representa a imanência, e o eixo horizontal representa a manifestação. Assim, o enunciatário escolhe um elemento de cada eixo para fazer o seu julgamento. Por exemplo, se, com base em seus julgamentos, ele escolher o elemento “ser” do eixo vertical, e o elemento “parecer” do eixo horizontal, sua conclusão será de que o destinador é verdadeiro. Caso ele escolha o “ser” do eixo vertical combinado com o “não parecer” do eixo horizontal, concluirá que o enunciado é verdadeiro, embora não pareça, o que determinará que o *status* do enunciado é “secreto”. Ao escolher o “não ser” do eixo vertical e o “não parecer” do horizontal, chegará à conclusão de que a argumentação é mentirosa e, por fim, se no julgamento do enunciatário ele classificar o enunciado, segundo a linha da imanência, como um “não ser” combinado com um “não parecer” da linha da manifestação, o enunciado será considerado falso.<sup>73</sup>

Em continuação, Greimas escreve que a segunda fase do nível narrativo, a competência, tem a ver com a aquisição das qualificações necessárias

<sup>72</sup> Cf. GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 488.

<sup>73</sup> Cf. GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 489.



recebidas pelos destinatários para que eles, além de desejarem e se sentirem obrigados a praticar uma ação, tornem-se competentes para agirem conforme um plano estabelecido, o que acontece nesse momento do percurso discursivo.<sup>74</sup>

Na performance, após o destinatário, já devidamente manipulado e capacitado, ter interpretado o enunciado como verdadeiro e aceitado o contrato fiduciário proposto pelo destinador-manipulador, ele põe em prática a ação esperada.

No que diz respeito à sanção, nessa fase, o destinador reconhecerá ou reprovará a ação do destinatário pelo cumprimento ou não do contrato fiduciário, podendo premiá-lo (sanção positiva) ou puni-lo (sanção negativa) de acordo com seu julgamento.

Concluindo, Barros afirma que o nível discursivo, o último nível do percurso gerativo do texto

é o patamar mais superficial do percurso, o mais próximo da manifestação textual. Pela própria definição do percurso gerativo, as estruturas discursivas são mais específicas, mas também mais complexas e “enriquecidas” semanticamente, que as estruturas narrativas e as fundamentais.<sup>75</sup>

Ao se analisar a “Death Tape”, sob o ponto de vista da semiótica greimasiana, percebe-se que Jim Jones se mostrou competente para manipular seus seguidores, pois ele conseguiu fazer com que eles, com exceção de Christine Miller, interpretassem o seu discurso como verdadeiro e aceitassem o contrato fiduciário proposto: o suicídio coletivo.

Isso pode ser comprovado pelos aplausos e palavras de apoio que todos proferiam a cada vez que Jim Jones argumentava em seu discurso a favor de seu plano macabro.

---

<sup>74</sup> Cf. GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 489.

<sup>75</sup> BARROS, 2005, p. 53.

### 1.2.2 O manipulador e a liderança carismática

Conforme já exposto, o discurso é uma importante ferramenta para que se possa alcançar um determinado fim, e a sua textura, de acordo com a suas condições de produção, irá variar conforme a intenção de quem o profere. É o enunciador que, utilizando-se de técnicas discursivas apropriadas, determinará se o discurso será lúdico, polêmico ou autoritário.

Uma vez que o foco deste trabalho é o discurso autoritário religioso, aquele do qual líderes manipuladores podem fazer uso, as próximas linhas serão dedicadas ao estudo do perfil do sujeito que o profere.

O manipulador é aquele que faz o mau uso da retórica, e assim o faz com a intenção de impor aos seus locutários suas ideias de forma sedutora, para que eles aceitem irracionalmente o que lhes é apresentado. Ele não apela à razão dos seus ouvintes, não respeita a sua liberdade e atua sagazmente sobre seus centros de decisão, a fim de levá-los a tomar decisões que favoreçam aos seus propósitos.<sup>76</sup>

A humanidade já presenciou vários casos em que líderes religiosos levaram seguidores de seu grupo a cometerem barbaridades contra si mesmos e contra terceiros. Mas o que leva as pessoas a obedecerem a tal liderança, ainda que suas atitudes lhes sejam danosas? O fato é que esse líder possui certa qualidade individual que deixa a impressão de que ele é alguém divinamente eleito, portador de dons sobrenaturais, sobre-humanos e que possui poderes excepcionais, ou seja, ele é uma pessoa dotada de carisma.<sup>77</sup>

Um líder que possui esse dom é alguém que inspira em seus seguidores aceitação incondicional, obediência espontânea, confiança e envolvimento emocional.

---

<sup>76</sup> Cf. ALVES, F.; ARÊDES, J.; CARVALHO, J.; CORREIA, C. J., 2012, p. 129.

<sup>77</sup> Cf. HAMMER, O.; ROTHSTEIN, M. *The Cambridge Companion to New Religious Movements*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 80.

Max Weber procura explicar essa liderança, afirmando:

A expressão “carisma” deve ser compreendida como se referindo a uma qualidade extraordinária de uma pessoa, quer seja tal qualidade real, pretensa ou presumida. “Autoridade carismática”, portanto, refere-se a um domínio sobre os homens, seja predominantemente externo ou interno, a que os governados se submetem devido a sua crença na qualidade extraordinária da pessoa específica. O feiticeiro mágico, o profeta...o chefe guerreiro...o chefe pessoal de um partido são desses tipos de governantes para os seus discípulos, seguidores, soldados, partidários, etc. A legitimidade de seu domínio se baseia na crença e na devoção ao extraordinário, desejado porque ultrapassa as qualidades humanas normais e originalmente considerado como sobrenatural. A legitimidade do domínio carismático baseia-se, assim, na crença dos poderes mágicos, revelações e culto do herói.<sup>78</sup>

Esse tipo de dominação se mantém devido a uma devoção de afeto por parte dos dominados e sua adesão às crenças transmitidas por seus líderes, os quais obtêm seus reconhecimentos por surgirem nos momentos oportunos como libertadores dos oprimidos e excluídos pela sociedade em que se encontram. Desta forma, esses líderes se aproveitam dessa imagem messiânica criada por seus seguidores para impor sobre eles deveres invioláveis. Em complemento, Weber afirma que a forma mais pura de dominação carismática é o caráter autoritário e imperativo.<sup>79</sup>

Para Weber, a liderança carismática, uma característica muito comum nos novos movimentos religiosos, “se apoia na devoção a uma santidade excepcional, no heroísmo ou caráter exemplar de uma pessoa e nos modelos normativos ou ordem revelada ou prescrita por ele”.<sup>80</sup>

Em que meio e momento um líder carismático encontra um terreno fértil? A resposta pode estar nas palavras de Catherine Wessinger, a qual afirma que

o carisma pode ser o meio pelo qual pessoas talentosas, porém marginalizadas, tais como as mulheres, homens de baixo status social e com baixo nível educacional, incluindo também as crianças, ganham autoridade, respeito e que frequentemente seguem uma carreira religiosa. O carisma pode ser o meio pelo qual o líder dá esperanças aos membros de um grupo ou nação desmoralizados,

<sup>78</sup> WEBER, M. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982. p. 283-289.

<sup>79</sup> Cf. WEBER, 1982, pp. 283-289.

<sup>80</sup> Cf. WEBER, M. - *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*, vol. 1. Brasília: Universidade de Brasília, 1991. p. 141.

motivando-os a recriar suas identidades coletivas e a se entregarem a atos de autossacrifício, incluindo atos belicosos e genocidas.<sup>81</sup>

Desta forma, é possível que um grupo de pessoas que se sentem excluídas da sociedade em que vivem sejam recrutadas por um líder carismático que as acolhe e, assim, as induz a cometer atos que atentam contra suas próprias vidas.

Corroborando com o exposto, um aspecto relevante a ser observado é o encantamento que um líder carismático exerce sobre seus seguidores, conforme observa Michael Green. Para ele, os fiéis veem seu líder como um ser transcendental, da mesma forma que os romanos viam seus imperadores. Segundo esse teólogo, às vezes, o próprio líder carismático se declara uma figura divinamente enviada. O encantamento causado por tais pessoas faz com que seus seguidores os acompanhem sem questioná-las.<sup>82</sup>

Com o propósito de mostrar o caráter transcendental de sua pessoa, Jim Jones uma vez disse:

Eu represento o princípio divino, a igualdade total, uma sociedade onde as pessoas possuem todas as coisas em comum, onde não há ricos e nem pobres, onde não há raças. Onde quer que haja pessoas lutando por justiça e retidão, lá eu estou e lá eu estou envolvido.<sup>83</sup>

A liderança carismática é um processo composto por três fatores: a situação social que demanda a existência de tal liderança, o líder e seus atributos e a interação entre o líder e seus seguidores.<sup>84</sup>

Em 1955, Jim Jones fundou o seu próprio grupo religioso, denominando-o “Wings of Deliverance” (Asas da Libertação), nome que foi mudado logo em

<sup>81</sup> HAMMER; ROTHSTEIN, 2012. p. 81.

<sup>82</sup> Cf. GREEN, M. *I Believe in Satan's Downfall*. Grand Rapids, Michigan, EUA: Eerdmans Publishing Company, 1981.

<sup>83</sup> TIBBOTT, Julie. *Members Only: Secret Societies, Sects, and Cults Exposed!* San Francisco, USA: Zest Books, 2014. p. 139. *I represent divine principle, total equality, a society where people own all things in common, where there's no rich or poor, where there are no races. Wherever there are people struggling for justice and righteousness, there I am.* (tradução nossa)

<sup>84</sup> Cf. PALSHIKAR, K. *Charismatic Leadership*. Disponível em: < [https://www.academia.edu/7334696/Charismatic\\_Leadership](https://www.academia.edu/7334696/Charismatic_Leadership) > Acesso em: 25/04/ 2015.



seguida para “Peoples Temple” (Templo do Povo), cujos princípios se baseavam na solidariedade e no acolhimento de todas as pessoas desprezadas e marginalizadas.

A época em que a “Peoples Temple” surgiu foi um período de grande agitação social na América, especialmente no que se referia aos direitos dos afro-americanos, uma vez que eram perseguidos, chegando, às vezes, a serem mortos por grupos racistas. Esse quadro pode explicar por que Jim Jones obteve êxito ao fundar a sua igreja e, através dela, se apresentar como um líder carismático que se colocava em defesa dos menos favorecidos para fazê-los se sentir importantes.

A confirmação do exposto pode ser notada nas palavras de Deborah Layton, uma ex-membro do grupo, que em uma ocasião declarou:

todos sentiam que tinham um propósito lá e que eram excepcionalmente especiais. É assim que ele (Jim Jones) aliciou muitos jovens estudantes universitários, muitas mulheres negras e muitas pessoas de diferentes contextos sociais que perceberam que havia algo maior do que eles próprios com o qual eles precisavam estar envolvidos.<sup>85</sup>

A “Peoples Temple” foi fundada em Indianápolis, no estado de Indiana, e se mudou primeiramente para a Califórnia em 1960, transferindo-se, em seguida, em 1974, para a então Guiana Inglesa, onde se estabeleceu até o dia de sua extinção, em novembro de 1978.

Foi durante esse período de 23 anos que Jim Jones construiu sua imagem de um semideus para aqueles que o seguiam, através de realizações de milagres e profecias durante seus sermões, que foram registrados em fitas cassetes desde o início dos anos 1970, conforme pode ser observado nas várias declarações feitas pelos adeptos de seu movimento religioso.

Em uma dessas gravações contidas na fita registrada sob o número Q897, ao se ouvirem as palavras de uma das pessoas pertencentes à seita, pode-se

<sup>85</sup> WILLIAMS, Matt. *The Jonestown Massacre*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=31462](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=31462) > Acesso em: 25/04/2015.

perceber como ela descrevia a figura de Jim Jones como a de um líder carismático, uma vez que ela afirmava: “Eu não tenho que dizer a você se eu o via como um homem ou profeta. Ele me curou de um terrível câncer na garganta, portanto, você sabe, eu o via como Deus, meu salvador”.<sup>86</sup>

A fé dos membros era tamanha que chegavam a acreditar que Jesus Cristo usava a pessoa de Jim Jones para realizar milagres, conforme chegou a testemunhar Geneva Beal, uma das fiéis da seita, ao dizer: “Eu gostaria de testemunhar, dizer algumas das coisas que..., que o Cristo que está operando através de nosso pastor Jim Jones alcançou-me e tocou-me muitas vezes. Os médicos tinham desistido de mim, e eu tinha câncer no cérebro. Mas o Cristo que está operando através do pastor Jim Jones curou-me do câncer no cérebro.”<sup>87</sup>

Nesse sentido, o próprio Jim Jones uma vez afirmou: “Algumas pessoas veem uma grande porção de Deus em mim. Eles veem Cristo em mim, uma esperança de glória.”<sup>88</sup>

Janet Shular, uma outra adepta da seita, em referência à imagem que os adeptos da seita tinham de seu líder, declarou que

as pessoas elevaram Jim Jones a um nível de adoração porque muitos acreditavam que ele as tinha curado de câncer. Muitos acreditavam que ele tinha salvado seus filhos de um acidente de automóvel. Havia muitas razões para as pessoas admirarem, amarem, desculparem e perdoarem o que Jim fazia.<sup>89</sup>

É essa identidade carismática que tinha o efeito de elevar Jim Jones a uma posição sobre seus seguidores e que era usada por ele para tornar seus argumentos mais persuasivos e mais eficientes.

<sup>86</sup> NEIGHBORS, Jacob. *Obey Your Father: Jim Jones' Rhetoric of Deadly Persuasion*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=34307](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=34307) > Acesso em: 25/04/2015.

<sup>87</sup> BELLEFONTAINE, Michael. *Q987 Transcript*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=27635](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=27635) > Acesso em: 25/04/2015.

<sup>88</sup> VIRGEN, Rebecca-Jayne. *The Modus Operandi of Modern Religious Movements*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=34342](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=34342) > Acesso em: 25/04/2015.

<sup>89</sup> LESKO, Kristin; NELSON, Stanley; SAMELS, Mark; TURNER, Christine; WALKER, Noland. *Jonestown: The Life and Death of Peoples Temple*. [filme-video]. Direção de Stanley Nelson. USA: PBS, 2006. 1 DVD VHS / NTSC. 86 minutes. Dolby Digital 2.0. Stereo.

É por isso que em seu último discurso, com a intenção de convencer a todos a cometerem suicídio coletivo, ele disse: “Eu estou falando aqui não como um administrador. Eu estou falando como um profeta hoje.”<sup>90</sup>

Diante de tantos feitos miraculosos, os fiéis acreditavam nos dons divinos de seu líder e estavam convencidos de que Jim Jones podia prever o futuro, que ele tinha informações das quais ninguém mais tinha conhecimento. Esses membros também acreditavam que a “Peoples Temple” era o único antídoto contra todos os males do mundo.<sup>91</sup>

Essa era a imagem que os membros da “Peoples Temple” tinham do seu pastor, que o viam como um líder messiânico, um herói, um super-homem, e que criam em suas qualidades extraordinárias.

Foi assim que Jim Jones, uma pessoa oriunda de uma família pertencente a uma camada de baixo *status* social, usou, além de seu discurso, o seu carisma para ganhar autoridade e respeito, dando aos membros de um grupo de pessoas humilhadas motivação para recriarem suas identidades coletivas e se entregarem a atos de autossacrifício, típico dos movimentos que possuem uma liderança carismática.<sup>92</sup>

<sup>90</sup> MAAGA, Mary McCormick. disponível em: < [http://employees.oneonta.edu/downinll/mass\\_suicide.htm](http://employees.oneonta.edu/downinll/mass_suicide.htm) >. Acesso em: 24/04/2015.

<sup>91</sup> Cf. YEE, Min S. & Thomas Layton. In *My Father's House*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1981. p. 165

<sup>92</sup> Cf. HAMMER, O.; ROTHSTEIN, M., 2012. p. 80.

## 2 A ILUSÃO DA REVERSIBILIDADE E AS ESTRATÉGIAS RETÓRICAS NOS DISCURSOS RELIGIOSOS DE JIM JONES

É impressionante a capacidade que alguns líderes religiosos têm para convencer sua audiência através de seus discursos. Ao se colocarem na posição de porta-vozes de Deus, proferem seus enunciados de tal forma que muitos da audiência se sentem tão tocados que não conseguem resistir aos seus apelos. O que existe nessa forma discursiva que dá aos seus enunciadores tanto poder? Este capítulo discutirá os aspectos e as estratégias usadas nos discursos proferidos por líderes de grupos religiosos para responder a essa questão.

### 2.1 A reversibilidade como troca de papéis na interação discursiva

No capítulo anterior deste trabalho, foram apresentados os elementos que devem ser considerados ao se analisar um discurso e o seu poder de manipulação.

Para que melhor se entenda o poder persuasivo do discurso religioso, esta seção se dedicará a uma análise de suas propriedades, as quais tornam possível a relação discursiva entre seus interlocutores.

Recapitulando, Eni Orlandi distingue três tipos de discursos: o lúdico, o polêmico e o autoritário, todos eles classificados de acordo com a relação existente entre o referente (objeto do discurso) e os interlocutores (locutor e ouvinte).<sup>93</sup> Para essa classificação, ela coloca a reversibilidade como um dos critérios subjacentes à tipologia na qual ela distingue tais discursos. A autora define a reversibilidade como a troca de papéis na interação que constrói o discurso e que o discurso constitui<sup>94</sup>, ou seja, ela propõe não fixar de forma categórica o locutor no lugar do locutor e o ouvinte no lugar do ouvinte, uma vez que ambos podem transpor os seus lugares discursivos quando afetados pelo simbólico da língua.

---

<sup>93</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p.154.

<sup>94</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p. 239.



Tendo a noção da reversibilidade como parâmetro para analisar todos os três diferentes tipos de discursos, pode-se afirmar que o discurso polêmico a realiza sob certas condições (a dinâmica de tomada da palavra), possibilidade essa que é anulada no discurso autoritário. No discurso lúdico, tendo em vista o seu deslocamento, de um lado, em direção ao fático e, de outro, em direção ao poético, essa condição pode ser suspensa. Quando esse tipo de discurso tende para o fático, há um exagero para mais, pois o centro desse discurso tende para a troca de papéis em si. Por outro lado, se ele tende para o poético, a relação com a reversibilidade tende para menos, uma vez que a linguagem em si, a qual se manifesta pelo prazer de dizer, é mais importante do que o diálogo.<sup>95</sup>

É com base na noção de reversibilidade que Orlandi define o discurso autoritário. Ela afirma que, apesar de no discurso autoritário não haver reversibilidade de fato, é a ilusão (como sentimento) da reversibilidade que sustenta esse discurso. Ao explicar por que isso se dá, ela diz que

embora o discurso autoritário seja um discurso em que a reversibilidade tende a zero, quando é zero, o discurso se rompe, desfaz-se a relação, o contato, e o domínio do discurso fica comprometido. Daí a necessidade de se manter o desejo de torná-lo reversível. Daí a ilusão. E essa ilusão tem várias formas nas diferentes manifestações do discurso autoritário.<sup>96</sup>

No discurso religioso, uma das formas do discurso autoritário, devido ao fato de pertencerem a mundos de naturezas distintas, é impossível que o ser humano, que está no mundo material, possa transcender ao mundo de Deus, o espiritual, o que estabelece, desta forma, uma intransponibilidade. O que acontece, na verdade, é somente a ilusão da passagem de um plano ao outro, de um mundo ao outro, através dos dons da visão, da profecia, da performatividade das fórmulas religiosas e da revelação.<sup>97</sup>

Em continuidade, Orlandi afirma que, nesse discurso, essa ultrapassagem, ou transponibilidade ilusória, se dá em duas direções: de cima para baixo, quando

<sup>95</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p. 239.

<sup>96</sup> ORLANDI, 2011, p. 240.

<sup>97</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p. 251.

o divino partilha com os homens suas propriedades, ou de baixo para cima, quando o homem, na figura do profeta, do vidente e do místico, se eleva até a divindade e alcança qualidades atemporais, como onipotência, onipresença, eternidade, onisciência, dentre outras, que se revelam na profecia, na visão e no misticismo.

Ao se analisarem os discursos de Jim Jones na busca pela ilusão da reversibilidade que se dá de baixo para cima, é possível encontrá-la em algumas de suas performances, por exemplo, na visão que teve em 1961, na qual ele viu o meio-oeste dos Estados Unidos sendo destruído em um holocausto nuclear. Essa visão foi um dos motivos que levou Jim Jones a procurar um lugar seguro para sua família, a ponto de se mudar com ela para o Brasil, onde residiu por quase dois anos. Posteriormente, ele voltou com o seu grupo para Redwood Valley, Califórnia, onde montou, em 1972, um complexo chamado “Happy Acres (Acres Felizes)”.<sup>98</sup>

Essa forma ilusória de reversibilidade também se manifestava nas ocasiões em que Jim Jones realizava congressos com outros pastores pentecostais, nos quais, em meio a supostas curas, acreditava-se também que ele revelava informações particulares dos presentes no local, tais como o número da placa de seus carros, seus endereços, seus números de telefone bem como seus números de seguro social.<sup>99</sup>

Esse suposto poder que Jim Jones exibia diante de seus seguidores os deixava estupefatos e cada vez mais convictos de que seu pastor teria realmente uma missão messiânica.

Alguns desses eventos estão gravados na fita cassete Q919, em poder do “The Jonestown Institute”, na qual se pode ouvir Jim Jones operar supostas maravilhas, dentre elas, a cura de câncer, de problemas de visão e de paralisias. Uma dessas pretensas curas foi a de uma mulher cega que, depois

---

<sup>98</sup> Cf. KOHL, R.. *The Tragedy of 1978*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=31995](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=31995) >. Acesso em: 25/04/2015.

<sup>99</sup> Cf. REITERMAN, T.; JACOBS, J., 1982, posição 1341 de 15624 .

da intervenção milagrosa de Jim Jones, podia contar os dedos das mãos do pastor erguidas no ar, apesar da longa distância que os separava dentro do templo. Uma outra mulher que possuía uma prótese nos joelhos e, que por isso, mal podia caminhar, repentinamente passou a correr ao redor de toda a congregação. Outros que alegavam estar doentes de câncer voltavam dos banheiros trazendo em suas mãos supostos pedaços de órgãos tomados pelo câncer, miraculosamente expelidos de seus corpos. Nesse evento, acreditavam ter havido até mesmo a ressurreição de uma mulher, mas o milagre se deu dentro de um dos banheiros.<sup>100</sup>

Os pretensos milagres eram um dos meios dos quais Jim Jones se apropriava para evidenciar em si mesmo qualidades místicas e sua relação com o sagrado, tendo em vista que, de acordo com Orlandi, “nele (no milagre) se juntam a interferência divina e a inexplicabilidade da ciência dos homens.”<sup>101</sup>

No movimento oposto de transposição, ou seja, no de cima para baixo, Orlandi diz que é nele que a entidade divina, de forma ilusória, desce até os homens e partilha com eles suas qualidades. Considerando a Igreja Católica como exemplo, esse é o movimento em que se consideram as fórmulas religiosas em seu caráter performativo, tais como a infalibilidade do papa, a possibilidade de ministrar sacramentos, a consagração da missa, as bênçãos, através da intervenção do papa, dos bispos, dos padres e de outros líderes consagrados.<sup>102</sup>

## 2.2 Discurso e performatividade: a manifestação divina através da pessoa autorizada

De posse dos conhecimentos apresentados até o momento, nesta seção se discutirá o que dá a alguém autoridade para proferir os discursos performativos.

<sup>100</sup> Cf. BELLEFONTAINE, MICHAEL. Q987 *Transcript*. Disponível em <[http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=27611](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=27611)> Acesso em: 25/04/2015.

<sup>101</sup> ORLANDI, 2011, p. 251.

<sup>102</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p. 251.



Até os estudos do filósofo inglês John Langshaw Austin, os linguistas e filósofos se preocupavam somente com os enunciados descritivos afirmativos, os quais, em sua opinião, serviam apenas para descrever o estado das coisas no mundo. Tais enunciados podiam ser verdadeiros ou falsos. Entretanto, após 12 conferências apresentadas por Austin na Universidade de Harvard, EUA, em 1955, ele, assim como John Searle, um filósofo e escritor norte-americano, dentre outros, afirmaram ver a linguagem como uma forma de ação ("todo dizer é um fazer") e, a partir de então, começaram a analisar os diversos tipos de ações humanas que se realizam através da linguagem. Foi a partir de então que o filósofo inglês formulou a sua Teoria dos Atos da Fala, na qual ele se contrapôs à visão descritiva dos enunciados, ao afirmar que alguns deles não servem apenas para descrever, mas para realizar ações.<sup>103</sup>

Foi com base nessa teoria que John Langshaw Austin afirmou que "dizer é transmitir informações, mas é também (e sobretudo) uma forma de agir sobre o interlocutor e sobre o mundo circundante."

Com base nessa afirmativa, Austin definiu dois tipos de enunciados: os constativos e os performativos.<sup>104</sup>

Os enunciados constativos são os que descrevem ou informam a respeito de um estado de coisas, sendo, portanto, passíveis de se serem submetidos ao critério de verificabilidade, ou seja, podem ser rotulados como verdadeiros ou falsos, como nas afirmações, nas descrições ou nos relatos. Como exemplo, podemos citar as seguintes sentenças: *Eu moro em São Paulo*; *A matéria é composta por moléculas*; *Choveu no interior do Espírito Santo*.

Austin afirma que os enunciados performativos não descrevem e nem informam a respeito de um estado de coisas, não sendo, portanto, passíveis de verificabilidade. São enunciados que, quando proferidos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, na voz ativa, nas formas negativa e

---

<sup>103</sup> Cf. AUSTIN, John L. *How to Do Things with Words*, 2<sup>nd</sup> ed., edited by M. Sbisà and J. O. Urmson, Oxford: Oxford University Press, 1975. pp 1-93.

<sup>104</sup> Cf. AUSTIN, John L., 1975, pp. 1-93.



afirmativa, realizam ou “performam” (do inglês *to perform*) uma ação denotada pelo verbo, como em *Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; Eu te condeno à prisão perpétua; Eu vos declaro marido e mulher; Está aberta a sessão.*<sup>105</sup>

Entretanto, há de se observar que, para que um enunciado performativo seja executado, é preciso que algumas condições sejam satisfeitas, a saber: o falante deve ter autoridade para executar o ato e, além disso, as circunstâncias em que as palavras são proferidas devem ser apropriadas.

Essas condições, denominadas por Austin “condições de felicidade”, caso não sejam adequadas, o enunciado se torna nulo, sem efeito, o que se confirma nas palavras de Eni Orlandi:

as fórmulas religiosas, para ter validade, têm de ser usadas em situação apropriada e bem configurada. Para realizar esses atos, é preciso estar investido de uma autoridade dada, ou pelo menos reconhecida, pelo poder temporal, em condições muito bem determinadas, em situações bastante ritualizadas.<sup>106</sup>

Com base nesse aspecto, o representante do locutor, munido da autoridade que lhe é atribuída, fato que no discurso religioso é *estar no lugar de*, e não estar no *lugar próprio*, faz falar a voz da divindade. Ele simplesmente transmite as palavras divinas, não se confundindo com o próprio locutor, fenômeno que nas palavras de Orlandi “é a expressão fundamental da não-reversibilidade [...] o como se fosse sem nunca ser”.<sup>107</sup>

Se a condição para que alguém execute um ato performativo é a autoridade concedida a ele por um poder temporal, Jim Jones a possuía, pois, sendo o líder do grupo, outorgava a si mesmo essa autoridade para que pudesse estabelecer regras, interpelar, ordenar, salvar, condenar, abençoar e ministrar sacramentos em sua seita, como casamentos e batismos.<sup>108</sup> Assim, munido de

<sup>105</sup> AUSTIN, John L., 1975, pp. 1-93.

<sup>106</sup> ORLANDI, 2011, p. 252.

<sup>107</sup> ORLANDI, 2011, p. 253.

<sup>108</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p. 251.

autoridade, ele exigia absoluta devoção à sua pessoa e estabelecia regulamentos, ameaçando de severas punições aqueles que os infringissem.

Como exemplo de ato performativo realizado na “Peoples Temple”, pode-se citar o casamento dos então membros Bob Houston e Joyce Shaw, ao final do qual Jim Jones, na sua posição de autoridade, disse: “O que Deus uniu o homem não separe.”<sup>109</sup>

Em relação aos batismos realizados em Jonestown, Jim Jones começou a se desviar de seus rituais tradicionais, a ponto de se dirigir à sua comunidade religiosa com as seguintes palavras: “Eu batizo vocês porque vocês são ritualistas, mas a água não salva vocês. A água não vos libertará e nem vai cuidar de seus problemas.”<sup>110</sup>

Aparentemente, o batismo na “Peoples Temple” simbolizava a morte para um novo nascimento, mas, na verdade, ele era tido como um símbolo que representava o compromisso com o socialismo, ou seja, a morte de um velho ser capitalista para um novo nascimento na “divindade do socialismo”, ou, conforme afirmava Jim Jones, ele representava a morte para o egoísmo, a morte para o capitalismo, a morte para os próprios interesses, a morte para a busca da cultura, a morte para o *status quo*, a morte para as posições socioeconômicas, a morte para a estrutura de classe, a morte para as posses, a morte para o materialismo e a ressurreição para o amor.<sup>111</sup>

Pelo exposto, percebe-se o poder da palavra, através do mecanismo da performatividade, na religião. Esse mecanismo confirma o estado assimétrico existente dentro do discurso religioso, uma vez que, se de um lado existe um locutor autorizado que institui, interpela, ordena, regula, salva, condena, do outro, existe um sujeito subordinado que responde, pede, agradece, obedece e desculpa-se. Essa configuração confirma a expressão de estatuto jurídico entre

<sup>109</sup> Cf. REITERMAN, T.; JACOBS, J., 1982, posição 5930 de 15624.

<sup>110</sup> McGEHEE, Fielding M. Q1059-3 *Transcript*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=27333](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=27333) >. Acesso em: 25/04/2015.

<sup>111</sup> Cf. CHIDESTER, D., 2003, p. 63.

os interlocutores, evidenciada nas ações que eles instituem ao se pronunciarem.

Conforme visto, a ilusão da reversibilidade é um elemento importante para a identificação de um discurso religioso, uma vez que ela é a propriedade que torna possível, ainda que de forma ilusória, o contato do homem com o transcendental.

Para melhor alicerçar a identificação de um discurso a fim de classificá-lo como religioso, devem-se levar em consideração as suas marcas, foco da próxima seção.

### 2.3 A identidade do discurso religioso: suas marcas e as suas propriedades

Em conformidade com a proposta deste trabalho, o seu principal objeto são os discursos proferidos por Jim Jones, os quais levaram grande parte de seus seguidores a tirarem suas próprias vidas. Entretanto, em virtude de seu descontentamento com as injustiças e desigualdades que existiam na sociedade americana, Jim Jones tinha seus discursos permeados por ideologias políticas e baseados em textos marxistas para fundamentar os princípios de sua seita, uma vez que ele acreditava que o capitalismo era o poder do anticristo na terra, representado pelo Estado americano.<sup>112</sup>

Devido a essa característica, os discursos de Jim Jones podem ser considerados religiosos? Existem neles marcas que evidenciem esse caráter? É com o propósito de responder a essas perguntas que as próximas linhas serão dedicadas.

A intransponibilidade entre os planos temporal (material) e atemporal (espiritual) é a propriedade que caracteriza o discurso religioso, o que resulta na ilusão da reversibilidade. Apesar da ilusão de que é a divindade quem fala

---

<sup>112</sup> Cf. REITERMAN, T.; JACOBS, J., 1982.

nas pessoas de seus representantes autorizados, eles não podem se apropriar do lugar de onde falam em virtude de sua natureza efêmera e imperfeita.<sup>113</sup>

Essas são as propriedades do discurso religioso que configuram o seu funcionamento, as quais diferem de suas marcas, tendo em vista que, segundo Orlandi, “elas têm mais a ver com a totalidade do discurso e sua relação com a exterioridade, enquanto a marca diz respeito à organização do discurso.”<sup>114</sup>

As marcas do discurso religioso contribuem para reforçar o seu tipo. Elas podem ser encontradas através da análise da dissimetria entre os dois planos. Tal dissimetria, trazida para o plano semântico, equivale às antíteses, uma vez que se apoia no mecanismo gramatical da negação. A negação, conforme o mundo em que ela ocorre (no temporal ou espiritual), tem um efeito invertido, ou seja, a morte no mundo temporal é o sim para a vida no mundo espiritual, o perder-se no mundo material é o salvar-se no mundo espiritual.

Assim, Eni Orlandi, ao referir-se à retórica do discurso religioso, afirma que ela

é a que se pode denominar a retórica da denegação, ou seja, a negação da negação. Isso porque, pela caracterização da dissimetria, o ouvinte (o homem) acumula os valores negativos e, entre eles, o de que nasceu com o pecado, e o pecado é o não a Deus. Assim, o discurso religioso, para afirmar o que é positivo, deve negar o negativo, ou seja, deve negar o sim pressuposto, do homem, ao pecado (que é negação).<sup>115</sup>

Um bom exemplo de denegação no discurso religioso pode ser encontrado em um trecho da epístola que o personagem bíblico Paulo escreveu aos filipenses, quando afirmou: “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho”. (Fp 1, 21).

Semelhantemente a Paulo, Jim Jones via a morte como algo positivo e que não deveria ser temida, pois acreditava que através dela o ser humano poderia experimentar a tão almejada paz em uma outra existência, embora na “Death

<sup>113</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p. 257.

<sup>114</sup> ORLANDI, 2011, p. 257.

<sup>115</sup> ORLANDI, 2011, p. 257.



Tape” isso apareça de forma implícita, quando Jim Jones disse: “Gostaria de escolher a forma com que quero morrer. Estou cansado de ser atormentado, é disso que estou cansado. Estou cansado disso”.<sup>116</sup>

Para que a retórica da denegação seja levada a efeito, ela é configurada em três grandes partes, de acordo com o seguinte esquema: a exortação, o enlevo e a salvação.<sup>117</sup>

Na exortação, podem ser distinguidos três componentes que a caracterizam. O primeiro é a identificação dos sujeitos entre si, pois, para que haja transformação, é necessário se reconhecer na igualdade, conforme pode ser observado no exórdio de sermões, quando o locutor se dirige aos seus ouvintes com a expressão introdutória “caríssimos irmãos”. Essa mesma identificação não é observada nos discursos em que o orador usa expressões tais como “camaradas” ou “meus senhores e minhas senhoras”, as quais atribuem diferentes identidades aos interlocutores.

O segundo componente, a quantificação, significa a delimitação da comunidade, uma vez que a mesma tem um caráter excludente, pois separa o “nós” dos “aqueles que” fazem parte de um determinado grupo dos outros que não fazem.

O terceiro e último componente da exortação é a denegação, já abordada nas linhas anteriores.

Na segunda parte constituinte do esquema que configura a retórica da denegação, no enlevo, é onde está presente a identificação com os propósitos divinos. É nessa parte que a ilusão da reversibilidade é expressa, pois é nela que se dá o processo de ultrapassagem dos diferentes mundos (temporal e atemporal).<sup>118</sup>

---

<sup>116</sup> SMITH, J. Z., *Imagining Religion*. Disponível em: < <http://faculty.vassar.edu/jamorrow/jt.html> >. Acesso em: 25/04/2015.

<sup>117</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p. 258.

<sup>118</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p. 258.

Na salvação é onde ocorre o pedido feito pelo representante de Deus ou os agradecimentos apresentados pelo ouvinte, o fiel, o membro da comunidade religiosa.

Gramaticalmente falando, outros traços existentes no discurso religioso são o uso do imperativo (por ser um discurso autoritário) e do vocativo, o que caracteriza os discursos em que há doutrinação; o uso de metáforas, as quais, devido às suas obscuridades, são explicadas através de paráfrases, que dão a elas a leitura própria; o uso de, caso ocorra de o orador proferir um discurso em latim e haja necessidade de tradução; o uso de performativos e o uso de sintagmas cristalizados, como as orações, por exemplo.<sup>119</sup>

No que concerne à caracterização das unidades textuais, podem-se citar as parábolas, as quais estão presentes ao se abordarem temas como a vida eterna, a transitoriedade do homem etc.

Outro aspecto importante a se observar na produção do discurso religioso é a relação que ele tem com suas condições de produção. O discurso teológico é carregado de intertextualidade, uma vez que, na sua produção, faz-se necessária a remissão a outros textos para que ele signifique. Assim, pode-se deduzir que ele tem pouco a ver com o seu contexto imediato de enunciação, ou seja, conforme Orlandi, ele “aparece como um ‘comentário’ ao texto de origem.”<sup>120</sup>

Há de se destacar que as marcas presentes no discurso religioso não são traços de sua exclusividade, uma vez que elas podem aparecer em vários outros tipos, como o imperativo, que se faz presente no discurso da propaganda, a antítese, que caracteriza o discurso teórico, os performativos, que são importantes nos discursos jurídicos, e a intertextualidade, a qual tem relevância no discurso político.<sup>121</sup>

---

<sup>119</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p. 259.

<sup>120</sup> ORLANDI, 2011, p. 259.

<sup>121</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p. 260.

A maneira com que os traços são usados em relação às propriedades de um discurso é que o caracteriza, ou seja, ao se determinar a forma com que se dá a relação entre os traços e as propriedades de um discurso, é estabelecido o funcionamento discursivo específico.

Após o exposto, é possível especificar a relação entre os três fatores que caracterizam o discurso religioso: a assimetria entre os planos temporal e espiritual e a não reversibilidade; o uso de antíteses e o mecanismo da negação.<sup>122</sup>

Se usarmos os discursos de Jim Jones como referência, apesar de às vezes conterem ideologias marxistas, neles poderão ser encontrados alguns dos traços abordados nesta seção que o apontam como um discurso religioso.

Tome-se como exemplo para análise o discurso proferido por Jim Jones em Redwood Valley, em maio de 1973. Nesse discurso, Jim Jones faz uma intertextualidade com o capítulo 21 do livro bíblico de Hebreus, no qual se lê:

Mas vocês chegaram ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo. Chegaram aos milhares de milhares de anjos em alegre reunião, à igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus. Vocês chegaram a Deus, juiz de todos os homens, aos espíritos dos justos aperfeiçoados.

Utilizando-se dessa passagem, Jim Jones apresenta Jerusalém Celestial como uma metáfora para a “Peoples Temple”, a igreja verdadeira. Assim, aqueles que quisessem se salvar deveriam aceitar o seu convite para fazer parte daqueles que herdariam o reino de Deus. As palavras de apelo que Jim Jones usou nesse discurso foram as seguintes:

Se você quiser estar na igreja verdadeira, a igreja de seu salvador, Jesus Cristo, a igreja, a assembleia da igreja do primogênito, na companhia de incontáveis anjos, de espíritos de homens e mulheres que estão se tornando perfeitos nele (no templo), o único campo igualitário, o único campo santo socialista pentecostal. Você quer vir? Os altares estão abertos. Eles não estão sempre abertos. Você gostaria de fazê-lo esta noite? Hoje é o seu dia. Esta é a arca da aliança. Este é o selo sagrado. Este é o Cristo. Você virá? A igreja estará aberta para você somente por alguns minutos a mais. Ontem

<sup>122</sup> Cf. ORLANDI, 2011, p. 257, p. 260.

os altares estavam cheios. Esta noite a mensagem foi mais pesada. Você quer? Você quer se unir a igreja? Porque Cristo está aqui, a cabeça da igreja.<sup>123</sup>

Percebe-se nesse discurso o seu caráter delimitador e excludente ao colocar aqueles que não pertenciam à igreja como as pessoas que não fariam parte do reino de Deus.

Como se percebe, devido à condição de produção de seu enunciado, foi necessário que Jim Jones fizesse remissão a outros textos para dar significado ao seu discurso.

Outros aspectos, como a performatividade e a ilusão da reversibilidade, os quais reforçam a afirmativa de que os discursos de Jim Jones eram religiosos, já foram tratados anteriormente neste capítulo.

Conforme mostrado, o poder de persuasão de um discurso está intrinsecamente ligado às suas propriedades e às suas marcas. Entretanto, não são somente esses elementos os responsáveis por sua eficiência, uma vez que deve ser levada em conta a imagem da pessoa de quem o articula e a emoção que ela pode provocar em seus ouvintes. É para esse propósito que este trabalho estará voltado na próxima seção.

#### 2.4 As estratégias argumentativas do discurso religioso: o papel que a imagem, a emoção e a lógica têm na persuasão

Conforme já exposto, é possível identificar um discurso religioso através de suas marcas e propriedades, porém esses elementos não são suficientes para explicar o poder que esse tipo de discurso tem para persuadir ou manipular seus ouvintes.

---

<sup>123</sup> PERRY, Vicki. *Annotated Transcript Q951*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=62840](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=62840) > . Acesso em: 25/04/2015.



Isso se deve ao fato de que, além de estratégias linguísticas, o locutor se utiliza de elementos retóricos para levar seus ouvintes a aceitar suas doutrinas e ideologias.

Esses elementos retóricos são conhecidos como *ethos*, *pathos* e *logos*, os quais serão apresentados a seguir.

#### 2.4.1 O *ethos*

O *ethos*, termo que, conforme Charaudeau e Maingueneau, foi tomado emprestado da retórica antiga, é um elemento discursivo que tem a ver com a confiabilidade e o caráter do orador, que se exterioriza através da imagem que ele faz de si com o intuito de obter influência sobre os seus locutários.<sup>124</sup> Essa ferramenta discursiva é determinada por três características presentes no orador: o seu caráter moral ou integridade, a sua inteligência e a sua boa vontade.

Um exemplo prático desse recurso retórico são as citações que o orador faz de seus bons atos praticados no passado com o intuito de que seja criada na mente de seus ouvintes uma imagem positiva de si mesmo.<sup>125</sup>

As escolhas linguísticas feitas pelo orador, ou seja, o modo de dizer expresso pelo autor para atingir o seu destinatário pode vinculá-lo ao seu *ethos*. Entretanto, há de se ressaltar que não são essas escolhas, exclusivamente, que dão informações a respeito do caráter do orador, uma vez que, nas palavras de Fiorin, “o *ethos* se mostra no ato de enunciação, mas não se diz no enunciado.” Ele ainda acrescenta que “o *ethos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito”<sup>126</sup>. Desta forma, entende-se que o *ethos* não se encontra totalmente de forma clara no enunciado, e sim na enunciação.

<sup>124</sup> Cf. CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>125</sup> Cf. KENNEDY, G. A. *Aristotle On Rhetoric: A Theory of Civic Discourse*, (2<sup>nd</sup> Ed.) Oxford, New York: Oxford University Press, 2007.

<sup>126</sup> FIORIN, 2008.

Corroborando com o exposto, Maingueneau afirma que

o que o autor pretende ser, ele o dá a entender e mostra; não diz que é simples ou honesto, mostra-o por sua maneira de se exprimir. O *ethos* está, dessa maneira, vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo “real” (apreendido) independentemente de seu desempenho oratório: é, portanto, sujeito da enunciação.<sup>127</sup>

Ainda em relação ao *ethos*, pode-se dizer que, em suas construções, atuam vários fatores, a saber, o *ethos* pré-discursivo, o qual é a imagem que o locutário faz previamente do enunciador, o *ethos* pós-discursivo, que é a imagem construída pelo locutário no ato da enunciação, e as partes dos fragmentos do texto, nas quais o enunciador pode ser direto (*ethos* dito) nos pronunciamentos quanto ao seu caráter, ou ser indireto, quando ele lança mão de recursos de figuras de linguagem, como as metáforas ou alusão de cenas de outras falas.<sup>128</sup>

Em acréscimo ao que foi exposto sobre o *ethos* pré-discursivo, o conhecimento prévio que o destinatário tem do posicionamento ideológico e do gênero textual ao qual pertence o discurso são elementos suficientes para criar no ouvinte uma expectativa em relação ao *ethos* do orador, ainda que o ouvinte não saiba nada a seu respeito.<sup>129</sup>

Nem sempre a imagem que os ouvintes fazem do *ethos* é a mesma, uma vez que isso depende do grau de percepção e interpretação de cada indivíduo, o qual, retirando informações do conteúdo linguístico enunciado e do contexto, relaciona-os ao *ethos*. Por isso, é importante que o orador aja conforme o que professa, ou, caso contrário, reconheça que se enganou em seus enunciados, pois, não agindo assim, o ouvinte pode criar uma imagem negativa a seu respeito, tendo em vista que, nas palavras de Dascal,

se um locutor é percebido como alguém que prega uma certa doutrina, mas que não aplica seus princípios, a plausibilidade de seus argumentos diminui de forma geral, e não só a favor dessa doutrina,

<sup>127</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *Le contexte de l'oeuvre littéraire*. Paris: Dunod, 1993. p. 138.

<sup>128</sup> Cf. MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. São Paulo: Contexto, 2009.

<sup>129</sup> Cf. MAINGUENEAU, Dominique, 2009.

pois ele projeta um ethos de hipócrita. Ao contrário, se alguém, ao reconhecer as contradições de uma tese que havia proposto, abandona-a ou a modifica, sua credibilidade epistêmica aumenta.<sup>130</sup>

Em relação à apresentação do *ethos*, o orador pode apresentá-lo em seu discurso no nível proposicional de forma tematizada, explícita e clara no enunciado, do qual se podem tirar proposições da informação sobre o caráter transmitido pelo comportamento do locutor e daqueles com os quais ele interage. Quanto à forma não tematizada, a construção do *ethos* passa por um certo tipo de experimentação através de informações buscadas fora do enunciado. Essas propriedades explícitas ou implícitas em relação ao caráter do enunciador são fundamentais para que seus ouvintes confiem ou não em seus argumentos.

Sob o ponto de vista pragmático, os argumentos ethóticos, para que sejam eficientes na construção argumentativa, devem considerar os papéis discursivos, o doxa, que é a crença em comum dos participantes do discurso, os estereótipos desses participantes, o tempo e o espaço determinados, o que se confirma nas palavras de Ruth Amossy, a qual explica que

de fato, a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares. Para serem reconhecidas pelo auditório, para parecerem legítimas, é preciso que sejam assumidas em uma doxa, isto é, que se indexem em representações partilhadas. (...) A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado.<sup>131</sup>

Assim, conclui-se que não é somente o enunciado e a enunciação que têm papéis importantes na construção do *ethos*, mas também a interação contínua entre o que é dito pelo locutor e aquilo que é inferido por seus destinatários, levando-se em consideração o *ethos* prévio do locutor, que pode tanto ser institucional (exterior) quanto interno ao discurso.

<sup>130</sup> DASCAL, Marcelo. *O Ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica*. In: AMOSSY, Ruth. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 61.

<sup>131</sup> AMOSSY, Ruth. *O Ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos*. In: AMOSSY, Ruth. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 125.



Lançando um olhar sobre os discursos de Jim Jones, eles, assim como todo discurso religioso, são caracterizados fortemente pela intenção de convencer e são marcados pelos aspectos retóricos apresentados para agir sobre os seus seguidores e levá-los à adesão das ideologias propostas por ele.

O poder de atração que o pastor da “Peoples Temple” tinha sobre seus ouvintes era tão grande que ele, nas palavras do professor de história Abbot Gleason, da Brown University, “podia fazer com que cada pessoa, de alguma forma, se sentisse o convidado especial do dia. Ele dava a você cinco minutos, e em contrapartida, você dava a ele sua vida.”<sup>132</sup>

A imagem que Jim Jones transmitia era tão impressionante que, quando as pessoas entravam em sua igreja e o fitavam pela primeira vez, elas não estavam simplesmente vendo Jim Jones. Eles tinham a impressão de que viam algo maior do que simplesmente um homem. Exaltado por seus seguidores, sua posição, sua mensagem e sua religião, Jim Jones se transformou em algo maior do que si próprio.<sup>133</sup>

Em conformidade com as palavras de Maingueneau, Jim Jones não era explícito quanto à imagem que queria transmitir, mas deixava ao encargo de seus seguidores a execução desse papel, como se percebe em suas palavras ao se dirigir em uma ocasião à sua congregação, com as seguintes palavras: “Se vocês me veem como um amigo, eu serei o seu amigo; se vocês me veem como o seu pai, eu serei o seu pai; se vocês me veem como um profeta, eu serei o seu profeta; se vocês me veem como um deus, eu serei o seu deus.”<sup>134</sup>

Em virtude de Jim Jones ter como princípio fundamental de sua obra o acolhimento das pessoas excluídas da sociedade americana, a “Peoples Temple” era formada em sua maioria por afro-americanos. Na tentativa de construir uma imagem de um líder que se identificasse com eles, Jim Jones

<sup>132</sup> ABBOTT, G; GOLDSMITH, J.; NUSSBAUM, M. C. *On nineteen eighty-four. Orwell and our future*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2005.

<sup>133</sup> Cf. NEIGHBORS, J., Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=34307](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=34307) >. Acesso em: 25/04/2015.

<sup>134</sup> CHENGGANG, Khoo. *Maybe Yes! Maybe No!* Singapore: Trafford Publishing, 2013. p. 37.



usava habilmente de aspectos sintáticos para atingir esse propósito. Para isso, em algumas de suas falas ele não usava o pronome “ele” para se referir aos negros. Ao contrário, ele substituía esse pronome por “nós”, conforme pode ser observado em um de seus discursos, quando ele disse: “Nós que somos negros temos sete vezes mais a probabilidade de termos problemas de pressão, seis vezes mais a probabilidade de ter doenças do coração e quatro vezes mais a probabilidade de contrair câncer.”<sup>135</sup>

Desta forma, “transformando-se” em um negro, ele poderia atrair a sua simpatia e ser visto como alguém confiável, caso houvesse a necessidade de representá-los na luta pelos seus direitos.

Através de suas ações, Jim Jones fortalecia a construção de seu *ethos* para estabelecer uma posição de poder sobre seus adeptos. Quanto a esse aspecto, pode-se dizer que ele era muito habilidoso, pois tinha o hábito de visitar os lares dos membros de sua congregação para demonstrar sinceridade e fortalecer os laços afetivos entre eles. Além disso, aqueles momentos eram também aproveitados por ele para manipular os idosos ao lhes oportunizar casas e ajuda humanitária, de forma a levá-los juntamente com suas famílias a se comprometerem com a causa da igreja.<sup>136</sup>

#### 2.4.2 O pathos

A outra ferramenta persuasiva, o *pathos*, tem a ver com os apelos elaborados pelo orador para emocionar os ouvintes<sup>137</sup>, uma vez que, nas palavras de Kennedy, as emoções são capazes de afetar o julgamento da audiência.<sup>138</sup>

Para cada tipo de discurso, existe um tipo diferente de emoção a ser provocada, a qual depende do assunto, da audiência, do orador e da ocasião.

<sup>135</sup> BELLEFONTAINE, Michael. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=27635](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=27635) >. Acesso em: 25/04/2015.

<sup>136</sup> Cf. NEIGHBOORS, J., disponível em < [jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=34307](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=34307) >. Acesso em: 25/04/2015.

<sup>137</sup> Cf. FOSS, S. K. *Rhetorical Criticism: Exploration & Practice* (2nd ed.). Illinois:Waveland Press, 1996. p. 29.

<sup>138</sup> Cf. KENNEDY, 2007, p. 39.

Ao pensar a respeito da emoção que quer provocar, o orador deve fazer a si mesmo as seguintes perguntas:<sup>139</sup>

- 1- Quais emoções são apropriadas para o meu assunto?
- 2- Quais são as características de minha audiência e quais emoções serão mais persuasivas para eles?
- 3- Quais são os meus sentimentos em relação ao assunto e quais emoções eu poderia expressar espontaneamente e efetivamente?
- 4- Quais emoções são apropriadas ou inapropriadas para a ocasião do discurso?

George A. Kennedy exemplifica, dizendo:

Se o orador quer fazer com que a plateia fique zangada para levá-la a fazer algo, ele precisa saber qual será o seu estado mental quando estão zangados. Ele também precisa saber contra quem as pessoas ficam zangadas. Se ele souber dessas coisas, ele usará técnicas para tornar a audiência zangada, atribuindo as coisas que causam aborrecimento ao objeto do aborrecimento.<sup>140</sup>

No *pathos*, o enunciador pode usar de metáforas, citar acontecimentos e usar palavras carregadas de emoção para criar um efeito persuasivo na audiência e, assim, levá-la a agir conforme as suas ideologias.

Quanto a esse recurso retórico, Sheldon Metcalfe, titular da cadeira do departamento de comunicações do Community College, em Baltimore, citando os atores americanos Michael Douglas e Patrick Swayze como exemplos, diz que

o *pathos* exerce um papel importante na persuasão. Os discursos ganham vida quando o orador apela ao coração e ao intelecto do ouvinte. Se não causar emoção, os discursos persuasivos não passam de informações de dados e estatísticas. Pense em um discurso sobre câncer sem fazer referência a Michael Douglas ou uma apresentação sobre câncer no pâncreas sem fazer menção a Patrick Swayze. São as emoções que contribuem para conectar a

<sup>139</sup> Cf. METCALFE, S. *Bulding a Speech*. 8 ed., Boston: Wadsworth, 2013. p. 299.

<sup>140</sup> KENNEDY, 2007, p.113.

audiência a um assunto e criar a sua simpatia para com os argumentos do orador.<sup>141</sup>

Segundo o autor, as emoções que podem ser provocadas em um discurso para persuadir a audiência são o ódio, o desespero, o medo, a esperança, o terror, o regozijo, o amor, o orgulho e a compaixão.<sup>142</sup>

Ao se analisar os discursos de Jim Jones na busca por exemplos que evidenciem a provocação dessas emoções, elas poderão ser encontradas em vários de seus sermões, como os que foram gravados na fita cassete Q1053-1 em poder do Jonestwon Institute.

Nesse material de áudio, percebe-se como Jim Jones procura inflamar a sua audiência para colocá-la ao seu lado. O discurso inicia de uma forma combativa. Os ouvintes, em sintonia com a efusividade do orador, se mostram igualmente entusiasmados. Jones declara um comprometimento apaixonado pelo socialismo, não importando o preço que tivesse que pagar.

Procurando motivar a congregação, ele diz a todos para não temerem a morte e seguirem em frente com ele na luta pela causa. Nesse momento do discurso ele diz: “Eu estou dizendo ao mundo...Danem-se os torpedos dos sistemas religiosos que tentarão apagar a nossa luz. Danem-se as suas cadeias. Danem-se suas balas assassinas...Eu digo, adiante e a todo vapor.” Em sua euforia, Jim Jones prossegue, dizendo:

Se você não pode suportar o calor, como Harry Truman disse, é melhor você sair da cozinha porque eu vou provocar mais incêndios do que você já viu em toda a sua vida. Eu vou causar mais tornados do que você já ouviu a respeito. Eu vou causar um furacão. Eu vou sacudir a nação inteira com o meu espírito e meu socialismo mental. Eu vou abalar toda a criação!<sup>143</sup>

Aproveitando-se daquele momento de exaltação para construir o seu *ethos*, Jim Jones continua, dizendo:

<sup>141</sup> METCALFE, S., 2013, p. 299.

<sup>142</sup> Cf. METCALFE, S., 2013, p. 300.

<sup>143</sup> McGEHEE, Fielding M. Q1053-1 Transcript. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=27317](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=27317) >. Acesso em: 26/04/2015.

Onde quer que haja um faminto, onde quer que haja um pobre, onde quer que haja alguém pagando uma pena na cadeia, onde quer que haja alguém de meu povo na prisão, cuidado, porque eu vou sacudir as cadeias, eu vou abalar a criação!

Seus discursos são seguidos por brados e aplausos de uma multidão emocionada, o que comprova o efeito que suas palavras tinham sobre seus fiéis.

#### 2.4.3 O logos

Diferentemente dos discursos que buscam persuadir através da imagem do orador ou nas emoções causadas na audiência por ele, existem aqueles discursos que se centram nas teses e nos argumentos contidos no próprio discurso para persuadir. Trata-se dos discursos que têm no *logos* (palavra, razão) a sua força de persuasão.

Neste caso, o discurso deve ser bem estruturado do ponto de vista lógico-argumentativo, pois um discurso sem informações lógicas e provas pode não parecer sincero, e isso diminui a confiança que os ouvintes têm no orador.

Nos discursos religiosos, a audiência é vista como desprovida de conhecimentos em relação ao que está sendo enunciado. Esse desconhecimento somente pode ser eliminado quando os ouvintes acreditam naquilo que o locutor diz, no seu *logos*, sem fazer qualquer questionamento, pois qualquer esforço do ouvinte neste sentido, através de uma argumentação lógica, será visto como uma heresia.

Conforme se pode perceber ao analisar a “Death Tape”, não foi difícil para Jim Jones convencer seus seguidores a cometerem suicídio coletivo, o que pode ser atribuído à sua conexão emocional com os seus seguidores e o respeito que eles demonstravam para com ele. Exceção se faz a “herética” Christine Miller, que se mostrava resistente aos apelos do líder da seita, o qual, através de uma lógica argumentativa, procurou convencê-la a entregar a sua vida em protesto pela causa. Pela lógica de Jim Jones, uma vez que havia ocorrido um



assassinato de um congressista americano naquele local, a única solução seria o autoaniquilamento coletivo.<sup>144</sup>

Conforme visto até esse ponto, o discurso, se for bem articulado e apoiado por ferramentas retóricas apropriadas, pode muito em seu poder persuasivo. Entretanto, por se acreditar que no ato da persuasão exista também a influência de fatores extralinguísticos, o próximo capítulo deste trabalho enfocará o papel que esses elementos têm no processo manipulativo.



---

<sup>144</sup> Cf. LISAGOR, T. *Jim Jones and Christine Miller: An Analysis of Jonestown's Final Struggle*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=30294](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=30294) >. Acesso em: 26/04/2015.

### 3 AS TÉCNICAS MANIPULATIVAS DE LAVAGEM CEREBRAL EM JONESTOWN

A Ciência tem se dedicado ao estudo da mente para explicar os seus mistérios e as suas relações com o comportamento dos indivíduos. Em decorrência desses estudos, um vasto material tem sido produzido para revelar os intrincados processos articulatórios que se dão nas mentes dos seres humanos, dos quais resultam suas ações.

Devido à importância que o tema tem para a realização deste trabalho, este capítulo se embasará em algumas dessas obras para explicar como se dá a manipulação através do controle mental nas seitas religiosas, em especial, na “Peoples Temple”.

#### 3.1 O papel da mente na manipulação: a obediência através da manipulação mental

Este trabalho demonstrou até este ponto que as propriedades e marcas do discurso religioso, somadas ao uso adequado das técnicas retóricas, são fatores preponderantes quando se trata de argumentar para persuadir.

Apesar da importância que esses elementos têm para se entender como se dá o processo da persuasão, outros aspectos devem ser considerados, como os relacionados com a psicologia e a sociologia, tendo em vista a relevância que essas ciências têm no que diz respeito ao processamento cognitivo, e as influências que o social tem na tomada de decisões individuais.

Por ser a fonte de onde emanam os desejos e as ações humanas, a mente é um dos alvos principais das seitas, uma vez que, ao ser dominada, maiores são as chances de êxito por parte do manipulador, que usará técnicas persuasivas para controlar a vida espiritual, física, intelectual e emocional de seus seguidores, e, assim, influenciar na maneira de eles pensarem, sentirem e agirem, através do apagamento de suas identidades, objetivando a

reconstrução de seus comportamentos, pensamentos e emoções.<sup>145</sup> Esse é o motivo pelo qual esta seção se dedicará ao estudo do papel da mente na manipulação.

Para se ter uma ideia a respeito do poder que a mente tem nas atitudes das pessoas, é interessante referir-se aos estudos feitos por Ivan Pavlov, fisiólogo russo que, com base no conceito de inibição transmarginal, procurou explicar os processos que envolvem a manipulação mental, como os que ocorrem com os membros de movimentos religiosos sectários, em que, através de lavagem cerebral, seus líderes conseguem convencer a audiência a aderir às suas ideias e propostas.<sup>146</sup>

Pavlov definiu a inibição transmarginal como uma resposta defensiva do organismo a estímulos opressores sob o qual ele se encontra. Ele descobriu que organismos diferentes reagem diferentemente aos estímulos externos em conformidade com os seus temperamentos e, neste sentido, ele afirmou que a maior diferença básica herdada entre as pessoas é o limite que elas têm para resistir ao estresse ou à dor antes de entrarem em estado de colapso mental, fato que, em sua opinião, tem uma relação com o sistema nervoso de cada indivíduo.<sup>147</sup>

O fisiólogo russo utilizava cães em seus experimentos, pois ele era convencido de que esses animais, assim como os humanos, possuem quatro temperamentos básicos, ou seja, o sanguíneo, o fleumático, o colérico e o melancólico, os quais reagem de formas diferentes quando submetidos ao estresse ou a situações de conflito.<sup>148</sup>

---

<sup>145</sup> Cf. HASSAN, Steven. *Releasing the bonds: empowering people to think for themselves*, 1<sup>st</sup> edition. Somerville, MA. USA: Freedom of Mind Press, 2000. p. 38.

<sup>146</sup> Cf. SARGANT, W. *A Luta pela Mente*. Edição eletrônica: Editora Ridendo Castigat Mores. 2002. 432 p. Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/mente.pdf> > Acesso em: 26/04/2015.

<sup>147</sup> Cf. ROKHIN, L.; PAVLOV, I.; POPOV, Y. *Psychopathology and Psychiatry*. Moscow: Foreign Languages Publication House, 1963.

<sup>148</sup> Cf. SARGANT, disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/mente.pdf> > Acesso em: 26/04/2015.

Dentre suas descobertas, a mais importante foi a que envolveu os comportamentos condicionados de cachorros que tiveram seus cérebros forçados ao limite através de condições conflitantes e de estresse para além de suas capacidades de respostas habituais, causando o que Pavlov chamou de “ruptura na atividade dos nervos superiores” através da aplicação de quatro tipos de situações de estresse.<sup>149</sup>

Em seus experimentos, Pavlov identificou mecanismos estressores usados para se atingir a ruptura na atividade dos nervos superiores, muitos dos quais podem ser observados em movimentos religiosos: a dor, a exaustão física por meio de trabalho intenso ou privação de alimentos, a dissonância cognitiva resultada de atrasos entre o estímulo e a recompensa/punição esperada e a confusão causada pela aleatoriedade e imprevisibilidade dos estímulos e consequências que visam aumentar a fadiga emocional.<sup>150</sup>

O primeiro tipo de estresse aplicado por Pavlov foi o aumento de intensidade do sinal ao qual o cachorro havia sido inicialmente condicionado. Esse sinal tinha o volume gradualmente aumentado até atingir um ponto em que era muito forte para o sistema nervoso do animal, fazendo com que ele começasse a entrar em colapso mental.

A segunda forma que ele usou para atingir o estado de inibição transmarginal foi o prolongamento do tempo entre o sinal dado para indicar o horário de o animal se alimentar até a chegada de sua comida. Se o animal era condicionado a receber a comida até cinco segundos após o sinal, quando esse intervalo de tempo era estendido, podem-se observar sinais de impaciência e comportamento anormal nos cachorros mais instáveis. O colapso mental ocorreu devido ao fato de que o cachorro teve de suportar um período muito longo de privação.<sup>151</sup>

---

<sup>149</sup> Cf. SARGANT, disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/mente.pdf> > Acesso em: 26/04/2015.

<sup>150</sup> Cf. DREWS, C. *Inibição Transmarginal*. Disponível em: < <http://psicologiarg.blogspot.com.br/2008/08/inibio-transmarginal.html> >. Acesso em: 26/04/2015.

<sup>151</sup> Cf. SARGANT, disponível em < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/mente.pdf> > Acesso em: 26/04/2015.



A terceira forma aplicada por Pavlov para provocar um colapso mental foi confundir os cachorros através de anomalias nos sinais de condicionamento. Se sinais de aprovação e reprovação eram dados um após o outro, o cachorro mostrava-se confuso quanto ao que aconteceria em seguida e, conseqüentemente, isso rompia a sua estabilidade nervosa. O mesmo acontece com os seres humanos.<sup>152</sup>

A quarta maneira de induzir o colapso mental em um cachorro foi a desestabilização de sua condição física, tanto através de sua submissão a longos períodos de atividades como através de disfunções intestinais induzidas, perturbações no equilíbrio glandular, dentre outras.<sup>153</sup>

Pavlov percebeu que, após a desestabilização física, qualquer padrão de comportamento novo que ocorra em seguida torna-se um elemento fixo na personalidade do cachorro, mesmo após um longo período de recuperação da experiência debilitante.<sup>154</sup>

Conforme observado por Pavlov, alguns animais se mostravam tolerantes aos estímulos. Essa tolerância varia de indivíduo para indivíduo. Os organismos extremamente sensíveis podem, por exemplo, ser superestimulados pelo volume intenso dos sons em um local ou pelo barulho do ambiente em um evento social, enquanto outros podem perceber tais estímulos como normais e não se sentirem influenciados.<sup>155</sup>

Pavlov estabeleceu que a habilidade do cachorro para resistir a uma alta carga de estresse que o levasse a um colapso mental dependia não somente de sua personalidade, mas também de sua condição física. A partir do momento em que a linha limítrofe era ultrapassada e a inibição cerebral era induzida, coisas estranhas começavam a acontecer no cérebro do animal.

<sup>152</sup> Cf. SARGANT, disponível em < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/mente.pdf> > Acesso em: 26/04/2015.

<sup>153</sup> Cf. SARGANT, disponível em < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/mente.pdf> > Acesso em: 26/04/2015.

<sup>154</sup> Cf. SARGANT, disponível em < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/mente.pdf> > Acesso em: 26/04/2015.

<sup>155</sup> Cf. SARGANT, disponível em < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/mente.pdf> > Acesso em: 26/04/2015.

Com os seus experimentos, Pavlov provou que os animais, quando submetidos a agentes estressores, são colocados em uma situação mental que favorece à sua manipulação.

Apesar de não terem sido utilizados por Pavlov em seus experimentos, existem outros recursos semelhantes que são igualmente eficientes na manipulação mental, como a exaustão física causada por trabalho intenso e a privação do sono, ambos utilizados por Jim Jones para manipular a mente de seus seguidores.

A exaustão física em Jonestown pode ser comprovada pela declaração de uma ex-adepta da seita, a Sra. O'Shea, a qual disse que, em uma determinada ocasião, referindo-se aos seus fiéis, o pastor e líder da seita se aproximou dela e disse: "Vamos mantê-los pobres e cansados, porque, se eles estiverem pobres, eles não poderão escapar e, se estiverem cansados, não poderão fazer planos."<sup>156</sup>

No que concerne à privação do sono, através dos estudos aqui realizados, descobriu-se que os fiéis da "Peoples Temple", embora tivessem que trabalhar seis dias por semana, dormiam à noite, em média, somente por duas horas. Caso eles se dessem ao luxo de ultrapassar esse limite, eram levados a se sentir culpados.<sup>157</sup>

As declarações dadas por ex-membros, confirmam o acima exposto:

Estava em um lugar onde você tinha que estar constantemente em alerta, constantemente ocupado e levado a se sentir culpado, caso você se desse ao luxo de dormir. Você não pensava por si mesmo. Eu permiti que Jim Jones pensasse por mim, porque eu imaginava que ele tinha planos melhores. Eu entreguei em suas mãos todos os meus direitos, assim como os outros membros.<sup>158</sup>

<sup>156</sup> WUNROW, R., disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=29478](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=29478) >. Acesso em: 26/04/2015. *Let's keep them poor and tired, because if they're poor they can't escape and if they're tired they can't make plans.* (tradução nossa)

<sup>157</sup> BROOKS, T. *How did Jim Jones manage to gain such control over his followers?* Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=33150](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=33150) > Acesso em: 26/04/2015.

<sup>158</sup> BROOKS, disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=33150](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=33150) > Acesso em: 26/04/2015. *Being in an environment where you are constantly up, constantly busy and you're made to feel guilty if you take too many luxuries like sleeping, you tend to not to think for*

Nós éramos mantidos muito ocupados, com raras oportunidades para dormir. Você tinha que decidir como usar a sua energia, até mesmo a sua capacidade mental.<sup>159</sup>

O maior período de tempo que fiquei acordado foi de seis dias, e foi sem café, sem nada.<sup>160</sup>

Dessa forma, aquelas pessoas eram mantidas constantemente, física e mentalmente, cansadas, o que facilitava serem manipuladas, pois, de acordo com pesquisas sobre o sono, as pessoas, quando são impedidas de dormir, “tornam-se lentas e sem habilidades criativas para tomar decisões rápidas e lógicas e nem têm habilidades para implementá-las.”<sup>161</sup>

Apesar de eficientes, as técnicas de manipulação mental usadas por Jim Jones não surtiram efeito sobre todos os membros da seita, pois alguns resistiram aos seus apelos e ideologias, como o que aconteceu com Christine Miller.

William Sargant, um psiquiatra britânico, explica que isso se dá porque

quando o cérebro entra em colapso sob severa pressão, as mudanças de comportamento resultantes, seja no homem ou em um animal irracional, dependem tanto do temperamento hereditário do indivíduo quanto dos padrões de comportamento condicionado que ele formou pela gradual adaptação ao ambiente.<sup>162</sup>

O uso de estressores nos meios religiosos com fins manipulativos não é incomum, tendo em vista que um dos primeiros passos usado por líderes em tais ambientes é a busca pela conversão de seus ouvintes através do apelo emocional feito à audiência, provocando-a para induzi-la a um nível anormal de raiva, medo ou tensão nervosa, induzindo-a a histeria, até que a lousa de seu

---

*yourself and I allowed Jones to think for me, because I figured he had the better plan. I gave my rights up to him, as many others did.* (tradução nossa)

<sup>159</sup> BROOKS, disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=33150](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=33150) > Acesso em: 26/04/2015. *We were kept VERY busy – hardly time to sleep, so the other thing was – you had to decide HOW to use your energy – even your brain power.* (tradução nossa)

<sup>160</sup> BROOKS, disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=33150](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=33150) > Acesso em: 26/04/2015. *The longest I ever stayed awake was six days, and that was with no coffee, no nothing.* (tradução nossa)

<sup>161</sup> SARAH, L. *The Effects of Sleep Deprivation on Brain and Behavior.* Disponível em: < <http://serendip.brynmawr.edu/exchange/node/1690> > . Acesso em: 26/04/2015. *Sleep deprived people do not have the speed or creative abilities to cope with making quick but logical decisions, nor do they have the ability to implement them well.* (tradução nossa)

<sup>162</sup> SARGANT, disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/mente.pdf> > Acesso em: 26/04/2015.



cérebro seja temporariamente apagada e ela tenha prejudicado o seu julgamento, tornando-a suscetível às sugestões apresentadas pelo orador, o qual se aproveita do momento para substituir a programação mental existente por novos padrões de pensamento e comportamento.<sup>163</sup>

Os estudos de Pavlov são importantes, pois eles podem servir de fundamento para explicar os comportamentos resultantes da lavagem cerebral.

Conforme visto, a manipulação é um processo que envolve fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam na mente do ser humano. Quanto a esse último aspecto, existe um ramo das ciências linguísticas, a saber, a Análise Crítica do Discurso (ACD), que investiga as relações existentes entre a mente e a manipulação.

Pertencente a esse ramo científico, encontra-se o linguista holandês Teun van Dijk, cujos estudos fundamentarão as argumentações apresentadas a seguir.

### 3.2 Memória e manipulação: manipulando os registros sociais e cognitivos da mente para persuadir

Em seus estudos sobre o papel da mente na manipulação, Tess van Dijk analisa a relação existente entre o discurso e suas implicações com o cognitivo humano, tendo em vista que toda ação advém das crenças, conhecimentos, opiniões e ideologias que estão armazenadas nas mentes dos receptores.<sup>164</sup>

Portanto, para entender como se dá a manipulação da mente dos enunciatários, é necessário ter o conhecimento de como se processa a gravação de informações na memória e como o discurso pode atuar nos dados que estão nela arquivados. É a partir dessa preocupação que se discutirá a seguir como o discurso manipulativo pode agir nos registros que se encontram na memória das pessoas.

---

<sup>163</sup> Cf. STUPHEN, D. *A Batalha pela sua Mente*. Disponível em: < <http://www.porthal.org/downloads/A%20Batalha%20pela%20sua%20Mente.pdf> > Acesso em: 26/04/2015.

<sup>164</sup> Cf. DIJK, 2010, p. 240.



Para realização de suas operações, a memória executa os processos de codificação, retenção e recuperação da informação recebida.

O primeiro processo, o de codificação, se dá na memória sensorial, a qual inicia o processamento da informação recebida através dos órgãos dos sentidos, retendo-a por um tempo para processá-la e catalogá-la e, em seguida, entregá-la à Memória de Curto Prazo (MCP), a qual é a responsável pela compreensão da informação, além de atuar na seleção dos dados recebidos, classificando-os, segundo critérios de relevância e contextos, como descartáveis ou necessários de arquivamento na Memória de Longo Prazo (MLP).<sup>165</sup>

É na MCP que são processadas as ações que levam o indivíduo a compreender a informação recebida. Essa compreensão, entretanto, pode ser manipulada através de estratégias específicas, por exemplo, destacando em um texto algumas palavras com letras em fontes grandes ou em negrito para atrair maior atenção do leitor, levando a sua mente a despender mais tempo ou memória em seu processamento e resultando, conseqüentemente, em uma maior memorização da informação recebida. A esse respeito, van Dijk afirma que

características específicas do texto e da fala, como também sua representação visual, podem afetar especificamente o gerenciamento e compreensão estratégica na MCP, fazendo com que os leitores prestem mais atenção em algumas partes da informação do que em outras.<sup>166</sup>

Após passar pela MCP e chegar à MLP, as informações são nela catalogadas e arquivadas em três compartimentos de memórias:<sup>167</sup>

- Memória semântica: a parcela da memória de longo prazo que cuida de formular nossas ideias, significados e conceitos.

<sup>165</sup> Cf. DIJK, T. A. v., 2010, p. 241.

<sup>166</sup> DIJK, T. A. v., 2010, p. 241.

<sup>167</sup> Cf. CROISILE, Bernard. *Como Nossa Memória Funciona*. Disponível em: < [https://www.superaonline.com.br/blog/template\\_permalink.asp?id=121](https://www.superaonline.com.br/blog/template_permalink.asp?id=121) > Acesso em: 26/04/2015.

- Memória processual: a parcela da memória de longo prazo que nos ajuda a lembrar de como fazer as coisas.

- Memória episódica: a parcela da memória de longo prazo que se refere à nossa habilidade de resgatar experiências pessoais do nosso passado.

Conforme afirma van Dijk, em uma parte da MLP, mais especificamente na memória episódica, estão arquivados eventos que fazem parte de nossas experiências individuais cotidianas – com suas estruturas esquemáticas próprias e com seus modelos mentais específicos.<sup>168</sup>

Em relação ao modelo mental, Suzan Carey afirma que ele

representa o processo de pensamento de uma pessoa para como algo funciona (ou seja, o entendimento do mundo ao redor). Modelos mentais são baseados em fatos incompletos, experiências passadas e até mesmo percepções intuitivas. Eles ajudam a moldar ações e comportamentos, influenciam em que as pessoas devem prestar atenção em situações complexas e definem como indivíduos abordam e resolvem problemas.<sup>169</sup>

As experiências comunicativas fazem parte dessas experiências individuais cotidianas com seus próprios modelos mentais e estruturas esquemáticas. Sempre que se relata um fato baseado em uma experiência, é formulado na mente da pessoa que fala um modelo mental subjetivo e a pessoa que ouve procura entender a experiência que está sendo relatada através da construção de um modelo mental próprio. Com base nisso, pode-se afirmar que a compreensão da fala de alguém não se apoia simplesmente no conhecimento lexical, semântico e gramatical de uma língua, mas também na construção de modelos mentais que se consegue realizar na memória episódica em adição às nossas opiniões pessoais e *emoções* evocadas pelo evento ouvido ou lido.

<sup>168</sup> Cf. DIJK, T. A. v., 2010, p. 243.

<sup>169</sup> CAREY, S. *Cognitive Science and Science Education*. 1986. *apud* WEINSCHENK, Suzan M. *100 Things Every Designer Needs to Know About People*. Berkeley, CA, USA: New Riders, 2011. p. 73. *A mental model represents a person's thoughts process for how long something works. Mental models are based on incomplete facts, past experiences, and even intuitive perceptions. They help shape actions and behavior, influence what people pay attention to in complicated situations, and define how people approach and solve problems.* (tradução nossa)

Esse modelo mental é o que definirá a compreensão de todo evento comunicativo e será a base para memórias futuras.<sup>170</sup>

Desta forma, se o orador pretende manipular o seu receptor, ele deve ser capaz de primeiramente formar os modelos mentais na memória episódica de seus ouvintes e depois ativá-los para que os receptores compreendam o discurso do orador sob o ponto de vista dele. Neste sentido, van Dijk afirma que

de modo geral a estratégia é enfatizar discursivamente aquelas propriedades dos modelos que são compatíveis com os nossos interesses (por exemplo, detalhes acerca de nossas boas ações) e, discursivamente, desenfatar aquelas propriedades que são incompatíveis com nossos interesses (por exemplo, detalhes acerca de nossas más ações).<sup>171</sup>

Uma vez formado o modelo mental, o locutário é levado a compreender o discurso em conformidade com o ponto de vista do manipulador.

Segundo van Dijk, colocar a culpa na vítima, por um fato, é uma das formas de manipulação por meio das quais o manipulador, para atingir seus próprios interesses, pode influenciar os modelos mentais de seus receptores.<sup>172</sup>

Quando Leo Ryan deixou o acampamento em Jonestown levando consigo alguns membros da seita em direção ao campo de pouso em Kaituma, foi exatamente isso que Jim Jones tentou fazer, ao se dirigir aos seus fiéis, dizendo:

Quanto eu tenho dado o melhor de mim para dar a vocês uma boa vida. Mas apesar de todo o meu esforço, um grupo de pessoas, com suas mentiras, tornou a nossa vida impossível. Não há como nos separar do que aconteceu hoje. Não só nós estamos em uma situação complexa como também aqueles que se foram e cometeram a traição do século, alguns dos quais roubaram crianças dos outros, e eles estão em seu encalço neste exato momento para matá-los porque roubaram suas crianças.<sup>173</sup>

<sup>170</sup> Cf. DIJCK, T. A. v., 2010, p. 243.

<sup>171</sup> DIJCK, 2010, p. 244.

<sup>172</sup> Cf. DIJCK, 2010, p. 245.

<sup>173</sup> MAAGA, Mary McCormick, disponível em: <  
[http://employees.oneonta.edu/downinll/mass\\_suicide.htm](http://employees.oneonta.edu/downinll/mass_suicide.htm) >. Acesso em: 26/04/2015. *How very*



Da mesma forma que a MLP é o depósito para os modelos mentais, ela é também a sede de informações mais permanentes adquiridas durante a vida, as chamadas representações sociais<sup>174</sup>. Essas representações se manifestam na forma de crenças, atitudes e ideologias compartilhadas, as quais são responsáveis pelo entendimento entre as pessoas de um determinado grupo, são formadas a partir do conhecimento sociocultural do indivíduo e influenciam na formação e ativação de seus modelos mentais. É esse compartilhamento das representações sociais sob as quais estão os indivíduos de um determinado grupo que explica por que eles têm posicionamentos diferentes dos grupos que possuem crenças, atitudes e ideologias diferentes. É importante salientar que, ainda que pertençam ao mesmo grupo, as pessoas não produzem e nem interpretam individualmente o mesmo discurso de forma semelhante, uma vez que os modelos mentais em cada pessoa diferem entre si.<sup>175</sup>

Conforme visto, os modelos mentais têm um grande papel na manipulação dos indivíduos, entretanto, se quem manipula busca resultados mais estáveis, ele deve fazê-lo através da influência nas representações sociais compartilhadas em uma comunidade, uma vez que, segundo van Dijk, “são elas que controlam o que as pessoas fazem e dizem em muitas situações e durante um período relativamente longo”.<sup>176</sup>

Foi com base nessa estratégia que Jim Jones provavelmente procurou influenciar o seu grupo, atacando duas de suas representações sociais: o sistema capitalista americano e a religião cristã.

Para obter êxito em seu projeto, a intenção de Jim Jones era eliminar da mente de seus seguidores as representações sociais e substituí-las por outras que vinham ao encontro de suas ideologias.

---

*much I've tried my best to give you a good life. But in spite of all of my trying a handful of our people, with their lies, have made our lives impossible. There's no way to detach ourselves from what's happened today. Not only are we in a compound situation, not only are there those who have left and committed the betrayal of the century, some have stolen children from others, and they are in pursuit right now to kill them because they stole their children.* (tradução nossa)

<sup>174</sup> Cf. AUGOUSTINOS, M.; WALKER, I. *Social Cognition: in integrated introduction*. London: Sage, 1995.

<sup>175</sup> Cf. DIJCK, 2010, p. 246.

<sup>176</sup> DIJK, 2010, p. 247.



Para destruir a imagem que seus seguidores tinham a respeito do capitalismo, Jim Jones constantemente apresentava-o em seus discursos como algo de caráter negativo, pecaminoso e nocivo para a sociedade, como o fez uma vez dizendo: “se você nasceu na América capitalista, racista e fascista, então você nasceu no pecado. Mas se você nasceu no socialismo, você não nasceu no pecado.”<sup>177</sup>

A maioria dos membros da “Peoples Temple” vinha de uma formação religiosa cristã, cujos princípios não coadunavam com os ensinamentos de seu líder. Por isso, era imprescindível que Jim Jones agisse sobre suas crenças a fim de manipulá-los. Para fazê-lo, ele atacava de forma agressiva todos os símbolos representativos do cristianismo. Um de seus alvos era a Bíblia. A fim de substituir os ensinamentos contidos no livro sagrado cristão por seus ensinamentos, ele o rejeitava e procurava em seus discursos incriminá-lo pelas desigualdades sociais existentes na humanidade, acusando-o de ter sido escrito pela classe dos homens brancos, repleto de mentiras, que apoiava os interesses daquela classe através da subclassificação dos negros. A Bíblia, em suas palavras, era um livro que oprimia as mulheres e as pessoas de cor e reforçava aquela subclassificação social, ao aconselhar os escravos, as mulheres e os pobres a estarem contentes com suas situações, uma vez que ela instruía os escravos a obedecerem a seus amos, as mulheres a ficarem em silêncio na igreja e os pobres a aceitarem a sua carência financeira, que sempre os acompanharia. Em adição, Jim Jones dizia que o Deus do céu não era nenhum deus. Para reforçar suas ideias opostas ao livro sagrado cristão, ele escreveu um livreto intitulado “The Letter Killeth” (A Letra Mata), no qual criticava a versão King James da Bíblia.<sup>178</sup>

Além disso, pode citar-se o seu sermão contido na fita Q1053-1, na qual Jim Jones tenta destruir a imagem do deus do cristianismo, acusando-o de ser um deus cruel e frio, que permite a fome e a morte das crianças, culpando-o também pelos desastres naturais, pelas doenças no mundo, pelo racismo, pela

---

<sup>177</sup> CHIDESTER, 2003, p. 72.

<sup>178</sup> Cf. CHIDESTER, 2003, p. 64.

pobreza e pela constante ameaça nuclear, acusações essas aprovadas por seus fiéis com brados e aplausos.<sup>179</sup>

Ao colocar o cristianismo e o capitalismo como seus inimigos, o pastor da “Peoples Temple” se punha como um líder, cuja proposta era apresentar um novo sistema religioso e econômico em substituição aos antigos sistemas opressores.

Apesar de ser uma estratégia eficaz, essa abordagem pode ser impedida, desde que as más intenções do manipulador sejam identificadas antecipadamente, conforme orienta van Dijk, o qual cita como exemplo a invasão americana e de seus aliados ao território iraquiano no ano de 2003. A alegação do governo americano era de que ele tinha conhecimento de que o governo de Sadam Hussein mantinha armas de destruição em massa escondidas, o que foi provado mais tarde ser uma falácia. Se os cidadãos americanos tivessem conhecimento das informações que lhes foram ocultadas, como os custos reais da guerra e seus possíveis danos colaterais (por exemplo, a morte de civis inocentes), o povo americano poderia ter reagido criticamente e resistido à manipulação.<sup>180</sup>

Diante das explanações até aqui apresentadas, percebe-se que a manipulação pode ser alcançada através da intervenção na mente dos manipulados, assim como a interferência nas crenças, atitudes e ideologias compartilhadas por eles. Todavia, os atos de manipulação podem levar suas vítimas a tomarem atitudes radicais que surpreendem até as pessoas mais céticas, por exemplo, induzir as pessoas a tirarem a própria vida e a dos próprios filhos em obediência a uma autoridade. Que fatores sociais podem contribuir para que uma obediência a uma ordem tão macabra e desumana possa acontecer?

---

<sup>179</sup> Cf. McGEHEE, Fielding M. Q1053-1 *Transcript*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=27317](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=27317) >. Acesso em: 26/04/2015.

<sup>180</sup> Cf. DIJK, 2010, p. 249.

A resposta para essa questão se encontra na próxima seção, a qual procurará mostrar, com base em estudos sociológicos, o poder que um líder tem de manipular as pessoas.

### 3.3 Manipulação e suicídio: uma análise sociológica da tragédia em Jonestown

A “Peoples Temple” encantou a muitos em sua época por ser uma religião que pregava a igualdade entre os seres humanos, em que pessoas oriundas de várias etnias conviviam supostamente em um ambiente de paz e harmonia. Porém, o que mais impressionou o mundo não foi essa atmosfera pacífica que ali reinava, mas o ato que culminou com o fim daquele grupo: o suicídio cometido por quase todos os seus membros.

Por que as pessoas de uma comunidade que aparentavam estar tão felizes cometeram um ato de tamanha gravidade? A resposta para essa pergunta será dada nesta seção, a qual se fundamentará nos estudos sociológicos conduzidos por David Emile Durkheim.

Durkheim, considerado o pai da Sociologia Moderna, procurou explicar as razões que levam um indivíduo a vencer o próprio instinto de conservação, buscando o autoaniquilamento, o qual, segundo o sociólogo, é um fato social que corresponde a “todo caso de morte provocado direta ou indiretamente por um ato positivo (por exemplo, atirar em si mesmo) ou negativo (por exemplo, recusar a se alimentar) realizado pela própria vítima e que ela sabia que devia provocar esse resultado”.<sup>181</sup>

À primeira vista, o suicídio parece ser uma ação de natureza individual, entretanto, argumenta-se que forças e patologias sociais têm um papel proeminente em sua dinâmica, interagindo com as características individuais, não importando se o suicídio é uma ação praticada por um indivíduo isoladamente ou se é um caso em que há a autodestruição intencional de duas ou mais pessoas, como nos casos em que marido e esposa, em uma ação

---

<sup>181</sup> ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 477.

pactual, se matam, ou nos casos de suicídio coletivo, em que as pessoas, sob as ordens de um líder, atentam contra suas próprias vidas.<sup>182</sup>

Desta forma, ao procurar descobrir a relação existente entre o social e o suicídio, Durkheim, usando de dados estatísticos, chegou à conclusão de que em cada época, cada sociedade tem sua tendência ao suicídio. A intensidade relativa dessa tendência é medida considerando-se a relação entre o total de mortes voluntárias e a população de todas as idades e sexo.<sup>183</sup>

Durkheim queria encontrar as causas sociais do suicídio (não pessoais ou psicológicas) e, para isso, se ateve aos ambientes sociais (as crenças religiosas, a família, a sociedade política, as ocupações etc.)

Assim, em seus estudos, ele diferenciou quatro tipos distintos de suicídio: o suicídio egoísta, o anômico, o fatalista e o altruísta.<sup>184</sup>

Em sua definição, Durkheim considerou o suicídio egoísta como o resultado de uma falta de integração do indivíduo com a sociedade. Quanto maior a força que leva o indivíduo a depender de seus próprios recursos, maior a taxa de suicídio na sociedade em que ela ocorre. Em relação às comunidades religiosas, ele percebeu que o índice de suicídio era menor entre os católicos em relação aos que ocorriam entre os protestantes.<sup>185</sup>

Tendo em vista que Durkheim considerava o suicídio como um fato social, ele não ignorou a influência que o enfraquecimento das normas sociais, denominado por ele anomia, tinha sobre o indivíduo. Desta forma, diante da desorganização social, a integração dos indivíduos se enfraquece em virtude

<sup>182</sup> Cf. LEENAARS, Antoon A.; MARIS, Ronald W.; TAKAHASHI, Yoshitomo. *Suicide: individual, cultural, international perspectives*. New York, USA: The Guilford Press, 1997. p. 41.

<sup>183</sup> Cf. NEHRING, Daniel; PLUMMER, Ken. *Sociology: An Introductory Textbook and Reader*. New York, USA: Pearson Education Limited, 2013. p. 98

<sup>184</sup> Cf. DURKHEIM, Émile. *O Suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

<sup>185</sup> Cf. DURKHEIM, Émile. *O Suicídio: estudo de caso*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 180.



de não saberem a que normas devem seguir, pois durante a anomia "faltará uma regulamentação durante certo tempo." <sup>186</sup>

São essas circunstâncias, denominadas por Durkheim perturbações da ordem coletiva <sup>187</sup>, que levam o indivíduo a praticar os suicídios anômicos, aqueles que acontecem durante os períodos de crises sociais, por exemplo, quando há uma grande taxa de desemprego ou a sociedade está passando por um período de transformações sociais, fazendo com que a pessoa se veja privada das referências e dos controles que organizam e limitam seus desejos e aspirações.

Outro tipo de suicídio, de acordo com a classificação de Durkheim, é o suicídio fatalista, assim denominado porque o indivíduo se considera condenado pelo destino (*fate*, em inglês) a ser um escravo. Esse tipo de suicídio se encontra no polo oposto aos suicídios relacionados ao controle social, o qual resulta de mecanismos regulatórios excessivos em uma sociedade de tal forma que o indivíduo se vê sem esperança de mudança contra a disciplina exagerada sob a qual ele está subjugado e não vê outra forma de se ver livre, a não ser ceifando a própria vida.

Se o desequilíbrio entre o grau de controle normativo social é um fator preponderante para que um indivíduo tome a decisão de tirar ou não a própria vida, o mesmo é válido quanto ao grau de relação desse indivíduo com aqueles que fazem parte de seu meio. Concernente a esse último aspecto, conforme já visto, a sua carência leva a pessoa a cometer o suicídio egoísta, enquanto que o seu exagero é um fator que pode levá-la a cometer um dos atos suicidas em massa que mais tem chocado a humanidade nos últimos tempos: o suicídio altruísta.

O suicido altruísta ou o suicídio em massa é definido como umas das formas de suicídio social em que há a morte de um grande grupo de pessoas que

---

<sup>186</sup> Cf. DURKHEIM, Emile. *The dualism of human nature and its social conditions*. In: DURKHEIM, É. *Sociology and Philosophy*. New York: Free Press, 1974.

<sup>187</sup> Cf. DURKHEIM, Emile *O Suicídio: Um Estudo Sociológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. p. 193.

querem morrer e procuram morrer juntas em um tempo predeterminado ou aproximado e agem de uma maneira voluntária e intencional para produzir esse resultado. Esse é o caso em que as pessoas, então possuídas por um alto grau de sentimento altruísta e oprimidas por uma força controladora, se deparam com uma situação insuportável e se sentem na obrigação de tirar a própria vida, a qual é vista por eles como um obstáculo para alcançarem a felicidade.<sup>188</sup>

Em algumas sociedades antigas, o suicídio em massa era uma forma de protesto praticado pelos derrotados em uma batalha e para evitar ser capturado e morrer nas mãos de um inimigo cruel e injusto, além de que isso lhes assegurava uma imortalidade simbólica nas mentes nas gerações futuras, que relatariam essa decisão como um feito bravo e heroico.<sup>189</sup>

Massada, um planalto escarpado, situado no litoral sudoeste do Mar Morto, foi o palco de um conhecido caso de suicídio em massa. No ano 70 A.D, fugindo dos romanos após eles terem destruído o Segundo Templo em Jerusalém, os Zelotes se instalaram naquele planalto e lá permaneceram até que, em 72 A. D., o governador romano Flavius Silva decidiu eliminar aquele grupo de resistência. Naquela noite, antes que o governador romano invadisse o local, Elazar, líder dos Zelotes, reuniu todos e os convenceu a tirarem suas vidas para não cair nas mãos dos romanos. Cada homem matou a própria esposa e filhos, e depois fizeram sorteios e mataram uns aos outros até que o último homem ateou fogo ao seu próprio corpo e morreu. Pela manhã, quando os romanos invadiram o local, somente encontraram os 960 corpos dos judeus que haviam se matado na noite anterior.<sup>190</sup>

Durkheim observou quatro características em comum nos suicídios em massa.<sup>191</sup> A primeira delas é o fato de que ele ocorre em grupos sectários

<sup>188</sup> Cf. BRYANT, Clifton D.; PECK, Dennis L. *Enciclopedia of Death and The Human Experience*. California, USA: SAGE Publications, 2009. p. 696.

<sup>189</sup> Cf. BRYANT, Clifton D.; PECK, Dennis L., 2009, p. 696.

<sup>190</sup> Cf. BRYANT, Clifton D.; PECK, Dennis L., 2009, p. 697.

<sup>191</sup> Cf. ANTOON, A. Leenaars; RONALD, W. Maris; TAKAHASHI, Yoshimoto, 1997, p. 43.

religiosos cujos membros, por altruísmo, mostram o desejo de se sacrificarem ou morrerem em nome de uma grande causa.

No suicídio em massa ocorrido em Jonestown, há a presença desse traço. No sermão de Jim Jones, gravado na “Death Tape”, ele dava a todos a oportunidade de se expressar. Ao ver o desespero de seus irmãos na fé diante da situação em que se encontravam, uma das seguidoras, Irene Edwards, em um gesto de incentivo e para se mostrar disposta a entregar sua vida pelo movimento, diz a todos:

Eu só quero dizer algo para todos que eu vejo que estão aqui chorando. Não há motivo para choro. Isso é algo pelo qual deveríamos regozijar. Nós deveríamos estar felizes por isso. Sempre nos disseram que podíamos chorar quando estávamos vindo a este mundo. Nós estamos deixando-o, e estamos deixando-o em paz. Acho que deveríamos estar felizes por isso.<sup>192</sup>

Durkheim observou que o fato de alguém estar socialmente integrado a um grupo religioso, ao contrário do que se espera, não afasta a possibilidade de que essa pessoa cometa suicídio, uma vez que um dos preceitos desses movimentos é o autossacrifício, sob qualquer circunstância.<sup>193</sup>

O segundo aspecto em comum nos suicídios em massa é o fato de que nos movimentos sectários as intenções dos líderes são cruciais. Grande parte deles tem um conceito muito exacerbado a respeito de si mesmos, a ponto de até se acharem no direito de ter relações sexuais com as mulheres casadas de seu grupo e impedi-las de ter o mesmo relacionamento com os seus maridos. Há de se destacar também que esses líderes se colocam na posição de um pai para a comunidade que lideram e, por isso, acreditam que todos os membros da seita carregam em si o seu gene, daí a ideia de que, se eles pretendem tirar

<sup>192</sup> McGEHEE, Fielding M. Q042 *Transcript*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=29079](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=29079) >. Acesso em: 26/04/2015. *I just want to uh, say something for everyone that I see that is standing around and — or crying. This is nothing to cry about. This is something we could all rejoice about. We could be happy about this. They always told us that we could cry when you're coming into this world. So when we're leaving, and we're gonna leave it peaceful, I think we should be — we should be happy about this.* (tradução nossa)

<sup>193</sup> Cf. ATOON, A. Leenaars; RONALD, W. Maris; TAKAHASHI, 1997, p. 43.



a própria vida, eles devem induzir todos os membros da “família” a fazê-lo também para que a seita morra juntamente com todos.<sup>194</sup>

Se o espírito de humildade se fazia presente na alma dos membros da “Peoples Temple”, o mesmo não se podia dizer a respeito de seu líder. Jim Jones em muitas ocasiões se exacerbava, colocando-se em uma posição de grandeza e superioridade. Inclusive, em uma ocasião em que ficou internado em um hospital para exames psiquiátricos, o diagnóstico dado pelo médico foi o seguinte: “paranoia com ilusões de grandeza”.<sup>195</sup>

A esse respeito, ele assegurava ser um salvador, um messias enviado por Deus, o Princípio do Socialismo, para resgatar os humanos de suas prisões de sofrimento no reino terreno do mal no qual o Deus de rapina era erroneamente tido como o verdadeiro Deus. Ele citava suas habilidades psíquicas, seu poder de profetizar, curar e ressuscitar os mortos como querendo demonstrar que ele era o messias enviada pelo verdadeiro Deus, o socialismo. Além disso, ele dizia ser a alma evoluída de um negro encarnada em um corpo de uma pessoa branca.<sup>196</sup>

Como na “Peoples Temple” todos se viam como membros de uma família, a “Rainbow Family (Família Arco-íris)”, Jim Jones era visto por eles como um pai. Várias vezes eles se dirigiam a ele chamando-o por “dad (pai)”.

Não existe qualquer indício de quando as pessoas começaram a referir-se a ele como “pai”, mas Jim Jones levou esse título consigo por toda a existência da “Peoples Temple”. Em todas as fitas cassetes que contêm seus discursos, ele é chamado vez ou outra por Jim ou por “papai”. Jim Jones abraçou a terminologia, usando as duas formas para referir-se a si mesmo em vários momentos, como em seu sermão proferido em 1974 à sua congregação, em que ele disse:

<sup>194</sup> Cf. ATOON, A. Leenaars; RONALD, W. Maris; TAKAHASHI, 1997, p. 43.

<sup>195</sup> Cf. REITERMAN, T.; JACOBS, J., 2008, posição 6114 de 15624.

<sup>196</sup> Cf. WESSINGER, C., disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=16601](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=16601) >. Acesso em: 26/04/2015.



Alguns de vocês são brancos, vocês parecem brancos, mas, queridos, vocês são negros como o “papai” Jim. Eu sei que são [...] Qualquer um na América que é pobre, seja ele branco, pardo, amarelo ou negro, e não admite que é um negro é um pobre tolo.<sup>197</sup>

O terceiro aspecto aponta que há sempre um perigo ou uma perseguição que vem do mundo exterior, como no caso do suicídio em massa que aconteceu em Waco, Texas, após a polícia ter iniciado, em 28 de fevereiro de 1993, um cerco à sede do movimento religioso denominado “Ramo Davidiano”, até que no 51º dia, ao se ver encurralado, o líder da seita, David Koresh, matou a si mesmo e aos demais membros de sua seita ao incendiar o local onde estavam refugiados.<sup>198</sup>

Situação semelhante aconteceu com a “Peoples Temple”, cujo líder, em sua paranoia, criou em sua mente e na de seus seguidores a ideia de que o governo americano os estava perseguindo e espionando.<sup>199</sup> A diferença entre o que aconteceu em Waco e em Jonestown está no fato de que no Texas houve realmente o ataque por parte do inimigo, enquanto que, na Guiana, a ameaça que o “inimigo” apresentava não passava de conjecturas que se articulavam na mente de Jim Jones, uma vez que ele acreditava que, após a morte do congressista Leo Ryan, eles seriam atacados por tropas guianesas e americanas.

O isolamento e afastamento do grupo sectário do resto da sociedade é o quarto aspecto a ser mencionado. Neste caso, o contato que o indivíduo tem com o mundo exterior é reduzido gradualmente até que ele cessa por completo. Esse aspecto será abordado de forma mais detalhada no próximo capítulo.<sup>200</sup>

<sup>197</sup> MOORE, R.; B. PINN, A.; R. SAWYER, M., 2004. p. 123. *Some of you whites, you danced, you look white, but honey, you're nigger like father Jim. I know you are [...] Anyone in America who's poor – white, brown, yellow, or black – and does not admit that he's a nigger is a damn fool.*

<sup>198</sup> Cf. ATOON, A. Leenaars; RONALD, W. Maris; TAKAHASHI, 1997, p. 43.

<sup>199</sup> Cf. PICK-JONES, Antoinette. *Jim Jones and the History of Peoples Temple*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=33190](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=33190) > . Acesso em: 26/04/2015.

<sup>200</sup> Cf. ATOON, A. Leenaars; RONALD, W. Maris; TAKAHASHI, 1997, p. 43.

O último aspecto em comum observado no suicídio coletivo é a morte por coerção imposta aos membros de uma seita ou o assassinato de esposas pelos esposos e de seus filhos.<sup>201</sup>

O fato que aconteceu em Jonestown no dia 18 de novembro de 1978 pode muito bem exemplificar esse aspecto. Naquele fatídico dia, 918 pessoas, dentre elas crianças, perderam suas vidas sob as ordens de seu líder.

Apesar de a maioria dos membros da seita estar disposta a entregar suas vidas pela causa, o quadro que Tim Reiterman retrata em seu livro para descrever aqueles momentos é assustador. Ele relata que

Os jovens gritavam, alguns lutavam para se livrar de seus presbíteros. Alguns tiveram o veneno injetados com seringas direto em suas gargantas, onde a ação reflexiva completaria o serviço. Pais e avós choravam histericamente ao verem seus filhos morrendo – não tão rapidamente e sem dor. O condenado se convulsionava e cerrava sua boca assim que o veneno começava a fazer efeito. Por vários minutos, eles gritavam, vomitavam e sangravam.<sup>202</sup>

Como se pode perceber, para que seja analisado o potencial de manipulação do discurso religioso proferido por Jim Jones e seus consequentes resultados, é necessário se apoiar não somente em conhecimentos linguísticos, mas também em conhecimentos extralinguísticos, uma vez que as ações humanas sofrem a influência do meio social em que o discurso se realiza.

### 3.4 O solus na manipulação: o isolamento como estratégia persuasiva em Jonestown

Este trabalho procurou apresentar até o momento os recursos linguísticos e extralinguísticos que atuam na manipulação. Porém, a capacidade manipulativa de uma pessoa pode se apoiar em outros recursos além dos que aqui foram

<sup>201</sup> Cf. ATOON, A. Leenaars; RONALD, W. Maris; TAKAHASHI, 1997, p. 43.

<sup>202</sup> REITERMAN, T.; JACOBS, J., 1982, posição 13426 de 15624. *Youngsters were bawling and screaming. Some were fighting, pulling away from their elders. Some had the potion shot to the back of their throats with syringes, where the swallowing reflex would bring it home. Parents and grandparents cried hysterically as their children died – not quickly and not painlessly. The doomed convulsed and gagged as the poison took effect. For several minutes, they vomited and screamed, they bled.* (tradução nossa)

apresentados até este ponto. Dentre eles, pode-se destacar o que atua no psicológico de uma pessoa, levando-a a se submeter às ordens de quem o manipula: o isolamento.

Nesta seção se discutirá como o distanciamento de um grupo da sociedade pode influenciar no poder manipulativo de seu líder.

O isolamento é definido como um controle psicológico que afasta o objeto a ser manipulado do mundo exterior.<sup>203</sup> Ele compreende o controle das atividades sociais de um indivíduo, por exemplo, quem ele visita, com quem ele conversa e aonde ele vai.<sup>204</sup>

Segundo o historiador americano Edward Cromarty, o isolamento social e econômico entre os indivíduos e instituições evita a interação deles com a camada superior da sociedade. Ele ainda acrescenta:

A interação social que se desenvolve dentro das comunidades marginalizadas cria novos comportamentos, novos sistemas de crenças e novas realidades. Os membros de sociedades isoladas tornam-se conscientes dessas diferenças, especialmente dentro das comunidades negras. As crenças dessas comunidades sobre sua realidade e do mundo exterior são reforçadas por sua pobreza e isolamento social. Em relação aos membros da “Peoples Temple”, esse sentimento foi exacerbado devido à sua transferência para uma comunidade extremamente isolada, o que permitiu a eles desenvolverem seus próprios valores, crenças e culturas, mas também os levou a perderem o foco nos valores do mundo exterior.<sup>205</sup>

<sup>203</sup> Cf. MORENO, Claudia García; PALLITO, Christina; DEVRIES, Karen; STÖCKL, Heidi; WATTS, Charlotte; ABRAHAMS, Naeemah. *Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence*. World Health Organization, 2013. p. 7.

<sup>204</sup> Cf. ROBINSON, Kathryn. *Taking a Spin Around the Power and Control Wheel*. <http://www.thehotline.org/2013/08/taking-a-spin-around-the-power-and-control-wheel/> Power and Control. Duluth Model. Retrieved April 19, 2014.

<sup>205</sup> CROMARTY, Edward. *Effects of Isolation on the Peoples Temple Agricultural Project*. Disponível em < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=30236](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=30236) >. Acesso em: 26/04/2015. *The social interaction that develops within disadvantaged communities creates new behaviors, belief systems, and realities. Members of isolated communities become aware of these differences, especially within black communities. The beliefs of these communities about their reality and the world outside are reinforced by their poverty and social isolation. For the members of Peoples Temple, this was exacerbated by its relocation to a community in an even more isolated setting – Jonestown in the jungles of northwestern Guyana – which allowed them to develop their own values, beliefs, and culture, but it also led them to lose focus on the values of the outside world.* (tradução nossa)



Apoiando-se nesses conhecimentos, a seguir, pretende-se analisar como Jim Jones se utilizou desse recurso com o propósito de manipular seus seguidores.

A intenção do líder da “Peoples Temple” ao se mudar com seu grupo para Jonestown era fugir das perseguições que sofria nos Estados Unidos e estabelecer naquele lugar uma comunidade agrícola que funcionasse nos moldes de uma sociedade comunista, em que todos, negros, brancos, judeus, pobres e ricos formassem uma só família, a “Rainbow Family”, e lá pudessem viver em harmonia e em igualdade de condições.<sup>206</sup>

A convicção de Jim Jones de que ele havia estabelecido uma sociedade comunista perfeita em Jonestown era tamanha que chegou uma vez a afirmar: “Nós somos os comunistas mais puros que existem.”<sup>207</sup>

Sua esposa, Marceline, a respeito da “Peoples Temple”, uma vez declarou que ela estava voltada a viver pelo socialismo, pela total igualdade econômica, racial e social. Eles estavam ali para viverem comunalmente.<sup>208</sup>

Entretanto, Jim Jones, devido aos seus devaneios e paranoias ocasionados pelo uso de drogas, contrariando os seus ideais comunistas, passou a agir de forma rígida e autoritária, usando até de punições físicas para forçar seus seguidores a obedecer-lhe e a cooperarem com os seus planos de implantação e condução de uma comunidade socialista naquele local.<sup>209</sup>

Um dos recursos usados por Jim Jones, o isolamento, ou *solus*, ao qual aquelas pessoas eram submetidas, contribuiu para que ele executasse seu plano de domínio e imposição sobre todos, uma vez que, distantes da

<sup>206</sup> Cf. MOORE, R. *A Sympathetic History of Jonestown: The Moore Family Involvement in Peoples Temple* (Studies in Religion and Society Vol 14). Lewiston, New York, U.S.A: Edwin Mellen Press, 1985. pp. 115-16.

<sup>207</sup> Cf. JONES, Jim. “*Transcript of Recovered FBI tape Q50.*” Alternative Considerations of Jonestown and Peoples Temple. Jonestown Project: San Diego State University. Disponível em: < <http://en.wikipedia.org/wiki/Jonestown> >. Acesso em: 26/04/3015.

<sup>208</sup> Cf. McGEHEE, Fielding M. *Q050 Transcript*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=27298](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=27298) > Acesso em: 26/05/2015.

<sup>209</sup> Cf. REITERMAN, T.; JACOBS, J., 1982, posição 6054-6062.



sociedade e de suas famílias, eliminava-se qualquer possibilidade de serem persuadidos a agirem contrariamente às ordens de seu pastor.

Uma vez estabelecidos nas selvas da Guiana Inglesa, eles perdiam todos os meios de comunicação com o mundo exterior. A comunidade era separada por uma estrada lamacenta a milhas do posto governamental mais próximo, em Kaituma. Na época de chuvas, o campo de pouso de Kaituma ficava fechado por semanas, e a única forma de ter acesso mais rápido à civilização era através de um bote. Em Jonestown, os membros tinham pouco contato até mesmo com as comunidades guianesas mais próximas. Esse isolamento fez com que aquele acampamento se tornasse um mundo em particular onde as pessoas passavam suas vidas envolvidas com suas tarefas e somente em contato com seus irmãos na fé.<sup>210</sup>

Os membros eram isolados até mesmo dos acontecimentos mundiais, uma vez que eram impedidos de obterem informações através dos meios de comunicação, tendo em Jim Jones a sua única fonte de informação. A intensidade da censura que Jim Jones usava para passar as informações não se comparava à distorção que ele fazia sobre elas.<sup>211</sup>

Até mesmo as informações que todos obtinham através dos escassos meios de comunicação disponíveis com o exterior eram supervisionadas e filtradas por Jim Jones.<sup>212</sup>

Jonestown não era um campo de concentração, mas havia muita dificuldade de se sair de lá. Uma vez que os fiéis lá chegavam, mesmo que se reunissem e tomassem a coragem para escapar, eram impossibilitados de fugir. Eles teriam que sair sorrateiramente do campo, onde eram constantemente vigiados, e percorrer os aproximadamente 350 quilômetros que os separavam da capital do país e daí marcharem até a embaixada americana, a qual eles acreditavam estar infectada com membros da “Peoples Temple”.

---

<sup>210</sup> Cf. HALL, Jhon R. *Gone from the Promised Land: Jonestown in American Cultural History*. New Brunswick, New Jersey: Transaction Publishers, 2001. p. 237.

<sup>211</sup> Cf. HALL, 2001, p. 237.

<sup>212</sup> Cf. REITERMAN, T.; JACOBS, J., 1982, posição 8159 de 15624.

Um outro elemento que dificultava a fuga de todos era a existência de um sistema de som que era mantido funcionando 24 horas por dia e que só o líder da seita podia usar. Isso permitia que Jim Jones se fizesse presente constantemente, ainda que não estivesse fisicamente na colônia, pois muitas vezes as suas falas eram reproduções de discursos gravados. Jim Jones usava desse mecanismo para propagar o medo entre seus fiéis, dizendo repetidamente que o mundo estava contra Jonestown. Com isso, ele criou um clima de medo contínuo, deixando os membros da igreja em constante alerta e preparados para um ataque iminente de forças bélicas que iriam destruir a comunidade.<sup>213</sup>

Também, para impedir a fuga de fiéis ou a formação de dissidentes no grupo, o pregador carismático usava o sistema de som para enviar a seguinte mensagem: “Estou mandando alguém embora esta noite. Alguém que vocês conhecem e em quem confiam. E eles vão agir como se quisessem ir embora. Mas é um gesto de lealdade. Vocês têm de convencê-lo a voltar.” Com essa estratégia, Jim Jones conseguia criar um clima de insegurança entre os fiéis, pois como podiam ter certeza de que as pessoas que expressassem o seu desejo de ir embora estavam sendo sinceras ou eram enviadas como espiões por Jim Jones? Com essa estratégia, ele criava vigias voluntários que, para não serem vistos como traidores da causa, denunciariam aqueles que tinham a intenção de desertar.<sup>214</sup>

Quanto à atitude de Jim Jones em isolar seu povo em meio à selva guianesa, Vernon Gowney, um ex-membro da seita, disse que “parte da filosofia de Jones era de que as relações familiares são doentias e precisam ser quebradas.”<sup>215</sup>

Os efeitos que o isolamento teve sobre os seguidores da “Peoples Temple” podem ser observados nas comunicações escritas feitas por uma das

<sup>213</sup> Cf. KOHN, Rachael. *Drinking Poison: Inside Jonestown*. Disponível em: < <http://www.holysmoke.org/wicca/jjones.htm> >. Acesso em: 26/05/2015.

<sup>214</sup> Cf. KOHN, Rachael. *Drinking Poison: Inside Jonestown*. Disponível em: < <http://www.holysmoke.org/wicca/jjones.htm> >. Acesso em: 26/05/2015.

<sup>215</sup> WUNROW, Rose, disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=29478](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=29478) >. Acesso em: 26/04/2015. *Part of [Jones'] philosophy was that family relationships are sick and need to be broken down.* (tradução nossa)

enfermeiras pessoais de Jim Jones, Annie Moore, uma aluna idealista do ensino médio que estava à procura de atividades com as quais se envolver para poder mudar o mundo. O interesse dela era ir para uma faculdade comunitária para estudar enfermagem e, assim, ser útil na “Peoples Temple”.<sup>216</sup>

As primeiras de suas cartas foram endereçadas à sua irmã Becky, entre 1972 e 1974, que começam com sua decisão de não ficar com ela em Washington após ter ido até à “Peoples Temple” para visitar sua outra irmã Carolyn Layton. Em uma de suas correspondências, escrita em 03 de setembro de 1972, Annie parece encantada com a mensagem socioliberal de Jim Jones e com o retorno da Peoples Temple à doutrina baseada nas ações, como nos tempos iniciais do cristianismo. Em relação a esse aspecto, Annie escreve: “É o único lugar onde já vi o verdadeiro cristianismo sendo praticado [...] Eu sinto o desejo de ser uma adepta porque tenho certeza de que não posso mudar o mundo sozinha.”<sup>217</sup>

Com o passar do tempo, percebe-se pelas suas correspondências o efeito que o isolamento em Jonestown trazia gradualmente sobre ela. Apesar de ainda manter um interesse em ajudar os pobres e menos favorecidos, ela dizia estar rodeada por homossexuais e não ter mais qualquer interesse em se casar um dia. Ela relata ainda sua participação em seções de aconselhamentos que duravam até as 5 da manhã, além de sua submissão a trabalhos constantes e privações de sono.

Já nos momentos finais da Peoples Temple, Annie escreve em 05 de novembro de 1978 um memorando para sua irmã Carolyn e também para Maria Katsaris, uma adepta do movimento, e outro para Jim Jones. Nessa correspondência, demonstrando já ter sido influenciada pelas ideias paranoicas de seu líder, ela relata o que seria uma conspiração articulada por Joyce Touchet, uma outra enfermeira da seita, para envenenar o líder da igreja.

<sup>216</sup> Cf. CROMARTY, Edward. *Effects of Isolation on the Peoples Temple Agricultural Project*. Disponível em < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=30236](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=30236) >. Acesso em: 26/04/2015.

<sup>217</sup> MOORE, Rebecca. *Letters from Annie Moore*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=14112](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=14112) >. Acesso em: 26/04/2015



Comparando suas primeiras cartas com o seu memorando de 5 de novembro de 1978, pode-se perceber como o isolamento em Jonestown mudou a sua percepção a respeito da realidade que a cercava. Havia em sua mente, além da preocupação constante de que a comunidade era alvo de investigação da CIA, a desconfiança de que a comida no campo podia estar sendo envenenada, tendo ela, inclusive, relacionado nesse memorando sinais que evidenciavam que Jim Jones estava sendo envenenado por Joyce Touchet.

Nem todos tinham a mesma opinião favorável a respeito de Jim Jones dentro da seita. Ao contrário da grande maioria, Deborah Layton, uma das dissidentes do grupo, comparou o seu líder aos ditadores Gaddafi, Idi Amim e Hitler, revelando que aqueles que se opunham às ideias do líder da seita eram considerados descartáveis e, como castigo, eram relegados ao ostracismo, sofrendo punições físicas, além de serem drogados.<sup>218</sup>

Deborah afirmou ainda que “as pessoas corajosas que falavam contra as atrocidades em Jonestown eram levadas para uma ‘unidade médica’ e colocadas em coma induzido por drogas. Outras tinham colocadas ao redor do pescoço uma cobra píton. As crianças que choravam por desejarem voltar para os Estados Unidos eram colocadas à noite dentro de um poço escuro. Um homem foi confinado à ‘caixa’ no subsolo onde ficou por semanas.”

A atmosfera de desconfiança entre os membros era tão grande que Deborah Layton chegou a afirmar várias vezes que ela não confiava em ninguém, nem mesmo em sua própria mãe.<sup>219</sup>

Outro aspecto relevante e que merece atenção é a política adotada em Jonestown para permitir que os membros da Peoples Temple deixassem o

---

<sup>218</sup> Cf. NEIGHBORS, Jacob, disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=34307](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=34307) >. Acesso em: 26/04/2015.

<sup>219</sup> Cf. NEIGHBORS, Jacob, disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=34307](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=34307) >. Acesso em: 26/04/2015.



local com o propósito de viajar para além dos limites da colônia. Jim Jones não permitia que ninguém saísse do acampamento sem sua prévia autorização.<sup>220</sup>

Com base no exposto, pode-se afirmar que o isolamento a que as pessoas em Jonestown estavam submetidas trouxe como consequência uma perda de suas identidades de tal forma que passaram a ser moldadas em conformidade com os pontos de vista de Jim Jones.

Uma vez dominados mentalmente, não foi difícil para Jim Jones convencer a todos da necessidade de cometerem coletivamente o “suicídio revolucionário” como uma forma de protesto contra o sistema que os oprimia e para se livrarem de seus algozes.



---

<sup>220</sup> Cf. REITERMAN, T.; JACOBS, J., 2008, p. 451.

## CONCLUSÃO

Este trabalho se deteve em estudar o discurso religioso com o intuito de encontrar nele os mecanismos e estratégias manipulativas que deram a Jim Jones, líder da seita religiosa “Peoples Temple”, poder para induzir centenas de seus seguidores a atentarem contra suas próprias vidas.

Ao se analisar os discursos de Jim Jones à luz da semiótica greimasiana, acreditou-se que ele usou pelo menos três estratégias manipulativas, pois ele tentou seus seguidores quando procurou levá-los a acreditar que teriam uma existência de paz em uma vida após a morte. Ele os intimidou quando, após ordenar o assassinato do congressista dos Estados Unidos, citou as retaliações que sofreriam do governo americano, caso não tirassem suas próprias vidas. A sedução se fez presente no momento em que ele, para massagear o ego de seus fieis, dizia que eles faziam parte do povo escolhido por Deus.

A reversibilidade, uma propriedade do discurso, entendida por Eni Orlandi como a troca de lugares entre os interlocutores discursivos, foi outro aspecto aqui analisado e que teve grande valor para se compreender os processos que envolvem a manipulação discursiva, cuja abordagem se deu no capítulo 2 deste trabalho.

Devido a essa propriedade, deduziu-se que os membros da seita, ao ouvirem Jim Jones proferir seus sermões e vê-lo realizar supostos milagres, tinham a impressão de que a divindade se manifestava em sua pessoa.

Aqui, é relevante esclarecer que, para que a divindade “desça” até o homem e nele se manifeste, é preciso que essa pessoa esteja munida de uma autoridade outorgada por um poder instituído. No caso da “Peoples Temple”, Jim Jones outorgou a si mesmo essa autoridade, tendo em vista que ele representava todo o poder existente no movimento.

Para se analisar o tipo de liderança que Jim Jones exercia sobre seus seguidores, fez-se necessário uma análise sociológica com base nos trabalhos

de Max Weber, após a qual, julgou-se ter encontrado em Jim Jones traços que o apontavam como possuidor de um dom muito comum nas pessoas que assumem um papel de liderança em uma comunidade religiosa: o carisma, o qual confere a quem o possui a imagem de um herói, de um semideus, de uma pessoa portadora de poderes excepcionais.

Acredita-se que a conjugação desses dois recursos – a ilusão da reversibilidade e o carisma – foi o que levou os fiéis da “Peoples Temple” a obedecerem ao seu líder, sem questionar as suas ordens.

Devido ao seu posicionamento contrário ao capitalismo e aos ensinamentos da Bíblia, os enunciados de Jim Jones eram carregados de conteúdos políticos e de religiosidade, o que poderia desclassificá-los como discursos religiosos. Isso demandou, no segundo capítulo deste trabalho, uma análise para que se pudesse averiguar a verdadeira natureza dos enunciados proferidos por aquele pastor à sua congregação.

Após o estudo, deduziu-se que os enunciados de Jim Jones, apesar de às vezes serem intercalados por conteúdos políticos, tratavam-se realmente de discursos religiosos, tendo em vista que havia neles a presença de marcas peculiares desse tipo discursivo, tais como, o uso de imperativos, vocativos, metáforas, perífrases e sintagmas cristalizados.

Para uma melhor compreensão do efeito persuasivo dos discursos de Jim Jones, ainda no segundo capítulo, foi feita uma análise dos elementos retóricos neles contidos. Para tal, buscou-se nos estudos retóricos feitos pelo linguista Dominique Maingueneau os saberes necessários para se entender o papel que a imagem (ethos), a emoção (pathos) e a lógica (logos) têm na persuasão.

Através de análises, foi possível supor que Jim Jones construía o seu ethos de maneira indireta através da forma que ele usava a palavra e através de suas ações, tendo em vista que ele praticava gestos altruístas para transmitir aos seus seguidores a imagem de uma pessoa bondosa, idônea e comprometida com a causa dos menos favorecidos.

Quanto ao pathos, em muitos de seus discursos, verificou-se que Jim Jones provocava em sua audiência emoções como o ódio, o desespero, o medo, a esperança, o terror, tudo com o intuito de provocá-los e torná-los um alvo mais fácil de seus discursos manipulativos.

Durante os estudos, entendeu-se que, quando o uso de sua imagem ou o apelo à emoção era insuficiente para convencer as pessoas, Jim Jones apelava para os discursos lógicos, como o que ocorreu entre ele e uma dissidente do grupo, Christine Miller, que se recusava a concordar com seus planos, pois ela acreditava que o suicídio coletivo não era a melhor saída para se resolver a situação em que se encontravam.

Em virtude de a mente ser a sede das ações humanas, o terceiro capítulo deste trabalho foi dedicado a analisar as técnicas manipulativas de lavagem cerebral, dentre elas, o cansaço causado por excesso de esforço físico e a privação do sono.

Com base nos resultados da análise, julgou-se que Jim Jones usou de técnicas de lavagem cerebral para controlar as ações de seu grupo religioso, pois, em Jonestown, ele impunha sobre seus seguidores uma carga de trabalho sobremodo demasiada, além de privá-los de sono, para enfraquecê-los física e mentalmente e, assim, torná-los incapacitados de desobedecerem às suas ordens.

A Análise Crítica do Discurso, por ser uma fonte rica no que diz respeito ao papel da mente da manipulação, embasou também algumas argumentações apresentadas no terceiro capítulo desta pesquisa. Neste campo, encontra-se o linguista Teun van Dijk, cujas pesquisas forneceram informações importantes que deram indícios de que Jim Jones usava de técnicas de manipulação mental para manipular seus seguidores.

Após buscar em fatores linguísticos e mentais as explicações para o ocorrido em Jonestown, procurou-se, no capítulo 3, com base nos estudos de Émile Durkheim, os elementos sociais que explicam o ato suicida.



Os estudos feitos nesse sentido, permitiram entender que o que ocorreu em Jonestown foi um caso de suicídio altruísta, uma vez que, unidos por uma crença, todos se entregaram à morte de forma voluntária.

Um ponto interessante que pôde ser observado a partir dessa análise social foi a constatação de que, ao contrário do que se espera, a integração de uma pessoa a um grupo religioso não afasta a possibilidade de que ela cometa suicídio, uma vez que um dos preceitos desses movimentos é o autossacrifício, sob qualquer circunstância.

Conforme os estudos conduzidos, acreditou-se que o isolamento ao qual estavam submetidos os membros da “Peoples Temple” foi também um fator relevante que contribuiu para que eles fossem manipulados, pois, isolados do mundo exterior, perderam suas identidades e, fragilizados, tiveram suas crenças e valores substituídos por aqueles defendidos por Jim Jones.

Assim, após uma análise para encontrar os mecanismos persuasivos presentes nos discursos religiosos de Jim Jones, julgou-se que, além de seu carisma e das características autoritárias de seus discursos, outros fatores, como, a ilusão da manifestação divina em sua pessoa, a sua imagem, o altruísmo e o isolamento de seu grupo, somados à manipulação dos registros mentais de seus seguidores contribuíram para a tragédia em Jonestown.

Os resultados obtidos através deste trabalho alertam para os perigos a que estão submetidas as pessoas que confiam cegamente em líderes mal intencionados, os quais, se apresentando como alguém confiável, podem conduzi-las por caminhos cujo fim é a destruição.

Ainda hoje é possível encontrar lideranças que se apoiam em seus discursos e que, de posse da autoridade que a elas é conferida, se colocam como “deuses” diante de seus seguidores para os manipularem e atingirem seus interesses egoísticos.

## REFERÊNCIAS

A *BÍBLIA, Velho Testamento e Novo Testamento*. Versão revisada da tradução de João Ferreira de Almeida. 4ª impressão. Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1988.

ABBOTT, G.; Goldsmith, J.; Nussbaum, M. C. *On nineteen eighty-four: Orwell and our future*. Princeton, N.J: Princeton University Press, 2005.

ABREU, Antonio Suarez. *A Arte de Argumentar*. 5 ed. São Paulo: Ateliê Editora, 2002.

ALVES, Fátima; ARÊDES, José; Carvalho, José; Correia, Carlos João. *Pensar Azul*. 10º ano. Lisboa: Texto Editores, 2012.

AMOSSY, Ruth. *O Ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos*. In: AMOSSY, Ruth. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

AUGOUSTINOS, M. & WALKER, I. *Social Cognition: in integrated introduction*. London: Sage. 1995.

AUSTIN, John L. *How to Do Things with Words*, 2<sup>nd</sup> ed., edited by M. Sbisà and J. O. Urmson, Oxford: Oxford University Press, 1975.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. 4. ed. São Paulo: Editora Parma LTDA., 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Estudos do Discurso*. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à Linguística (Vol. 2): Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

BILAC, Olavo. *Obra Reunida*. Org. e introd. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

BRÄKLING, Kátia Lomba. *Trabalhando com artigo de opinião: revisitando o eu no exercício da (re) significação da palavra do outro*. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN*. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

BRYANT, Clifton D.; PECK, Dennis L. *Encyclopedia of Death and The Human Experience*. California, USA: SAGE Publications, 2009.

BUNGE, Mário. *La ciencia, su Método y su Filosofía*. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1974.

CALIC, Edouard. *Ohne Maske: Hitler-Breiting Geheimgespräche*. Frankfurt: Frankfurter Societäts-Druckerei, 1968.

CAREY, S. Journal article. *Cognitive science and science education*, 1986

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2ª. ed., São Paulo: Contexto, 2008.

CHENGKANG, Khoo. *Maybe Yes! Maybe No!* Singapore: Trafford Publishing, 2013.

CHIDESTER, D. *Salvation and Suicide: Jim Jones, the Peoples Temple, and Jonestown*. Bloomington, Indiana. EUA: Indiana University Press, 2003.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*, São Paulo: Editora Ática, 2002.

DASCAL, Marcelo. *O Ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica*. In: AMOSSY, Ruth. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

DIJK, T. A. v. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2010.

DIJK, T. A. v. *Elite, Discourse and Racism*. Newbury Park. California: SAGE Publications 1993.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio: estudo de caso*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio: Um Estudo Sociológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.1982.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário do Aurélio*. Disponível em < <http://dicionariodoaurelio.com/manipular> >. Acesso em: 25/05/2015.

FESTINGER, Leon. *A Theory of Cognitive Dissonance*. Evanston, White Plains: Row, Peterson and Co., 1957.

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

FOSS, S. K., *Rhetorical Criticism: Exploration & Practice* (2nd ed.). Illinois: Waveland Press. 1996.

GARCIA, Othon M. "Argumentação". In *Comunicação em prosa moderna*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2000.

GREEN, M. *I Believe in Satan's Downfall*. Eerdmans Publishing Company. Grand Rapids, Michigan, EUA, 1981.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. 9 ed. Tradução de diversos autores. São Paulo: Cultrix, 1989.

HALL, Jhon. R. *Gone from the Promised Land: Jonestown in American Cultural History*. New Brunswick, New Jersey: Transaction Publishers, 2001.

HAMMER, O.; ROTHSTEIN, M. *The Cambridge Companion to New Religious Movements*. Cambridge: Cambridge University Press. 2012.

HASSAN, Steven. *Releasing the bonds: empowering people to think for themselves*, 1<sup>st</sup> edition. USA: Freedom of Mind Press, Somerville, MA. EUA, 2000.

HOEY, Michael. *Patterns of lexis in text*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

INDURSKY, Freda. *A prática discursiva da leitura* in ORLANDI, Eni O. Puccinelli (org). *A leitura e os leitores*. Campinas/SP: Pontes, 1998.

JANSSENS, Kahil. *God Dammit!* Mobius Publications. Ghent: Bélgica, 2012.

KENNEDY, G. A. *Aristotle On Rhetoric: A Theory of Civic Discourse*, (2nd Ed.) Oxford, New York: Oxford University Press. 2007.

LEENAARS, Antoon A.; MARIS, Ronald W.; TAKAHASHI, Yoshitomo. *Suicide: individual, cultural, international perspectives*. New York. USA: The Guilford Press, 1997.

LESKO, Kristin; NELSON, Stanley; SAMELS, Mark; TURNER, Christine; WALKER, Noland. *Jonestown: The Life and Death of Peoples Temple*. [filme-video]. Direção de Stanley Nelson. USA: PBS, 2006. 1 DVD VHS / NTSC. 86 minutes. Dolby Digital 2.0. Stereo.

MAINGUENEAU, D. *A Noção de Ethos Discursivo*. In: MOTTA, A. R. & SALGADO, L. (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Le contexte de l'oeuvre littéraire*. Paris: Dunod, 1993.

MARSHALL; TRACY, P. *Inside Peoples Temple*. New West Magazine: California Historical Society, Moore Family Papers, agosto de 1977.

METCALFE, S., *Bulding a Speech*. 8a ed., Boston: Wadsworth, 2013.



MOORE, R. *A Sympathetic History of Jonestown: The Moore Family Involvement in Peoples Temple* (Studies in Religion and Society Vol 14). Lewiston, New York, U.S.A: Edwin Mellen Press, 1985.

MOORE, Rebecca. *Letters from Annie Moore*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=14112](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=14112) >. Acesso em: 26/04/2015

MOORE, R; PINN, Antony B.; SAWYER, Rebeca M. *Peoples Temple and Black Religion in America*. Bloomington, Indiana. EUA: Indiana University Press, 2004.

MORENO, Claudia García; PALLITO, Christina; DEVRIES, Karen; STÖCKL, Heidi; WATTS, Charlotte; ABRAHAMS, Naeemah. *Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence*. World Health Organization. 2013.

MUSSALIM, Fernanda. *Análise do discurso* In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

NEHRING, Daniel; PLUMMER, Ken. *Sociology: An Introductory Textbook and Reader*. New York, USA: Pearson Education Limited, 2013.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1999.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento: As formas do discurso*, 6. ed. Campinas: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes, 1990.

PERELMAN, Chaïm. *Argumentação*. In: *Enciclopédia Einaudi*, v. 11, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987.

PERELMAN, Chaïm. *Lógica jurídica*. Tradução Vergínia K. Pupi. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTEECA, L. *Tratado da argumentação – A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REITERMAN, T.; JACOBS, J. *Raven: The Untold Story of the Rev. Jim Jones and His People*. Penguin books Ltd. New York: Dutton. 2008.

ROBINSON, Kathryn. *Taking a Spin Around the Power and Control Wheel*. <http://www.thehotline.org/2013/08/taking-a-spin-around-the-power-and-control-wheel/> Power and Control. Duluth Model. Retrieved April 19, 2014.

ROKHIN, L.; Pavlov, I. & Popov, Y. *Psychopathology and Psychiatry*. Foreign Languages Publication House: Moscow. 1963.

ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a Graça*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005.

SCHEERES, Julia. *A Thousand Lives: The Untold Story of Hope, Deception, and Survival at Jonestown*. New York: Free Press, 2011.

SINA, A. *Understanding Muhammad*. 4th revised edition. E.U.A: Felibri publications, 2008.

TIBBOTT, Julie. *Members Only: Secret Societies, Sects, and Cults Exposed!* San Francisco, USA: Zest Books, 2014.

WEBER, M. - *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*, vol. 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

WEBER, M. *Ensaio de Sociologia*. Editora Guanabara. Rio de Janeiro, 1982.

WEINSCHENK, Susan. *100 Things Every Presenter Needs to Know About People*, Berkeley, CA. USA: New Riders, 2012.

WODAK, R. *And Where Is the Lebanon? A Socio-Psycholinguistic Investigation of Comprehension and Intelligibility of News*, Text 7(4): 1987.

YEE, Min S. & THOMAS Layton. *In My Father's House*. New York: Holt, Rinehart & Winston. 1981.

#### SÍTIOS PESQUISADOS:

BELLEFOUNTAIN, Michael. Q987 *Transcript*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=27635](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=27635) > Acesso em: 25/04/2015.

BROOKS, T. *How did Jim Jones manage to gain such control over his followers?* Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=33150](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=33150) > Acesso em: 26/04/2015.

CROISILE, Bernard. *Como Nossa Memória Funciona*. Disponível em: < [https://www.superaonline.com.br/blog/template\\_permalink.asp?id=121](https://www.superaonline.com.br/blog/template_permalink.asp?id=121) > Acesso em: 26/04/2015.

CROMARTY, Edward. *Effects of Isolation on the Peoples Temple Agricultural Project*. Disponível em < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=30236](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=30236)>. Acesso em: 26/04/2015.

JONES, Jim. *"Transcript of Recovered FBI tape Q50."* Alternative Considerations of Jonestown and Peoples Temple. Jonestown Project: San Diego State University. Disponível em: < <http://en.wikipedia.org/wiki/Jonestown> >. Acesso em: 26/04/2015.

KOHL, R.. *The Tragedy of 1978*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=31995](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=31995) >. Acesso em: 25/04/2015.

KOHN, Rachael. *Drinking Poison: Inside Jonestown*. Disponível em: < <http://www.holysmoke.org/wicca/jjones.htm> >. Acesso em: 26/05/2015.

LISAGOR, T. *Jim Jones and Christine Miller: An Analysis of Jonestown's Final Struggle*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=30294](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=30294) > . Acesso em: 26/04/2015.

MAAGA, Mary. Q042 *Transcript*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=29083](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=29083) > Acesso em: 24/04/2015.

MAAGA, Mary. *Suicide Tape Transcript*. Disponível em: < [http://employees.oneonta.edu/downinll/mass\\_suicide.htm](http://employees.oneonta.edu/downinll/mass_suicide.htm) >. Acesso em: 24/04/2015.

MADDOX, Cynthia. *Early Life of Jim Jones*. Disponível em: < <http://dangerouskindofmadness.blogspot.com.br/2008/07/early-life-of-jim-jones.html> >. Acesso em: 24/04/2015.

MARCHIORI, Marlene et al. *Comunicação e Discurso: Construtos que se relacionam e se distinguem*. 2010. Disponível em: < [http://www.abrapcorp.org.br/anais2010/GT2/GT2\\_Marchiori\\_et al.pdf](http://www.abrapcorp.org.br/anais2010/GT2/GT2_Marchiori_et al.pdf)>. Acesso em: 24/04/2015.

McGEHEE, Fielding M. Q050 *Transcript*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=27298](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=27298) > Acesso em: 26/05/2015.

McGEHEE, Fielding M. Q1059-3 *Transcript*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=27333](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=27333) >. Acesso em: 25/04/2015.

McGEHEE, Fielding M. Q1053-1 *Transcript*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=27317](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=27317) >. Acesso em: 26/04/2015.

NEIGHBORS, Jacob. *Obey Your Father: Jim Jones' Rhetoric of Deadly Persuasion*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=34307](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=34307)> Acesso em: 25/04/2015.

OSHEROW, Neal. *Making Sense of the Nonsensical: An Analysis of Jonestown*. Disponível em: < <http://www.guyana.org/features/jonestown.html>>. Acesso em: 21/04/2015.

PALSHIKAR, K. *Charismatic Leadership*. Disponível em: < [https://www.academia.edu/7334696/Charismatic\\_Leadership](https://www.academia.edu/7334696/Charismatic_Leadership) > Acesso em: 25/04/2015.



QUINTÁS, Alfonso López. *A Manipulação do Homem através da Linguagem*. Disponível em: < <http://www.hottopos.com/mp2/alfonso.htm> >. Acesso em: 24/04/2015.

QUINTILIAN, *Institutio Oratoria*. The Loeb Classical Library, Trad. H.E. Butler, 1920 apud MENDES, Eliana Amarante de M. *Emoção e Falácias: a retórica de Adolf Hitler*. EID&A: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação. Disponível em < <http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista4/eidea4-03.pdf> >. Acesso em: 25/04/2015.

PERRY, Vicki. *Annotated Transcript Q951*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=62840](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=62840) > . Acesso em: 25/04/2015.

PICK-JONES, Antoinette. *Jim Jones and the History of Peoples Temple*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=33190](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=33190) > . Acesso em: 26/04/2015.

SARAH, L. *The Effects of Sleep Deprivation on Brain and Behavior*. Disponível em: < <http://serendip.brynmawr.edu/exchange/node/1690> > . Acesso em: 26/04/2015.

SARGANT, W. *A Luta pela Mente*. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores. 2002. 432 p. Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/mente.pdf> > Acesso em: 26/04/2015.

SMITH, J. Z. *Imagining Religion*. Disponível em: < <http://faculty.vassar.edu/jamorrow/jt.html> >. Acesso em: 25/04/2015.

STUPHEN, D. *A Batalha pela sua Mente*. Disponível em: < <http://www.porthal.org/downloads/A%20Batalha%20pela%20sua%20Mente.pdf> > Acesso em: 26/04/2015.

VIRGEN, Rebecca-Jayne. *The Modus Operandi of Modern Religious Movements*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=34342](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=34342) > Acesso em: 25/04/2015.

WESSINGER, C. 1978 – *Jonestown*. Disponível em: [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=16601](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=16601) >. Acesso em: 26/04/2015.

WILLIAMS, Matt. *The Jonestown Massacre*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=31462](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=31462) > Acesso em: 25/04/2015.

WUNROW, Rose. *The psychological massacre: Jim Jones and Peoples Temple: An Investigation*. Disponível em: < [http://jonestown.sdsu.edu/?page\\_id=29478](http://jonestown.sdsu.edu/?page_id=29478) >. Acesso em: 26/04/2015.



## ANEXO

### ANEXO A – Membros e ambiente da seita Peoples Temple



Entrada de Jonestown

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Visão aérea de Jonestown

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Localização geográfica de Jonestown

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Carolyn Layton, Annie Moore, John Moore

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Barbara Moore com Kimo Prokes

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Christine Miller

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Leo Ryan

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Campo de pouso em Kaituma

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>





Maria Katsaris e seu irmão

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Jim Jones quando criança

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Jim Jones

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>





Jim Jones batizando uma nova adepta

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Jim Jones realizando uma suposta cura

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Marceline Jones

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Jim Jones com as crianças de Jonestown

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Uma das adeptas da seita

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Construindo Jonestown

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>

## Why Jim Jones Should Be Investigated

It is literally impossible to guess how much money and property people gave Jim Jones in the twelve years since he moved his Peoples Temple to California. Some, like Laura Cornelious, gave small things like watches or rings. Others, like Walt Jones, sold their homes and gave the proceeds to the temple.

According to nearly all the former

produced the necessary change." The article goes on to describe a "wrestling match" that sounds all too similar to the "boxing matches" some former temple members described. If there is even the slightest chance of mistreatment of the 130 youths the temple claims to have under its guidance in Guyana, a complete investigation by both state and

Recorte de um Jornal da época

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>





Resultado da tragédia

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Recolhimento dos corpos em Kaituma

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Fita cassete Q135













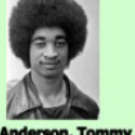










Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>



Persons Who Died: including PT (11/18 &amp; prior) and Ryan Party: 925 people

Preliminary version 9/6/2011

page 1 of 39

 <b>Addison, Stephen Michael</b> 34yr 5/4/1944	 <b>Albudy, Ida Marie</b> 72yr 8/26/1906	 <b>Alexander, Lillian Boyd</b> 72yr 2/17/1906	 <b>Amos, Linda Sharon</b> 42yr 7/4/1936	 <b>Amos, Martin Laurence</b> 10yr 4/19/1968	 <b>Amos, Wayborn Christa</b> 11yr 3/7/1967
 <b>Anderson, Jerome Dwayne</b> 18yr 10/30/1960	 <b>Anderson, Marcus Anthony</b> 15yr 7/29/1963	 <b>Anderson, Marice St. Martin</b> 16yr 7/22/1962	 <b>Anderson, Orelia</b> 68yr 6/8/1910	 <b>Anderson, Samuel Moses</b> 67yr 4/12/1911	 <b>Anderson, Shantrell Akpon</b> 7yr 11/7/1971
 <b>Anderson, Tommy Lee</b> 18yr 12/25/1950	 <b>Anderson, Vivian Ida</b> 69yr 1/1/1909	 <b>Arnold, Luberta "Birdie"</b> 71yr 2/27/1907	 <b>Arterberry, Linda Theresa</b> 29yr 12/6/1948	 <b>Arterberry, Ricardo David</b> 10yr 1/15/1968	 <b>Arterberry, Traytease Lanette</b> 7yr 4/8/1971
 <b>Atkins, Lydia</b> 30yr 10/4/1948	 <b>Atkins, Ruth</b> 74yr 3/4/1904	 <b>Backmon, Viola Elaine</b> 28yr 3/23/1950	 <b>Bacon, Monique</b> 2yr 4/6/1976	 <b>Bailey, Geraldine Harriett</b> 66yr 3/23/1912	 <b>Bailey, Mary Jane</b> 63yr 9/6/1915

Preliminary: July 2011 by Don Beck for Jonestown Institute [http://jonestown.sdsu.edu] Photos: © California Historical Society, SF CA.

Pessoas que morreram em Jonestown

Fonte: <http://jonestown.sdsu.edu/?gallery=moore-family-photos-1978>

Faculdade Unida de Vitória